



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CAMPUS DE GOIABEIRAS – VITÓRIA ES

BRUNO GOMES DE ARAÚJO LACERDA

PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: contribuições dos
esportes adaptados como ferramenta inclusiva.

Vitória/ES

2025



BRUNO GOMES DE ARAÚJO LACERDA

PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: contribuições dos esportes adaptados como ferramenta inclusiva.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional da Universidade do Espírito Santo/UFES e ao Núcleo de Educação à Distância da universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - NEAD/UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha

Vitória/ES

2025

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



CAPES

unesp

CDEP3
Coordenação de Desenvolvimento
Profissional e Práticas
Pedagógicas da Unesp
Professora Actura Chaves

UFERN

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

UFES
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UFES-ICAT

UFAM

UFPA

UFPA

Universidade de Brasília

UEM
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE MARINGÁ

UNICUI
UNIVERSIDADE
CENTRO-OESTE

UPR
UNIVERSIDADE
PARANÁ

UNIOESTE
UNIVERSIDADE
DO OESTE DO PARANÁ

UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE SÃO BERNARDO
DO CAMPO

UESB

UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO

INSTITUTO FEDERAL
Sul de Minas Gerais

INSTITUTO FEDERAL
Sudeste de Minas Gerais

INSTITUTO FEDERAL
Ceará

UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIMONTES
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE MONTE CARLO

UNIMONTES

UFRJ
UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

G633p Gomes de Araújo Lacerda, Bruno, 1976-
PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: :
contribuições dos esportes adaptados como ferramenta inclusiva. /
Bruno Gomes de Araújo Lacerda. - 2025.
172 f. : il.

Orientador: Luiz Alexandre Oxley da Rocha.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em
Rede) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de
Educação Física e Desportos.

1. Educação Física. 2. Inclusão. 3. Esporte Adaptado. I. Oxley
da Rocha, Luiz Alexandre. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

BRUNO GOMES DE ARAÚJO LACERDA

PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: contribuições dos esportes adaptados como ferramenta inclusiva.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade do Espírito Santo/UFES e ao Núcleo de Educação à Distância da universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - NEAD/UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Profº. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha

Data da defesa: 16/05/2025

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profº. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Profª. Drª. Maria das Graças Carvalho Silva de Sá
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Prof. Dr. Antônio Carlos Moraes
Universidade Federal do Espírito Santo

Local: Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desportos - **UFES – Campus de Vitória/ES**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA - SIAPE 2204027
Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 19/05/2025 às 11:41

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.ucs.ufes.br/arquivos-assinados/1131881?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ANTONIO CARLOS MORAES - SIAPE 1216735
Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 19/05/2025 às 17:38

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.ucs.ufes.br/arquivos-assinados/1132371?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
MARIA DAS GRACAS CARVALHO SILVA DE SA - SIAPE 2298892
Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 19/05/2025 às 17:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api-lepisma.prod.ucs.ufes.br/arquivos-assinados/1132377?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder força, saúde e sabedoria para concluir este trabalho. Sua presença foi o alicerce que me sustentou em cada etapa desta jornada.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica, pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, que tornou possível a realização deste sonho.

Ao meu orientador, Professor Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha, pela orientação dedicada, paciência e pelas valiosas contribuições que enriqueceram este processo. Sua sabedoria e apoio foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

À Professora Dra. Maria Das Graças Carvalho Silva de Sá, que me fez acreditar e me apaixonar por Paulo Freire, despertando em mim o encantamento pela inclusão e estimulando minha busca por um ensino mais humano e transformador. Sua paixão pela área, a forma como compartilhou seu conhecimento e sua paciência foram verdadeiramente inspiradoras.

Ao Professor Dr. Antônio Carlos por suas importantíssimas contribuições nesta pesquisa e expressar minha profunda gratidão por toda a sua orientação, apoio e incentivo durante esta jornada do mestrado. Sinto que aprendi muito, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Muito obrigado por tudo!

Aos professores que, com seus ensinamentos e apoio, guiaram minha caminhada acadêmica, compartilhando conhecimentos e inspirando meu crescimento.

Aos meus colegas de curso turma 04, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, oferecendo apoio, motivação e amizade, especialmente nos desafios mais difíceis.

À Universidade Federal do Espírito Santo, por proporcionar um ambiente de aprendizado, reflexão e crescimento, onde pude desenvolver não apenas minha formação acadêmica, mas também minha visão de mundo.

Aos meus alunos, participantes desta pesquisa, que embarcaram comigo nessa jornada, compartilhando suas experiências e confiando em meu trabalho. Vocês foram essenciais para a realização deste projeto.

À minha esposa Janaina, o meu mais profundo agradecimento por sua presença constante, paciência inabalável e apoio generoso ao longo de toda esta jornada. Sua compreensão nos momentos de ausência, sua escuta atenta diante das inquietações e, sobretudo, sua contribuição afetiva e intelectual foram fundamentais para que eu pudesse seguir firme na construção deste trabalho. Mais do que uma companheira de vida, você foi um pilar indispensável neste processo.

Por fim, à minha querida família, que sempre acreditou em mim, me deu forças e esteve ao meu lado em cada passo. Seu amor incondicional foi minha maior motivação para seguir em frente e alcançar este objetivo.

Esta conquista é dedicada a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Muito obrigado!



A inclusão acontece quando “se aprende com as diferenças, e não com as igualdades”

Paulo Freire, 1998. p

GOMES, Bruno de Araújo Lacerda. **PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA : Contribuições dos esportes adaptados como ferramenta**. Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha. 2025. 174 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) — Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025.

RESUMO

A inclusão e a participação ativa de alunos com deficiência no contexto escolar são temas centrais nas áreas de Educação Física e Educação Inclusiva. Este estudo busca problematizar as possíveis contribuições dos esportes adaptados como ferramenta inclusiva para alunos/as com e sem deficiência nas aulas de Educação Física, numa escola na zona rural de Marataízes/ES. A pesquisa destaca a Educação Física Inclusiva como um caminho promissor para valorizar a diversidade humana, e foi fundamentada em vivências práticas do esporte adaptado, como goalball, futsal convencional e futebol de 5, vôlei convencional e sentado, basquetebol convencional e adaptado, e atletismo convencional e adaptado, incluindo corrida adaptada. A metodologia utilizada caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa participante, inspirada no referencial da pesquisa-ação, desenvolvida junto a uma turma do nono ano do ensino fundamental. Os esportes adaptados foram tematizados durante as aulas do primeiro e segundo trimestres letivo de 2024, por meio de uma unidade didática que possibilitou apresentar e, em seguida, levar os alunos a vivenciar tais modalidades. Isso desencadeou discussões acerca das interações entre os jogadores, apontando suas convergências e divergências em relação aos esportes convencionais e aos adaptados. Por fim, debateu-se a percepção dos alunos em relação ao uso dos esportes adaptados e à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, além de proporcionar essa experiência com alunos sem deficiência. As aulas foram estruturadas metodologicamente conforme as abordagens crítico-superadora e crítico-emancipatória. Para a coleta de dados, aplicou-se uma entrevista aos alunos da turma, cujas respostas foram analisadas por meio de análise de conteúdo, registro fotográfico, avaliação destinada aos alunos sobre o tema proposto. Os resultados demonstraram que o acesso às práticas esportivas adaptadas suscitou, na turma, reflexões positivas sobre a inclusão, a possibilidade de se colocar no lugar do outro, a resignificação do olhar acerca da pessoa com deficiência (deixando de percebê-la como incapaz), entre outras reflexões tecidas pelos alunos após a conclusão das práticas. A partir dessas vivências, acredita-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais efetivas, que valorizem a diversidade e promovam a participação ativa de todos os alunos, independentemente de suas limitações.

Palavras-chave: Inclusão. Educação Física. Esporte adaptado.

GOMES, Bruno de Araújo Lacerda. **PROMOVENDO A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA : Contribuições dos esportes adaptados como ferramenta**. Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha. 2025. 174 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) — Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025.

ABSTRACT

The inclusion and active participation of students with disabilities in the school context are central themes in the areas of Physical Education and Inclusive Education. This study seeks to problematize the possible contributions of adapted sports as an inclusive tool for students with and without disabilities in Physical Education classes, at a school in the rural area of Marataízes/ES. The research highlights Inclusive Physical Education as a promising path to value human diversity, and was based on practical experiences of adapted sports, such as goalball, conventional futsal and 5-a-side football, conventional and sitting volleyball, conventional and adapted basketball, and conventional and adapted athletics, including adapted running. The methodology used is characterized as a qualitative participatory approach research, inspired by the reference of action research, developed with a ninth-grade class of elementary school. Adapted sports were thematized during classes in the first and second academic terms of 2024, through a didactic unit that made it possible to present and then lead students to experience such modalities. This triggered discussions about the interactions between players, highlighting their similarities and differences in relation to conventional and adapted sports. Finally, the students' perceptions regarding the use of adapted sports and the inclusion of students with disabilities in Physical Education classes were discussed, in addition to providing this experience with students without disabilities. The classes were structured methodologically according to the critical-overcoming and critical-emancipatory approaches. To collect data, an interview was applied to the students in the class, whose answers were analyzed through content analysis, photographic records, and evaluation aimed at the students on the proposed theme. The results showed that access to adapted sports practices aroused, in the class, positive reflections on inclusion, the possibility of putting oneself in the other's shoes, the redefinition of the view of the person with disabilities (no longer perceiving them as incapable), among other reflections made by the students after completing the practices. Based on these experiences, it is believed that the results of this research can contribute to the development of more effective pedagogical approaches that value diversity and promote the active participation of all students, regardless of their limitations.

Keywords: Inclusion. Physical Education. Adapted sports.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Fachada da escola	73
Imagem 2 - Pátio externo.....	76
Imagem 3 - Pátio externo em outro ângulo	74
Imagem 4 - Quadra da comunidade	75
Imagem 5 - Quadra vista de outro ângulo	75
Imagem 6 - Campo particular	75
Imagem 7 - Roda de conversa	79
Imagem 8 - Confeção da máscara	82
Imagem 9 - Atividade exploração do ambiente escolar	83
Imagem 10 - Atividade exploração do ambiente fora da escola	83
Imagem 11 - Goalball	84
Imagem 12 - Futebol de cinco	85
Imagem 13 - Vôlei sentado	87
Imagem 14 - Basquete adaptado	88
Imagem 15 - Círculo de cultura	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Trabalhos selecionados com maior relevância	32
Quadro 2 - Linha do Tempo da Educação Inclusiva no Brasil a partir da Constituição de 1988	42
Quadro 3 - Unidades temáticas Educação Física Ensino Fundamental II	63
Quadro 4 - Avaliação final	92

LISTA DE ABREVIATURAS

AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem

EVA - Etileno Acetato de Vinila

FUTSAL - Futebol de salão

TNT - Tecido não tecido

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado
APAE - Associação de pais e amigos dos excepcionais
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CEE-ES - Conselho estadual de educação do Espírito Santo
CNE - Conselho Nacional de Educação
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EMEB - Escola Municipal de Educação Básica
EMEIEF - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSE - Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas
LDB - Leis de diretrizes e bases da educação
NEEs - Necessidades educacionais especiais
PAEE - Público alvo da Educação Especial
PNEEPEI - Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
PROEF - Mestrado Profissional em Educação Física
SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEMED - Secretaria Municipal de Marataízes
SEDU - Secretaria de Estado da Educação
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA - Transtorno do Espectro autista
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
PCD - Pessoa com Deficiência
PEI - Plano Educacional Individualizado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OBJETIVO GERAL	30
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	30
2 REVISÃO DE LITERATURA	31
2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	32
2.2 OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	37
2.3 INCLUSÃO EM FOCO: DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA AOS NOVOS HORIZONTES	41
2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA	51
2.5 COMPREENDENDO O CONCEITO DE ESPORTE ADAPTADO	58
3 METODOLOGIA	66
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	72
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	76
3.3 ANÁLISE DADOS	76
4 DESENVOLVIMENTO DA UNIDADE DIDÁTICA DE ESPORTE ADAPTADO EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA	78
4.1 DESCRIÇÃO DA AULA - DEMOCRACIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	78
4.2 DESCRIÇÃO DA AULA - AULA TEÓRICA SOBRE INCLUSÃO X CAPACITISMO	80
4.3 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPLORANDO O AMBIENTE ESCOLAR DE OLHOS VENDADOS	81
4.4 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPERIÊNCIA COM O GOALBALL	83
4.5 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPERIÊNCIA COM O E O FUTEBOL DE CINCO ...	85
4.6 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPERIÊNCIA COM VÔLEI SENTADO	86
4.7 DESCRIÇÃO DA AULA - BASQUETEBOL ADAPTADO	87
4.8 DESCRIÇÃO DA AULA - ATLETISMO ADAPTADO E FESTIVAL DE ATLETISMO	89
5 RESULTADOS	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103
ACESSO AO RECURSO EDUCACIONAL	111
APÊNDICE	112

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar esta apresentação¹, considero fundamental contextualizar minha trajetória pessoal pregressa à vida acadêmica. A compreensão do percurso que me trouxe até este momento exige a exploração da minha história de vida.

Durante o período escolar, não me destaquei como aluno exemplar, ou seja, não obtive notas excepcionais nem realizei todas as atividades propostas. Tal dificuldade estava intrinsecamente ligada aos desafios enfrentados por minha família, como precariedade financeira, moradia inadequada, dificuldades alimentares e questões emocionais. A relação com meu padrasto era conflituosa, devido à sua postura autoritária, que frequentemente recorria a agressões físicas para resolver problemas. Eu era sobrecarregado com responsabilidades adultas, como organização da casa, preparo de refeições e cuidado dos meus irmãos mais novos, o que me causava sentimento de desvalorização. Minha única esperança de transformar minha vida e a de minha família residia no sonho de me tornar jogador de futebol, almejando proporcionar moradia e melhores condições de vida para todos. Assim, desde a infância até a fase adulta, o futebol esteve sempre presente em minha vida.

As experiências sociocorporais se configuram como um campo de análise fundamental para entender como os indivíduos se relacionam com o próprio corpo e com os outros, especialmente em contextos educacionais e sociais. Essas experiências não apenas moldam a percepção do corpo, mas também são geradoras de significados e de trocas culturais, fundamentais para o processo de inclusão e desenvolvimento humano nas práticas pedagógicas" (Figueiredo, 2018, p. 112).

Os anos transcorreram e eu me dedicava ao futebol nos jogos e competições em nível estadual, relegando os estudos a segundo plano. A falta de compromisso com a escola e a dúvida sobre minha capacidade, aliadas à ausência de estímulo, prejudicavam meu desempenho escolar

Iniciei o ensino fundamental I em 1983, na primeira série, e durante esse período abandonei a escola diversas vezes, devido às dificuldades familiares, à constante mudança de endereço e à falta de incentivo.

Em 1992, matriculei-me na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mesmo consciente da importância e necessidade de concluir essa etapa da escolarização, a evasão escolar se repetiu algumas vezes, e somente consegui concluir o ensino

¹ Optei por empregar os verbos na primeira pessoa do singular. Essa escolha decorre do caráter pessoal das questões abordadas, as quais desempenharam um papel fundamental na construção do meu desenvolvimento profissional quanto pessoal. Nesse contexto, compartilho histórias e memórias que deixaram marcas indeléveis em minha jornada.

fundamental II em 1997, já adulto e com família constituída. Na realidade, minha educação pessoal não era prioridade, pois a necessidade de sobrevivência era maior.

Na busca incessante por trabalho para sustentar minha família, exerci diversas funções: fui salva-vidas na praia, garçom em uma pizzeria e, posteriormente, jogador de futebol profissional. Entre 1998 e 2000, vivenciei uma experiência marcante que transformaria minha vida. Durante uma partida de futebol, o treinador Paulo Marcos, de Campos dos Goytacazes (RJ), demonstrou interesse em me contratar para sua equipe. Após a conversa inicial, ele me forneceu seus contatos residencial e pessoal. Após essa conversa compartilhei essa informação com minha mãe, enquanto ela preparava o jantar, ela desligou o fogão e dirigiu-se ao restaurante onde ele se encontrava. O que eu, Bruno, e ele, Paulo Marcos, não sabíamos era que éramos pai e filho.

Assim que fui contratado pelo clube de futebol de Cachoeiro de Itapemirim, sem saber que Paulo Marcos era meu pai, apresentei-me ao time treinado por Paulo Marcos. Ele sempre me observava atentamente durante os treinos. No terceiro jogo do campeonato, ele me chamou para uma conversa após o treino. Durante a conversa, ele revelou ser meu pai. Fiquei surpreso e confuso. Fomos à casa dele, onde ele me apresentou ao meu avô e ao meu irmão. Ele compartilhou essa informação com toda a equipe.

Neste mesmo ano (2000), outro momento marcante foi a conquista do campeonato capixaba. Recebi propostas de diversos times para o campeonato do ano seguinte, mas a visita de meu pai, Paulo Marcos, mudou meus planos. Ele veio a Marataízes para me aconselhar a retomar os estudos, buscar um emprego e concluir o ensino médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de me orientar a prestar concursos públicos. Refleti sobre suas palavras e decidi seguir seu conselho.

Retornei à escola para concluir o ensino médio em 2001. Esse período foi desafiador, pois trabalhava em regime de escala, alternando semanas nos turnos matutino e vespertino em um posto de combustível, o que me impedia de frequentar as aulas diariamente. Mais uma vez, hesitei em continuar. Contudo, ao atender a diretora da escola no posto, ela me incentivou a conversar com os professores e explicar minha situação. Eles prontamente me compreenderam e estabelecemos um acordo para que eu realizasse as atividades das semanas em que não pudesse comparecer às aulas. Assim, finalmente concluí o ensino médio no final de 2003. Nesse mesmo ano,

prestei vestibular para o curso de Educação Física e, ao ser aprovado, senti um misto de alegria e frustração, pois não tinha condições de arcar com as mensalidades do curso. Com o auxílio de minha mãe, pude me matricular e realizar esse sonho, visto que minhas experiências esportivas sempre estiveram intrinsecamente ligadas à minha personalidade.

Em 2004, ingressei no curso superior de Educação Física no Centro Universitário São Camilo, em Cachoeiro de Itapemirim/ES, com o objetivo de me tornar preparador físico ou treinador de futebol, mas o destino me encaminhou para a educação.

Iniciei o curso superior com muita vontade, mas também com muitas dificuldades. Durante o curso, as disciplinas específicas representaram meus maiores desafios, e confesso que aquilo tudo me assustava, mas não me permiti desistir. Refletia sobre como eu estava naquele ambiente promissor, enquanto minha realidade cotidiana era marcada por moradia precária, desemprego e demandas de sobrevivência.

No primeiro período do curso, fui orientado a me inscrever no processo seletivo da Secretaria de Estado da Educação (SEDU) como professor não habilitado. Em 25 de março de 2004, comecei a trabalhar como docente na Associação Pestalozzi de Itapemirim/ES, sem experiência e com um desafio grandioso iniciei minha vida funcional na educação e me apaixonei pela docência. Até hoje, estou empenhado em promover uma educação física escolar inclusiva, respeitando a diversidade para construir uma sociedade mais justa e igualitária, que em sua essência, busca reconhecer e valorizar a singularidade de cada indivíduo, oferecendo oportunidades educacionais justas e adequadas às suas necessidades, independentemente de suas origens, condições socioeconômicas, raça, gênero, orientação sexual ou quaisquer outras características que possam gerar desigualdades.

Durante minha experiência como professor, atuei também na associação de pais e amigos dos excepcionais (APAE), além de escolas regulares, todas as quais contavam com alunos com diferentes deficiências. Ao longo dessa jornada, comecei a perceber e vivenciar as dificuldades de incluir esportes adaptados no ensino regular.

Essas experiências foram adquiridas de diversas formas e uma significativa ocorreu quando me deparei com uma aluna que possuía deficiência visual². Ela não

² A Organização Mundial da Saúde (OMS) define deficiência visual como a perda parcial ou total da visão, seja congênita ou adquirida.

participava das aulas de Educação Física. Para integrá-la, introduzi atividades de percepção auditiva e orientação. No entanto, logo depois ela foi transferida para outra escola.

Outra situação marcante envolveu um aluno cadeirante com paralisia cerebral,³ que cursava o 2º ano do ensino fundamental. A escola recomendava que ele permanecesse quieto e não participasse das aulas de Educação Física. Contudo, ao interagir com a turma, ele se sentiu acolhido e participou ativamente das atividades adaptadas.

Também tive um aluno com transtorno do espectro autista (TEA)⁴ que se sentia inseguro e inferior aos demais. Após adaptar as atividades e proporcionar um ambiente inclusivo, ele se sentiu mais confiante e realizou movimentos como cambalhotas, além de participar de apresentações de ginástica.

Quando fui trabalhar em escola na zona rural de Marataízes-ES, deparei-me com um aluno cadeirante que teve paralisia cerebral e estava no 9º Ano. Conversando com ele, percebi que não participava das aulas de Educação Física. Lehnhard, Manta e Palma (2012) destacam a necessidade de adaptar as atividades físicas e esportivas para possibilitar a participação de alunos com deficiência. Segundo os autores, o ensino de esportes adaptados é uma estratégia eficaz para promover a inclusão e proporcionar experiências significativas aos estudantes com deficiência física e visual.

Com o intuito de promover a inclusão e proporcionar ao aluno uma experiência de aprendizado, decidi oferecer-lhe a oportunidade de experimentar diversas atividades adaptadas às suas necessidades e possibilidades.

Em um ambiente acolhedor e colaborativo, realizamos a adaptação de jogos e esportes, como queimada, pique bandeira, três cortes, futmesa⁵ e atletismo

³ A Organização Mundial de Saúde (OMS) define paralisia cerebral como um grupo de alterações permanentes no desenvolvimento da postura e do movimento. Essas alterações são causadas por um distúrbio não progressivo que ocorre no cérebro fetal ou infantil.

⁴ O transtorno do espectro autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. O TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta.

⁵ O FUTMESA (mesa côncava) foi desenvolvido na França através da empresa TEQ BALL, onde a mesa possui uma curvatura diferente de uma mesa de tênis de mesa que é reta. Futmesa é uma mistura das modalidades de futebol, futevôlei e tênis de mesa. Ela é uma nova modalidade que utiliza uma bola, uma mesa curvada e uma rede para sua prática, sendo possível jogar um contra um ou em duplas.

(arremesso de peso e corrida). As atividades foram cuidadosamente selecionadas e adaptadas para garantir a participação do aluno, considerando suas habilidades e preferências.

Durante as atividades, observei com grande satisfação o entusiasmo e a alegria do aluno em participar. Ele se engajou com empolgação nos jogos e esportes, demonstrando grande esforço e superação. Acredito que essa experiência contribuiu para o seu desenvolvimento físico, motor e social, além de fortalecer sua autoestima e autoconfiança.

É importante ressaltar o papel do professor na construção de um ambiente inclusivo e na adequação das práticas esportivas às necessidades individuais dos alunos com deficiência. Lehnhard, Manta e Palma (2012) defendem a adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas e a valorização das potencialidades de cada aluno, visando à sua plena participação e desenvolvimento. Essas experiências despertaram em mim a necessidade de rever minha prática docente e buscar estratégias pedagógicas mais inclusivas. Acredito ser essencial considerar os aspectos sociais, emocionais e cognitivos dos alunos, além dos físicos.

Diversos autores têm contribuído com estudos e reflexões acerca do tema, destacando a importância do acesso equitativo e igualitário a práticas corporais para todos os estudantes. Nesse contexto, Cunha (2013) em sua dissertação, intitulada "O Esporte Adaptado como Conteúdo nas Aulas de Educação Física", objetivou analisar o processo de sistematização e transmissão do esporte adaptado como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física. Os resultados da pesquisa indicaram que o esporte adaptado pode ser abordado na escola a partir de uma perspectiva que considere as necessidades educativas e que se preocupe em relacionar o aprendizado às questões sobre inclusão. Ademais, os autores Cabral e Almeida (2019) destacam a relevância do ensino de esportes adaptados como uma forma de desenvolver habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos com deficiência. Justificam que a prática dessas atividades contribui para a autonomia, a autoestima e a inclusão desses estudantes, proporcionando-lhes oportunidades de interação e superação de desafios.

Diante das contribuições dos autores mencionados, torna-se evidente a relevância do ensino de esportes adaptados como estratégia para promover a inclusão e a participação ativa de alunos com deficiência. Na condição de professor de uma escola pública que atende ao Público Alvo da Educação Especial (PAEE), e

instigado pela demanda de proporcionar a inclusão, além do incômodo gerado pela não participação desses alunos nas aulas de Educação Física, este trabalho/pesquisa busca aprofundar o conhecimento nessa área. Para tanto, analisa práticas pedagógicas, identifica desafios e propõe sugestões para aprimorar a qualidade do ensino dessas práticas, visando à plena participação e desenvolvimento dos alunos com deficiência.

O esporte adaptado configura-se como um instrumento eficaz na promoção de atividades inclusivas, tanto nos currículos escolares de educação física quanto em contextos extracurriculares, proporcionando um leque de ferramentas para alcançar tal objetivo. Ao vivenciar o esporte adaptado, o aluno sem deficiência tem a oportunidade de exercitar a empatia, compreendendo, na prática, as dificuldades enfrentadas por seus colegas. Valores como respeito, colaboração e amizade são igualmente relevantes nesse contexto. Ao ser protagonista dessa experiência, o aluno torna-se um agente multiplicador, disseminando esse conhecimento entre seus pares sem deficiência, o que contribui para a diminuição de preconceitos e estigmas no convívio social (BELOUSOV, 2016).

Destarte, ressalta-se a pertinência da discussão sobre a inclusão do esporte adaptado, compreendido como modalidade esportiva especificamente voltada para pessoas com deficiência, no currículo escolar, independentemente da presença de alunos com deficiência nas turmas (LORENZI, 2009; BELOUSOV, 2016).

Ao correlacionar o esporte adaptado com a perspectiva do Coletivo de Autores (2012), depreende-se que este busca transmitir um significado e um valor essenciais por meio de momentos de reflexão e provocação, transformando as diferenças em possibilidades. Assim, ao proporcionar novas experiências, a mudança na forma de nomear e abordar o outro também altera o comportamento em relação a ele. Em outras palavras, a prática e o conhecimento do esporte adaptado podem impulsionar atitudes positivas em relação à deficiência. Segundo Carvalho (2011), as atitudes estão em constante formação e transformação, sendo aprendidas gradualmente por meio da experiência, do conhecimento e do contato com o mundo circundante.

A inclusão e a participação de alunos com algum tipo de deficiência no contexto escolar são temas relevantes e têm sido objeto de estudos e pesquisas nas áreas da Educação Física e da Educação Inclusiva. O propósito é entender como a prática de esportes adaptados pode ajudar a incluir de maneira mais eficaz os alunos com deficiência nas atividades físicas, proporcionando-lhes oportunidades iguais e

promovendo sua participação ativa, além de envolver alunos não deficientes. A pesquisa irá explorar como essa abordagem específica pode contribuir para uma educação mais inclusiva e equitativa, considerando as necessidades e os desafios enfrentados por esses alunos.

Buscando aprimorar minha prática docente, que foi fomentada nas formações continuadas, oferecida pela Secretaria de Educação de Anchieta/ES, onde sou docente, e em parceria com alunos do programa de Mestrado desta universidade, cujas pesquisas foram “A Educação Física na base nacional comum curricular: interpretações de um grupo de professoras da escola pública” e “Formação continuada em Educação Física na perspectiva inclusiva no município de Anchieta/ES: Avanços, desafios e possibilidades para atuar com alunos público-alvo da educação especial” ,após dezenove anos de docência em Educação Física, o ingresso em 2023 no Mestrado Profissional PROEF/UFES marcou um ponto de inflexão na minha trajetória profissional. Essa experiência me proporcionou um mergulho profundo na análise crítica da minha própria prática, impulsionando-me a questionar paradigmas e buscar novas perspectivas para o ensino da disciplina.

No cerne dessa reflexão, desponta a Educação Física Inclusiva como um horizonte promissor e transformador. Guiado por essa visão, propus-me a investigar e analisar minha prática docente com o objetivo de ressignificá-la, abrindo caminho para uma educação física que reconheça e valorize a diversidade humana.

Durante as aulas do programa notei que já praticava a inclusão nas aulas de Educação Física, embora o curso tenha me proporcionado maior consciência dessa prática pedagógica, o que conduziu seu aprofundamento.

Motivado pela convicção da importância desses novos conhecimentos e práticas, decidi implementá-los nas aulas de Educação Física, incorporando os conceitos freirianos recém-adquiridos no programa onde o professor é o mediador, que facilita o processo de aprendizagem, estimula a reflexão crítica dos alunos, aponta a educação como prática da liberdade num processo de libertação e transformação social, o diálogo para a construção do conhecimento estimulando a reflexão e a troca de ideias entre eu (professor) e os alunos, a problematização, que consiste em apresentar situações desafiadoras e relevantes para os alunos, incentivando-os a buscar soluções e construir novos conhecimentos, a valorização e o respeito à diversidade, além de estratégias que incentivam a criação e implementação de

novas abordagens pedagógicas, adaptadas às necessidades e características dos alunos e do contexto escolar.

No início do ano letivo de 2023, numa escola na zona rural de Marataízes/ES, deparei-me com o desafio de integrar um aluno cadeirante à turma. Para tanto, utilizei dinâmicas inclusivas e divertidas, como a representação de palavras por meio de mímicas, que promoveram a empatia e a colaboração entre os alunos.

Nas aulas de Educação Física, adaptei atividades de handebol e introduzi a bocha adaptada, que se mostrou eficaz para a inclusão do aluno cadeirante. Em uma roda de conversa, expliquei aos alunos que estava cursando mestrado em Educação Física na Ufes e que adotaríamos uma nova metodologia nas aulas, onde eles estariam no centro do processo de ensino e aprendizagem, em diálogo aberto com o professor. Essa mudança buscou romper com a verticalidade da relação professor-aluno, valorizando a cultura e a diversidade dos estudantes e promovendo a resolução conjunta de problemáticas no processo de ensino e aprendizagem. Inspirado pelos princípios de Paulo Freire (2004), no qual o aluno constrói seus próprios conhecimentos a partir de suas vivências, a aprendizagem torna-se cada vez mais significativa, transformei minhas aulas, adotando um modelo de ensino participante, onde os alunos puderam escolher quais os conteúdos seriam trabalhados entre dança e ginástica, sendo esta última a selecionada. Essa seleção resultou em um festival de ginástica organizado pelos alunos, que celebrou a inclusão e a diversidade.

Iniciei o terceiro trimestre letivo de 2023, no contexto dos novos aprendizados em Educação Física democrática, em uma roda de conversa para apresentar os conteúdos do 9º ano sobre danças e práticas de aventura. Os alunos elegeram "práticas de aventura" a ser trabalhada. Realizei uma explanação conceitual, abordando as modalidades, suas histórias, regras e diferenças. Os alunos, por sua vez, mencionaram práticas específicas como caminhada ecológica, parkour, slackline, surf, stand-up paddle e skate.

Essas experiências positivas do ano anterior (2023) me motivaram a realizar vivências práticas semelhantes com uma turma sem alunos com deficiências, visando promover uma prática inclusiva ainda mais consciente. Mas após uns meses de aula recebi um aluno (G) com Transtorno do espectro autista (TEA) leve. A inclusão desse aluno nas aulas de Educação Física foi uma experiência

enriquecedora, tanto para o próprio aluno quanto para o grupo. No caso do aluno G, que não apresenta deficiência física ou visual, a participação nas aulas de Educação Física foi além de uma simples adaptação. G interagiu ativamente com seus colegas e foi capaz de realizar críticas e reflexões durante as atividades, o que demonstrou sua capacidade de engajamento e compreensão dos objetivos da disciplina. Sua presença trouxe uma nova dimensão de sensibilidade à turma, promovendo uma conscientização coletiva sobre a diversidade e a importância da inclusão, sem a necessidade de intervenções pedagógicas específicas, como um Plano de Ensino Individualizado (PEI). Essa dinâmica proporcionou uma troca enriquecedora, onde todos foram incentivados a compreender as particularidades de cada indivíduo, e, ao mesmo tempo, reforçar a empatia e o respeito mútuo.

No entanto, a experiência de inclusão de G demonstra que, ao desconsiderar o rótulo da deficiência e ao focar na capacidade de aprendizagem e interação natural, é possível integrá-lo de maneira orgânica e sem estigmas. Essa inclusão sem adaptações individualizadas específicas reflete a adequação de uma abordagem que valoriza o potencial do aluno sem enfatizar as diferenças. Ao responder bem às práticas convencionais, G contribui para a experiência da turma como um todo e reforça o princípio de que a inclusão, quando realizada com respeito e igualdade, beneficia todos os envolvidos, promovendo um ambiente de aprendizado mais sensível.

Alicerçada em vivências práticas de esportes adaptados, como goalball, futebol de 5, vôlei sentado, basquetebol adaptado, e atletismo e corrida adaptada, a pesquisa buscou transcender os limites da mera teoria.

Acreditando que, através da Educação Física Inclusiva, podemos construir uma sociedade mais justa e abrangente, onde a diversidade seja respeitada e valorizada. Ao promover a igualdade de oportunidades para todos os alunos, contribuimos para a formação de cidadãos conscientes, engajados na luta por uma sociedade mais equânime, onde haja um processo de ação-reflexão-ação, que visa a formação de uma sociedade que reconhece e celebra a diversidade, promovendo a inclusão social e a equidade para todos. Tal processo, denominado ação-reflexão-ação, configura-se como um movimento dialético que permite ao educador desenvolver uma postura crítica em relação às suas práticas pedagógicas e buscar incessantemente a transformação dessas práticas, conforme elucidado por Soares (2020).

Este processo transcende a mera ferramenta de aprimoramento contínuo utilizada pelo professor, configurando-se como uma estratégia de ensino, uma metodologia, um instrumento metodológico com etapas definidas que conduzem a um objetivo específico. Freitas (2018, p. 85) compreende este processo como uma tríade metodológica, conforme suas palavras:

a concepção metodológica na tríade ação-reflexão-ação é de que todo o fazer implica uma reflexão, e toda reflexão implica um fazer, uma ação. [...] Ou seja, o primeiro movimento, antes explicitado de ação-reflexão, junta-se agora a um segundo movimento: novamente a ação, mas uma ação diferente da primeira, como uma espiral do saber e sempre em processos de avaliação dos avanços e/ou retrocessos na reflexão sobre a prática.

A ação consiste na realização de atividades práticas no ambiente educacional, abrangendo a implementação de técnicas de ensino-aprendizagem, a gestão das aulas e a aplicação de métodos de avaliação da aprendizagem, entre outras. Para Perrenoud (2011), a ação configura-se como uma oportunidade de demonstrar as práticas e de construir um material que possibilite aos professores desenvolver a reflexão posterior à sua prática.

A segunda fase, a reflexão, compreende a análise crítica das atividades realizadas, avaliando o que obteve êxito e o que demanda aprimoramento. Tal processo pode ser conduzido durante ou ao término de um semestre letivo. Neste momento, exige-se do educador a capacidade de reflexão crítica sobre suas próprias práticas, além da habilidade de escuta ativa para coletar feedbacks e sugestões de melhoria dos estudantes e, se oportuno, de colegas de profissão e/ou de curso, mediante o compartilhamento de experiências, conforme abordado no trabalho de Alves e Araújo (2016):

Durante as etapas do processo de ensino é importante que o educador faça registros de seus conhecimentos adquiridos e também das novas experiências que foram acontecendo ao longo das aulas. Assim poderá tanto criar como recriar sua própria didática e enriquecer sua prática docente com o intuito de tornar o planejamento uma oportunidade de reflexão e avaliação do seu trabalho como educador (Alves; Araújo, 2016, p. 392).

Para o docente, a reflexão sobre as experiências de ensino e interação com os discentes é indispensável. Por meio dessa prática, avalia-se o que deve ser mantido e o que demanda aprimoramento, em um ciclo de desenvolvimento contínuo.

Segundo Freire (2014), a reflexão configura-se como um instrumento de desenvolvimento do pensamento, da ação e do desenvolvimento profissional. A partir do processo reflexivo, e até mesmo da autorreflexão, o docente pode adotar

uma nova postura e selecionar as ferramentas adequadas para aprimorar suas estratégias.

Observa-se, portanto, que o processo de reflexão, constituinte da segunda fase, é imprescindível para a terceira fase, a saber, uma nova ação. Esta última emerge da reflexão e, por exemplo, de feedbacks coletados de estudantes em relação às práticas pedagógicas já implementadas, ou mesmo de colegas de curso com quem se compartilham percepções sobre as atividades cotidianas. As novas ações podem incluir, por exemplo, o replanejamento das estratégias de ensino aprendizagem e o aprimoramento de práticas específicas.

Através da ação-reflexão-ação, construímos um processo contínuo de aprendizado e transformação, não apenas para mim como professor, mas também para os alunos, sem deficiência, que participaram da pesquisa.

Ao vivenciarem e praticarem esportes adaptados, os alunos sem deficiência terão a oportunidade de se colocar no lugar do outro, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência e desenvolvendo um senso de responsabilidade social. Comungando com essa mesma concepção, Pietro (2006) afirma que a inclusão é uma possibilidade que se apresenta para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de todos os alunos, com e sem deficiência. Ensinar é promover um encontro com o outro, e a inclusão escolar provoca, fundamentalmente, uma mudança de atitude diante desse outro, que é alguém especial e que requer do educador um esforço que transcenda o ordinário. Além disso, essa experiência permitirá que eles compreendam a importância da acessibilidade universal, identificando as falhas presentes na sociedade, como a falta de acessibilidade em ruas, calçadas, repartições públicas e privadas.

Ao longo dessa jornada, a pesquisa revelou a importância da democracia e do planejamento participante como pilares fundamentais para a construção de uma educação física inclusiva. Ao colocarmos alunos no centro do processo decisório, valorizamos suas vozes, experiências e saberes, construindo um ambiente de aprendizagem colaborativo e significativo.

Acreditando que, através da Educação Física Inclusiva, podemos construir uma sociedade mais justa e abrangente, onde a diversidade seja respeitada e valorizada. Assim como corrobora Aranha (2016) na busca pela construção de uma sociedade mais igualitária e justa, a Educação Inclusiva emerge como conceito fundamental,

alicerçado na ideia de que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, devem ter acesso a oportunidades educacionais de qualidade.

Diversos autores têm contribuído com estudos e reflexões acerca do tema, destacando a importância do acesso equitativo e igualitário a práticas corporais para todos os estudantes. Os autores Cabral e Almeida (2019) destacam a relevância do ensino de jogos e esportes adaptados como uma forma de desenvolver habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos com deficiência. Justificam que a prática dessas atividades contribui para a autonomia, a autoestima e a integração desses estudantes, proporcionando-lhes oportunidades de interação e superação de desafios. Costa e Silva (2013) nos apresenta o esporte como um rico fenômeno sociocultural, capaz de manifestar-se de diversas formas e, assim, enriquecer o aprendizado dos alunos. Dentre essas possibilidades, o esporte adaptado se destaca como uma ferramenta valiosa.

Nesse sentido, autores como Connel (1997) e Vaughn (2012) defendem a inclusão do esporte adaptado nos currículos de Educação Física, visando à igualdade curricular e à promoção de oportunidades que aumentem a conscientização e a valorização das pessoas com deficiência. A inserção do esporte adaptado nas aulas de Educação Física escolar possui um forte caráter pedagógico, contribuindo para a conscientização sobre a deficiência.

Conforme as conclusões de Grenier e Yeaton (2012), a integração dos esportes adaptados no currículo das aulas de Educação Física pode ser abordada tanto teórica quanto praticamente. Tal abordagem possibilita que as experiências vivenciadas em sala de aula promovam debates significativos sobre o tema.

A prática do esporte adaptado nas escolas revela-se fundamental para a promoção de uma sociedade diversa e inclusiva. A inclusão de atividades adaptadas nas aulas de Educação Física possibilita que todos os alunos, com ou sem deficiência, compreendam e valorizem as diferenças, promovendo o autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades motoras em um ambiente lúdico e prazeroso. Conforme explicitam Salerno e Araújo (2008):

A possibilidade do esporte para a pessoa com deficiência não ocorre apenas pelo movimento ou desenvolvimento de coordenação motora ou outros, ele pode fazer parte do contexto da Educação Física escolar para acrescentar aos alunos a compreensão das diferenças e que o fenômeno esportivo pode ser para todos. (2008, p. 220)

A escola, em sua missão de educar, precisa abraçar a diversidade, flexibilizando o processo de ensino-aprendizagem para atender às singularidades de cada aluno. Ao invés de focar nas dificuldades, o ideal é que a escola ofereça oportunidades para que cada estudante descubra e desenvolva suas potencialidades.

O Coletivo de Autores (2012) nos lembra que os conteúdos e as discussões propostas em sala de aula podem despertar a curiosidade e a motivação dos alunos, incentivando a reflexão crítica e a valorização das pessoas com deficiência. Nesse sentido, a abordagem do esporte adaptado na escola se destaca como um facilitador da conscientização sobre a deficiência, provocando reflexões importantes.

Em outras palavras, ao incluir o esporte adaptado no currículo escolar, a escola cria um espaço onde os alunos podem aprender sobre a deficiência de forma prática e significativa, desenvolvendo a empatia e o respeito às diferenças.

Diante das contribuições dos autores mencionados, é evidente a importância do ensino de jogos e esportes adaptados como estratégia para promover a inclusão e a participação ativa de alunos com deficiência. Esta dissertação busca aprofundar o conhecimento nessa área, analisando práticas pedagógicas, identificando desafios e propondo sugestões para aprimorar a qualidade do ensino dessas práticas, visando à plena participação e desenvolvimento dos alunos com deficiência.

2 OBJETIVO GERAL

Problematizar as possíveis contribuições dos esportes adaptados como ferramenta inclusiva para alunos/as com e sem deficiência nas aulas de Educação Física.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar as percepções dos alunos em relação a consciência sobre a inclusão.
- b) Investigar como os esportes adaptados podem contribuir para a participação dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.
- c) Identificar os desafios da Educação Física para atender a demanda da inclusão de alunos com deficiência, assim como investigar as metodologias utilizadas com foco na adaptação.
- d) Apresentar e aplicar uma unidade didática de esporte adaptado nas aulas de Educação Física, com o intuito de potencializar os processos de inclusão no ambiente escolar.
- e) Avaliar a intervenção pedagógica através da aplicação da unidade didática e a avaliação dos participantes.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Com o objetivo de expandir as discussões acadêmicas acerca do Esporte Adaptado sob uma perspectiva inclusiva no ambiente escolar, e visando à orientação da presente pesquisa, realizamos um levantamento e análise de trabalhos provenientes de bases de dados nacionais, cadastrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (UFES), no banco de pesquisas do NEPEFI, situado no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Em seguida, buscamos artigos na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores: Inclusão, Educação Física; Esporte adaptado; Optamos por pesquisar nas bases supracitadas, tendo em vista a oferta de materiais mais relevantes para a área de estudo, buscando identificar os textos que mais aproximavam com a relação à pesquisa. No âmbito da Educação Física Escolar, Antunes (2020), ao analisar o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES sobre o tema "o esporte adaptado na escola", constata que há uma escassez na oferta dessa prática no ambiente escolar, influenciada pela carência de estudos sobre o assunto e pela falta de disciplinas curriculares que abordem o tema de maneira adequada durante a formação inicial dos professores de Educação Física. Neste sentido, Cunha e Chicon (2002, p. 137) salientam que “[...] o esporte adaptado, como conteúdo relevante a ser trabalhado nas aulas de Educação Física na escola, constitui ferramenta importante na ação mediadora do professor para o desenvolvimento de práticas inclusivas”. Por esta razão, torna-se pertinente compreender como esse conteúdo tem sido abordado no ambiente escolar.

Para a seleção dos trabalhos publicados na plataforma da CAPES, empregou-se um processo de filtragem com os seguintes critérios: primeiramente, a Área de concentração: Educação Física e Inclusão, que resultou em 1197 trabalhos; em seguida, a categoria Mestrado, com 748 trabalhos e Doutorado 207 trabalhos. Por fim, aplicou-se o filtro educação física escolar e esporte adaptado totalizando 46 trabalhos. Após a análise de títulos e resumos desses trabalhos, escolhemos cinco trabalhos, sendo quatro dissertações e um trabalho de conclusão de curso (TCC) que se mostraram alinhadas ao tema proposto.

Dentre as produções analisadas utilizando os parâmetros de pesquisa inclusão e

esportes adaptados selecionamos as seguintes dissertações que ajudaram compreender o universo dos esportes adaptados e da inclusão.

Quadro 1 Trabalhos selecionados com maior relevância

Ano	Título	Autor
2023	Dissertação: Esportes adaptados dentro de uma perspectiva inclusiva: Desenvolvendo uma Unidade Didática nas aulas de Educação Física do Ensino Médio	Maria do Perpétuo Socorro Rocha do Nascimento
2021	Dissertação: A Inclusão A Partir Do Esporte Adaptado Nas Aulas De Educação Física Na Visão De Professores E Gestores De Uma Escola Pública Do Sul De Minas Gerais	Juarez Luiz Abrão
2020	Dissertação: O Esporte Adaptado Como Conteúdo Da Educação Física Escolar Adaptada: Perspectivas Dos Professores Da Rede Pública De Ensino Da Cidade De Campinas/Sp	Leonardo Cavalheiro Scarpato
2018	Tcc: O Esporte Adaptado Como Ferramenta De Inclusão Para Alunos Com Deficiência Física Nas Aulas Esportivas No Âmbito Escolar	Fabine Lima De Santana
2013	Dissertação: O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de educação física.	Leonardo Miglinas Cunha

Fonte: Autor, 2024.

A dissertação de Nascimento (2023) se dedica à ministração do tema Esporte Adaptado sob uma perspectiva inclusiva. O objetivo geral foi a construção coletiva, implementação e avaliação de uma unidade didática que utilizasse o esporte adaptado em uma abordagem inclusiva nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. A autora contribui significativamente para nossa pesquisa ao abordar o Esporte Adaptado no contexto escolar sob uma perspectiva de inclusão ampliada.

A pesquisa destacou a relevância da inclusão do Esporte Adaptado nas aulas de Educação Física. A implementação de uma unidade didática mostrou que os alunos, independentemente de suas habilidades ou deficiências, demonstraram maior motivação e engajamento, construindo conhecimento e refletindo sobre ele. Houve um aumento na participação de estudantes antes desinteressados e um notável reconhecimento das potencialidades dos colegas com deficiência. O estudo concluiu que o tema é viável, aceito e benéfico para os estudantes, atendendo aos seus interesses e necessidades.

A dissertação de Abrão (2021) Este estudo focou em avaliar as contribuições das iniciativas de inclusão com esporte adaptado nas aulas de Educação Física, conforme a percepção de educadores e gestores de uma escola pública em Minas Gerais. Os resultados mostraram que essas iniciativas não só superaram desafios

na sala de aula e em outras disciplinas, mas também promoveram maior participação, segurança e autoestima nos estudantes. A pesquisa destaca a importância do esporte adaptado para a inclusão na Educação Física Escolar e o papel essencial de um corpo docente engajado. Contudo, a escassez de estudos na área no contexto escolar abre caminho para futuras pesquisas que busquem desenvolver propostas pedagógicas para a promoção da inclusão e diversidade por meio do esporte adaptado para todos os estudantes.

A pesquisa de Scarpato (2020) teve como objetivo principal desta pesquisa foi identificar como os professores da rede pública de ensino de Campinas empregam metodologicamente os Esportes Adaptados como conteúdo da Educação Física Adaptada, sob a ótica de suas próprias perspectivas. Os resultados iniciais revelam que, apesar da prática do Esporte Adaptado na escola, muitos professores sentem-se inseguros, o que pode ser atribuído à falta de suporte institucional e à formação e atualização precárias na área. É crucial harmonizar as ações da prática educacional inclusiva. Esta dissertação abre caminho para novas pesquisas e investigações científicas sobre o esporte adaptado para crianças com deficiência no ambiente escolar, apontando para novos horizontes e propostas interdisciplinares na educação inclusiva, que é um processo contínuo.

A dissertação de Santana (2018) investigou as abordagens do esporte adaptado na Educação Física Escolar, analisando a literatura sobre a inclusão de alunos com deficiência. Os resultados indicam que, embora o esporte adaptado seja uma ferramenta pedagógica eficaz para a participação de alunos com deficiência, seu potencial é subaproveitado por alguns professores. Conclui-se que a inclusão plena e efetiva dependerá de um maior comprometimento dos profissionais, que precisam flexibilizar as aulas e criar mais oportunidades para a vivência esportiva desses estudantes.

Na dissertação de Cunha (2013), intitulada "O Esporte Adaptado como Conteúdo nas aulas de Educação Física", o autor teve como objetivo analisar o processo de sistematização e transmissão do esporte adaptado como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física. Os resultados de sua pesquisa indicaram que o esporte adaptado pode ser abordado no ambiente escolar a partir de uma perspectiva que considere as necessidades educativas dos alunos e que se preocupe em relacionar o aprendizado a questões sobre inclusão.

Diante destas contribuições o trabalho foi sendo desenhado com a intenção de alcançar os objetivos propostos no presente estudo.

3.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O acesso à educação e o direito à aprendizagem constituem garantias asseguradas a todos os brasileiros, inclusive para pessoas com deficiência.s como previsto na constituição em seu artigo 205 e 206:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (Constituição Federal, 1988).

A partir da década de 1990, observou-se um incremento significativo na organização de eventos científicos dedicados à reflexão e ao debate sobre o modelo educacional inclusivo vigente. Nesse contexto, a Declaração de Salamanca (1994) emerge como um marco fundamental, delineando o novo panorama da educação inclusiva em âmbito global (BRASIL, 1994).

Ao discorrer sobre a educação inclusiva, é crucial resgatar o histórico de lutas, conquistas e estudos que consolidaram essa estratégia pedagógica como um modelo de avanço educacional. Ao longo da década de 1990, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e movimentos sociais em defesa dos direitos das pessoas com deficiência mobilizaram-se em torno desse tema, resultando na publicação de documentos importantes. Desde a Declaração de Salamanca (1994) até a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006 e incorporada à Constituição Federal, na forma da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), em 2015, um amplo arcabouço legal foi estabelecido para amparar o combate à segregação e ao capacitismo⁶.

A LBI representa uma grande conquista, na medida em que se contrapõe a esse passado histórico, definindo a deficiência como um atributo que não pode ser dissociado do contexto, uma vez que se manifesta na interação de uma pessoa com

⁶ De acordo com Fiona Campbell (2008), entende-se o capacitismo como uma atitude que diferencia e desvaloriza as pessoas com deficiência por meio da avaliação da capacidade corporal e/ou cognitiva. O capacitismo transcende os procedimentos, as estruturas e se localiza claramente na arena das genealogias do conhecimento.

características que divergem do padrão com barreiras. Pode-se compreender que a acessibilidade revela que as barreiras configuram obstáculos que impedem a participação plena de pessoas em diversos contextos. Sassaki (2009), em sua vasta obra sobre inclusão, categoriza essas barreiras em:

arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). (SASSAKI, 2009, p. 1)

No contexto escolar, tais espaços devem ser concebidos e adaptados para acolher alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, assegurando que mobiliário, equipamentos, iluminação, áreas de circulação, sanitários, salas de aula e demais dependências atendam às condições de acesso de todos os presentes. A instituição escolar, portanto, é responsável por garantir os ajustes e recursos necessários (BARBALHO; LEMOS, 2018, p. 06).

Na realidade as escolas públicas enfrentam desafios multifacetados que atravessam desde as condições arquitetônicas como a ausência de sanitários adaptados e rampas para cadeirantes, escadas sem corrimãos, maçanetas de portas inadequadas, portas de salas de aula com largura insuficiente para a passagem de cadeiras de rodas, corredores estreitos, iluminação precária, entre outros (MENDONÇA, 2013, p. 07), até a formação continuada de professores e a disponibilidade de materiais pedagógicos adaptados. Mesmo com o avanço de políticas públicas e normativas legais que reforçam o direito de todos os estudantes à aprendizagem conjunta, o cotidiano escolar revela contradições entre o discurso da inclusão e as condições concretas para sua materialização (BUENO; MENDES, 2023; KASSAR, 2020).

As barreiras comunicacionais configuram impedimentos e falhas na interação, abrangendo um espectro que, segundo a Lei Brasileira de Inclusão, engloba "formas de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil".

A falha ou ausência de comunicação pode acarretar prejuízos significativos na aprendizagem e na inserção dos alunos nos espaços escolares. Pequenas falhas

comunicacionais podem gerar consequências na forma como a aprendizagem é disponibilizada, influenciando o desempenho dos alunos (MENDONÇA, 2013).

Os impasses metodológicos referem-se às formas e metodologias de aprendizagem, ou seja, à prática pedagógica pautada no uso de materiais e ferramentas adequados às necessidades dos alunos (SASSAKI, 2009). A barreira metodológica manifesta-se quando não se organiza uma metodologia de ensino abrangente a todos os alunos, capaz de atender às suas necessidades. A barreira instrumental, por sua vez, refere-se aos instrumentos utilizados no processo de ensino, visando facilitar a aprendizagem. Tal barreira ocorre quando "ferramentas e utensílios impedem ou dificultam o seu uso por alunos com deficiência" (SASSAKI, 2009, p. 5).

Os entraves presentes em documentos institucionais constituem a barreira programática. Tais barreiras manifestam-se em currículos escolares ou Projetos Político-Pedagógicos que não consideram alunos com deficiência. A superação da barreira programática exige uma revisão atenta de todos os programas, regulamentos, portarias e normas escolares, a fim de garantir a exclusão de barreiras invisíveis que possam impedir ou dificultar a participação plena de todos os alunos, com ou sem deficiência, na vida escolar.

Por fim, a barreira atitudinal, que permeia todos os entraves e barreiras mencionados, relaciona-se a atitudes e comportamentos excludentes que reforçam preconceitos e estereótipos. Lima e Tavares (2012, p. 104) definem barreiras atitudinais como "barreiras sociais geradas, mantidas, fortalecidas por meio de ações, omissões [...]" resultando no desrespeito ou impedimento aos direitos dessas pessoas, limitando-as ou incapacitando-as para o exercício de direitos e deveres sociais.

Outro ponto muito importante é a formação continuada de professores e profissionais de atendimento educacional especializado (AEE) que também se configura como um fator crítico para a consolidação da educação inclusiva. Muitos professores da educação básica relatam sentir-se inseguros ou despreparados para atender adequadamente alunos com deficiência, especialmente no que diz respeito à adaptação de conteúdos, uso de recursos de tecnologia assistiva e manejo de situações de convivência e interação entre alunos com e sem deficiência (GLAT; PLETSCHE, 2021). Além disso, segundo Nogueira e Matsuda (2022), a formação inicial e continuada em grande parte dos cursos de licenciatura ainda trata a educação inclusiva de maneira superficial, não proporcionando aos futuros docentes

experiências práticas e reflexões críticas sobre o papel da escola na construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Outro desafio recorrente é a carência de materiais e recursos pedagógicos acessíveis e adaptados, essenciais para garantir a participação ativa de todos os estudantes. Estudos recentes, como o de Costa e Andrade (2023), evidenciam que, apesar de algumas iniciativas pontuais de fornecimento de recursos de tecnologia assistiva, a maior parte das escolas ainda depende da criatividade e do improviso dos professores para adaptar atividades e materiais didáticos. A ausência de materiais específicos, como livros em braille, recursos multimodais, materiais esportivos adaptados e jogos pedagógicos inclusivos, impõe um desafio cotidiano à efetivação de práticas pedagógicas acessíveis.

Um aspecto fundamental para a superação desses desafios é a mudança de concepção pedagógica dos próprios professores em relação aos alunos com deficiência. Estudos como os de Freitas e Duarte (2019) apontam que, quando os docentes acreditam no potencial de aprendizagem e desenvolvimento desses estudantes, eles tendem a buscar estratégias pedagógicas mais criativas, flexíveis e colaborativas, favorecendo a participação de todos. A crença na capacidade dos alunos com deficiência, portanto, é elemento central na construção de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas, rompendo com visões capacitistas que reduzem esses estudantes a suas limitações e diagnósticos.

3.2 OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar tem sido objeto de estudos e pesquisas, além de amplos debates nos âmbitos acadêmico-científico, saúde, midiático, e educação, resultando em um volume considerável de produção científica. Na área da Educação e, especificamente, na Educação Física, essa realidade não se mostra diferente. Entretanto, a despeito dos avanços teóricos e legislativos, a prática da inclusão nas aulas de Educação Física ainda se depara com obstáculos significativos

A implementação efetiva da inclusão nas aulas de Educação Física esbarra em desafios que transcendem a mera adaptação de atividades. A formação docente inadequada, a falta de infraestrutura acessível, a escassez de recursos pedagógicos

adaptados e, sobretudo, a persistência de barreiras atitudinais, configuram-se como entraves à plena participação e ao desenvolvimento dos alunos com deficiência. Nesse sentido, Mittler destaca que:

A inclusão implica uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos nas atividades de sala de aula. Ela é baseada num sistema de valores e faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade [...] (MITTLER, 2003, p. 34).

Compreende-se que a Educação Física, nesse caso, teria como finalidade a utilização do movimento como elemento educativo para favorecer a promoção integral do indivíduo. O Programa de Educação Física, quando adaptado ao aluno portador de deficiência, possibilita-lhe a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de melhor adaptação. Sobre esse mesmo assunto, Duarte e Werner (2002) contribuem significativamente com esta discussão, afirmando que:

[...]a Educação Física Inclusiva se esbarra em um grande problema que é o fato dos professores não estarem preparados para responder aos desafios da Inclusão. Por não ter tido formação específica para desenvolver um trabalho com portadores de necessidades especiais, gera insegurança na prática pedagógica”.

A transposição do discurso inclusivo para a prática pedagógica exige um olhar crítico sobre as concepções e práticas arraigadas na Educação Física escolar. A superação do modelo tradicional, que privilegia o desempenho e a aptidão física, e a adoção de uma perspectiva inclusiva, que valoriza a diversidade e a singularidade de cada aluno, reconhecendo a importância da participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades e características individuais são passos cruciais para a construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo.

As práticas pedagógicas, no contexto educacional, desempenham um papel central na transformação do ambiente escolar. Mendes (2002, p. 83) assevera que:

A prática pedagógica é um elemento-chave na transformação da escola, estendendo essa possibilidade de transformação ao homem e à sociedade. Em função do tema da diversidade a perspectiva da prática pedagógica tem caminhado no sentido de pensar uma pedagogia das diferenças em sala de aula.

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas não se restringem à mera transmissão de conteúdos, mas abrangem um leque de ações que visam a construção de um ambiente de aprendizagem significativo e inclusivo. A adoção de metodologias ativas, a utilização de recursos didáticos diversificados, a promoção da interação

entre os alunos e a avaliação formativa são exemplos de práticas pedagógicas que podem contribuir para a transformação da escola.

A transformação da escola, por sua vez, não se limita à mudança de suas práticas pedagógicas. Ela exige um esforço conjunto de toda a comunidade escolar, incluindo gestores, professores, alunos e familiares, com o objetivo de construir um ambiente escolar mais justo e igualitário para todos.

Para tratar sobre a participação de alunos com deficiência nas aulas de educação física, primeiramente é necessário enfatizar a trajetória do processo de inclusão de pessoas com deficiência particularmente no contexto escolar. Fazendo referência a Sassaki (2010), uma sociedade inclusivista é aquela que realmente abraça a diversidade e se compromete com a inclusão de todas as pessoas, independentemente de suas habilidades ou necessidades. Isso implica não apenas na aceitação, mas também na criação de ambientes e estruturas que permitem a participação plena de todos. No contexto educacional, isso significa que as escolas não devem apenas receber alunos com necessidades especiais, mas também ajustar suas práticas, ambientes e currículos para atender às necessidades individuais de cada aluno.

Ao considerar essa perspectiva, torna-se evidente a jornada e os esforços dedicados para tornar a inclusão uma realidade. Isso implica em uma análise cuidadosa das pesquisas realizadas na área, dos investimentos destinados a esse fim e das leis promulgadas com o propósito de amparar e legitimar o direito à inclusão de todos os indivíduos na sociedade. Nesse contexto, a compreensão da evolução desses elementos se torna fundamental para uma reflexão mais aprofundada sobre a inclusão e seus desafios.

Partindo da premissa que a Educação Física desempenha um papel fundamental no contexto da nossa sociedade, e abraçando uma série de responsabilidades que impactam diretamente as questões mais importantes da humanidade, essa disciplina não se limita apenas à promoção da atividade física e do bem-estar físico, além disso, a Educação Física pode ajudar a desenvolver habilidades sociais, como a comunicação e a cooperação, que podem ser úteis em outras áreas da vida. (KUNZ,2004) e que moldam a convivência em sociedade.

Um dos pilares da Educação Física é a inclusão social. Ela busca criar espaços e oportunidades para que todos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a práticas esportivas e físicas. De acordo com Aranha (2016), ponto central

para a compreensão da Educação Inclusiva, está o princípio da acessibilidade universal, que busca eliminar barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais que possam impedir a participação plena dos estudantes.

A escola em muitas de suas missões requer a formação de cidadãos preparados para lidar com direitos e deveres, respeitar as diferenças, controlar as emoções frente às demandas do nosso cotidiano. A educação física escolar pode exercer papel preponderante nessa questão, além de estar relacionada à promoção da paz, uma vez que, através da prática esportiva, é possível ensinar valores como respeito, cooperação e fair play.⁷ Esses valores são essenciais para a resolução de conflitos e a construção de sociedades mais harmoniosas. Dentro desse contexto, Finck corrobora ao afirmar a importância de se ressaltar que a escola é um espaço formal de aprendizagem, cujo objetivo é contribuir para a formação integral do cidadão, abrangendo todos os seus aspectos (2012, p. 33).

Acreditar que a atividade física possa fazer parte do comportamento pessoal por toda a vida é compreender que só é possível que isso ocorra caso o indivíduo tenha experiências satisfatórias e positivas com os exercícios físicos e os jogos praticados na infância. Os alunos podem e devem ser desafiados e exercitados para compreenderem que somente vencer não é possível, porém não impossível, e que sempre existe dedicação para se obter um resultado positivo, e o mais importante: diversão. A vitória não pode ser imposta como condição para o divertimento (MACHADO, 2019).

Os autores Rios e Schraiber (2012) trazem que a Educação Física e os esportes contribuem para que os deficientes tenham um melhor convívio social, respeito e se envolvam com novas atividades voltando a ter o prazer da vida. É importante que a educação física apresenta matérias formativas e não complementares substituindo o currículo por motivos facilitadores no processo.

A percepção de que a missão da Educação Física na escola é contribuir para a melhoria, aquisição e preservação da saúde é amplamente aceita pela sociedade em geral, sendo a resposta mais comumente dada por muitos professores, incluindo os da área, e outros profissionais. O argumento mais frequente em favor dessa perspectiva é que as pessoas estão cada vez mais sedentárias, inativas e com

⁷ Fair Play significa 'jogo justo' e refere-se à prática de competições esportivas com respeito, integridade e espírito esportivo.

sobrepeso. Assim, o papel da Educação Física seria o de substituir o trabalho corporal antes realizado para a própria sobrevivência. (DARIDO, 2012, p.38)

Nesse sentido, as ideias do Coletivo de Autores (1992) trazem a educação física como uma disciplina de sentido lúdico que busca instigar a criatividade, tanto no lazer quanto em outros momentos, que desenvolve no aluno uma reflexão sobre valores como solidariedade, substituindo o individualismo, cooperação confrontando a disputa e sempre focando na liberdade de expressão. Portanto, diante das diversidades expressivas corporais da educação física, encontra-se nos conteúdos de esporte adaptado uma oportunidade para falar e conscientizar sobre a deficiência.

3.3 INCLUSÃO EM FOCO: DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA AOS NOVOS HORIZONTES

O processo de inclusão educacional, notadamente no que concerne à inclusão escolar de alunos com deficiência, caracteriza-se por uma trajetória histórica marcada por exclusão e marginalização. Outrora, indivíduos com deficiência eram segregados da vida social, privados do exercício da cidadania e da inclusão em instituições escolares.. Por mais de 200 anos pessoas com necessidades especiais foram queimadas em praça pública, enforcadas, afogadas ou condenadas às prisões nos porões dos castelos da época (FACION & MATTOS, 2009, p.6). Em seguida foram vítimas da segregação, Minetto (2010, p.46) nos diz que, esta revelou se no final do século XVIII, principio do século XIX, As pessoas com necessidades educacionais especiais eram segregadas em espaços que tratavam a deficiência como se fosse uma doença, no entanto houve o surgimento de grandes instituições especializadas em pessoas com deficiência, e é a partir de então que poderíamos considerar ter surgido a educação especial.

Após um longo período de negação de direitos, o Brasil tem buscado, por meio de arcabouço legal, assegurar os direitos das pessoas com deficiência. A promulgação de legislações que garantem o direito à educação para todos, superando a violação de direitos humanos outrora prevalecente, é fruto de lutas e mobilizações sociais.

Ao analisarmos a bibliografia, periódicos e documentos relacionados à Educação Especial, observamos que a maioria deles faz referência primária aos movimentos de educação inclusiva. Essa ênfase nos leva a compreender que a busca por uma

educação que atenda a todos os alunos, independentemente de suas características individuais, é um processo histórico em constante evolução.

A educação inclusiva refere-se à abordagem que busca garantir que todos os alunos, independentemente de suas capacidades, origens étnicas, culturais, socioeconômicas ou demandas específicas, tenham acesso a uma educação de qualidade em um ambiente de aprendizado colaborativo e diversificado (Mantoan, 2006).

Ao longo da história, diferentes perspectivas e movimentos sociais defenderam o direito à educação para todos. Desde as primeiras lutas por acesso à educação pública no século XIX até os movimentos de educação inclusiva do século XX, o ideal de uma educação universal e de qualidade vem se transformando e se adaptando às novas realidades sociais.

O marco inicial do movimento de inclusão educacional é a Declaração de Salamanca, documento que ressaltou a importância do direito à educação e a necessidade de políticas educacionais equitativas, que considerassem a diversidade e as características individuais dos alunos. A partir desse documento, consolidou-se um arcabouço legal que respalda a educação inclusiva, especialmente para alunos público alvo da educação especial. A Constituição Federal de 1988, a Política Nacional de Educação Especial de 1994, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015 são exemplos de legislações que visam promover uma educação de qualidade para todos que impactam mundialmente a implementação de políticas sociais e educacionais no paradigma da Educação Inclusiva (Mendes, 2006). O Quadro a seguir nos dá um dimensão desses aspectos legais.

Quadro 2- Linha do Tempo da Educação Inclusiva no Brasil a partir da Constituição de 1988

1988 Constituição Federal do Brasil	Art. 205: Primeiro documento oficial a assegurar a educação como um direito universal para todos os cidadãos (BRASIL, 1988).	Promulgada em 1988, garantiu o direito à educação para todos os cidadãos brasileiros, incluindo aqueles com deficiência. Estabeleceu a educação como um direito fundamental e dever do Estado. Abriu caminho para a construção de políticas públicas voltadas à educação especial no Brasil
--	---	---

<p>Década de 1990</p> <p>Discussões e Repercussões sobre Educação Inclusiva: Novos documentos são elaborados em prol da educação inclusiva.</p>		
1990	A Declaração Mundial de Educação para Todos	A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, foi realizada em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990. Conscientes de que a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro, os participantes do Congresso proclamamos a seguinte Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem.
1994	Declaração de Salamanca	Adotada na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em 1994. Reconheceu o direito de todas as crianças à educação de qualidade, independentemente de suas habilidades ou deficiências. Enfatizou a importância da educação inclusiva como meio de promover a participação plena das pessoas com deficiência na sociedade.
1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394 (Lei Darcy Ribeiro)	Primeiro documento a determinar a inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino e assegurar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) às pessoas com deficiência (BRASIL, 1996)
1999	Decreto-Lei nº 3.298/1999	Estabelece a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, ampliando a compreensão das necessidades educacionais especiais para incluir estudantes com dificuldades de aprendizagem não decorrentes de deficiências (BRASIL, 1999). Publicado em 1999, instituiu a Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Visou garantir o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas com deficiência, incluindo a educação. Ampliou a compreensão das necessidades educacionais especiais, indo além do público-alvo inicial.
Anos 2000		

2001	Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica:	Asseguram o início do atendimento ao estudante com deficiência na educação infantil, a continuidade em classes comuns e a garantia de atendimento em classes especiais quando necessário. Promovem a acessibilidade arquitetônica e curricular (BRASIL, 2001).
2002	Resolução CNE/CP nº 01/2002: Lei nº 10.436/02: Portaria nº 2.678/02:	Estabelece diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica com foco na diversidade e nas necessidades educacionais dos estudantes (BRASIL, 2002c). Reconhece a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando sua inclusão no currículo de formação de professores e fonoaudiólogos (BRASIL, 2002a).] Define normas e diretrizes para a utilização do sistema Braille no ensino (BRASIL, 2002b).
2008	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPI)	Define o público elegível para os serviços de Educação Especial e garante serviços especializados a estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Enfatiza a formação especializada de professores, acessibilidade arquitetônica e articulação entre setores para políticas públicas, assegurando a educação inclusiva (BRASIL, 2008).
2015	Lei nº 13.146 (Estatuto da Pessoa com Deficiência):	Assegura e promove, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais pelas pessoas com deficiência, visando à inclusão social e cidadania. Prevê informações e orientações nas áreas de saúde, educação, cultura, esporte, lazer e outras, possibilitando o exercício pleno da cidadania (BRASIL, 2015). Art. 27: Reafirma a educação como direito assegurado pelo sistema educacional inclusivo, visando ao máximo desenvolvimento dos talentos e habilidades dos estudantes. Art. 28: Garante o acesso, em igualdade de condições, a jogos e atividades recreativas, esportivas e de lazer no sistema de ensino. Art. 42: Assegura o direito à cultura, esporte, lazer e turismo, garantindo igualdade de oportunidades e acesso a diversos espaços relacionados a essas áreas.

Fonte: autor/2024

O direito para os alunos com deficiência permanece legalmente garantido. A Constituição Federal (1988), afirma sobre o direito da pessoa com deficiência, esta traz em seu artigo 205, que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 124).

Nesse contexto, a inclusão de pessoas com deficiência, tanto no âmbito escolar quanto na sociedade em geral, passa a envolver os meios social e educacional.

A Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), em sua essência, estabelece o direito de pessoas com deficiência, sejam crianças, jovens ou adultos, serem incluídas no âmbito escolar. Em seu artigo 3º, a declaração aborda o direito à educação de pessoas com deficiência, explicitando que:

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte do sistema educativo (UNESCO, 2022, texto digital).

A Declaração de Salamanca (1994) ampliou os direitos dos educandos com deficiência, assegurando a toda criança com deficiência o direito a uma educação digna, que atenda às suas especificidades, sem exclusão ou discriminação. No entanto, as leis e diretrizes, embora garantidas no papel, nem sempre se concretizam nas escolas.

Ao buscar entendimento da proposta de inclusão escolar, foram realizadas discussões aprofundadas em âmbito internacional, resultando na Declaração de Salamanca (1994), um documento referencial sobre a inclusão de alunos com deficiência na escola, que enfatiza:

O desafio que confronta a escola inclusiva é no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança é capaz de bem sucedidamente educar todas as crianças, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. O mérito de tais escolas não reside somente no fato de que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças: o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva (SALAMANCA, 1994, p. 4).

A Declaração de Salamanca (1994) propôs um conjunto de ações que visam a implementação da educação inclusiva em todos os níveis de ensino. Essa abordagem reconhece a diversidade humana e defende a criação de ambientes de

aprendizagem onde todos os alunos, independentemente de suas características individuais, possam participar, aprender e se desenvolver plenamente.

No entanto, como aponta Bueno (2006), a Declaração de Salamanca parece ignorar a presença de alunos com deficiência e/ou com outras necessidades educacionais especiais nas escolas antes da década de 1990, principalmente em instituições privadas. O autor argumenta que, na realidade, as políticas educacionais da época falharam em garantir a educação de qualidade para todos os alunos, e não apenas para aqueles com necessidades especiais.

Apesar dessa crítica, a Declaração de Salamanca representa um passo fundamental na luta pela educação inclusiva. Ao reconhecer as falhas das políticas educacionais tradicionais e defender a necessidade de mudança, a declaração contribuiu para a construção de um novo paradigma educacional, mais justo e equitativo.

Para que haja uma educação inclusiva, é necessário encarar a diversidade do grupo não como um problema, mas como um desafio a ser enfrentando, um desafio à criatividade e ao profissionalismo, que promove conscientização e mudança de práticas educativas (Sanches e Teodoro, 2006). Na escola inclusiva, o grupo aprende junto, na sala de aula. Como afirmam Sanches e Teodoro (2006, p. 121): "nas escolas inclusivas, nenhum aluno sai da sala para receber ajuda; essa ajuda é recebida no interior da classe".

Segundo Mantoan (2004, p. 40), quando se fala de inclusão, não se está referindo apenas aos alunos com necessidades educacionais especiais, mas a todos. Nenhum aluno, seja criança, jovem ou adulto, deve permanecer fora da escola. Além disso, eles devem estar na escola aprendendo e construindo seus conhecimentos juntos:

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas a todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos, mas todos nós não sabemos que a maioria dos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele. (MANTOAN 2004, p. 40).

Em entrevista concedida à revista Nova Escola online (2005), Mantoan, renomada pedagoga e referência em Educação Especial, oferece uma definição inspiradora do que significa inclusão: "inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças." Essa

visão vai além da mera tolerância e destaca a riqueza que a diversidade traz para o ambiente escolar e para a sociedade como um todo.

A nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro.

Com o intuito de assegurar de modo mais consistente a educação dessas pessoas, em 1996, foi aprovada a terceira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, que viabiliza os direitos assegurados aos deficientes e sua participação na comunidade escolar. O Artigo 58 dispõe sobre a educação especial:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. §1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. §2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular (BRASIL, 1996, p. 20).

Este foi o primeiro documento a estipular que pessoas com necessidades educacionais especiais⁸ deveriam ser incluídas, preferencialmente, na rede regular de ensino. A LDBEN, em seu artigo 208, assegura o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para pessoas com deficiência.

Com o objetivo de apoiar, complementar, suplementar e, em algumas situações, substituir os serviços educacionais regulares, a LDBEN instituiu a educação especial. Esta modalidade, oferecida pelo ensino regular, é definida como uma "educação escolar preferencialmente na rede regular para estudantes com necessidades educacionais especiais (NEEs) e pessoas com deficiência".

A mera presença de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas regulares não garante a inclusão. É fundamental que haja interação, troca de experiências e compartilhamento de conhecimentos entre todos os alunos e membros da comunidade escolar. Para que a inclusão seja plena e efetiva, a escola precisa se comprometer com uma mudança profunda em todos os seus aspectos.

⁸ Termo utilizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

De acordo com Rodrigues (2017), a educação inclusiva se manifesta como uma proposta que transcende a mera presença física de alunos com deficiência em salas de aula regulares. Ela abrange a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas e o compromisso das instituições de ensino em oferecer um ambiente de aprendizagem acessível e adaptado às necessidades de todos os alunos. Em sua dissertação, Rodrigues destaca que a educação inclusiva só se concretiza mediante a mudança de paradigma por parte de educadores e instituições, que devem reconhecer e valorizar a diversidade humana como elemento central na construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Em 1999, foi instituído o Decreto-Lei nº 3298, que estabelece a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, visando garantir o pleno exercício dos direitos individuais e sociais dessas pessoas, incluindo a educação. Apesar de não haver uma mudança estrutural nas metodologias e didáticas, a compreensão das necessidades educacionais especiais se expandiu, abrangendo também estudantes com dificuldades de aprendizagem não decorrentes de deficiências.

Em 2001, as Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica garantiram que o atendimento aos estudantes com deficiência deveria iniciar na educação infantil e continuar nas classes comuns do ensino regular, abrangendo todas as etapas da educação básica. Classes especiais seriam asseguradas quando necessárias. Além disso, as escolas deveriam eliminar barreiras arquitetônicas, promover a acessibilidade nos espaços escolares e nos meios de transporte, e oferecer acessibilidade aos conteúdos curriculares para estudantes com dificuldades de comunicação.

Em 2002, destacaram-se a Resolução CNE/CP nº 01/2002, a Lei nº 10.436/02 e a Portaria nº 2.678/02. A Resolução estabelece diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, enfatizando a preparação de docentes focada na diversidade e nas necessidades educacionais dos estudantes. A Lei nº 10.436/02 reconhece a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando sua inclusão nos currículos de formação de professores e fonoaudiólogos. A Portaria nº 2.678/02 define normas para o uso do sistema Braille nas diferentes modalidades do sistema de ensino.

Em 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPI) foi publicada, definindo o público elegível para os serviços de

Educação Especial e assegurando serviços especializados para três grupos de estudantes: aqueles com deficiências (físicas, intelectuais ou sensoriais), com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. O documento enfatiza a formação especializada de professores para AEE, a acessibilidade arquitetônica e a articulação entre diversos setores para a implementação de políticas públicas, visando garantir a educação inclusiva em todos os níveis de ensino com participação, aprendizagem e continuidade dos estudos.

Em 2015, a Lei nº 13.146, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, entrou em vigor com o objetivo de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais pelas pessoas com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Este estatuto também prevê a oferta de informações e orientações nas áreas de saúde, educação, cultura, esporte, lazer, entre outras, possibilitando o pleno exercício da cidadania. No âmbito da educação, o documento reafirma este direito, garantindo que o sistema educacional inclusivo conduza o estudante ao máximo desenvolvimento de suas habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, de acordo com suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

O artigo 28 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) assegura o acesso da pessoa com deficiência, em condições de igualdade, a jogos e atividades recreativas, esportivas e de lazer no sistema de ensino. Também aborda o direito à cultura, ao esporte, ao lazer e ao turismo, garantindo igualdade de oportunidades com as demais pessoas e acesso a variados espaços relacionados a essas áreas.

Segundo os princípios da Educação Inclusiva, o Brasil assegura:

como imperativo ético, normativo e intelectual ampliar a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, especialmente daqueles grupos sociais historicamente excluídos da escola, como as pessoas com deficiência, através de uma abordagem humanística e democrática, que perceba o sujeito e suas singularidades tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos (BARBOSA; FIALHO; MACHADO, 2018, p. 18).

Estudos a cerca da inclusão indicam que, apesar da construção de políticas públicas voltadas à educação inclusiva, o Brasil enfrenta diversas barreiras práticas nesse domínio. Segundo Mantoan (2006), embora tenham ocorrido avanços legais que garantem a inclusão social e educacional de pessoas com deficiência, a mudança cultural necessária para efetivar essas políticas ainda não se concretizou. De acordo

com Souza e Mendes (2018), essas barreiras perpetuam a exclusão educacional, dificultando significativamente a transformação do sistema de ensino.

Um dossiê intitulado "10 anos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em debate: trajetória, limites e desafios" (Mendes et al., 2015) analisou aspectos históricos e políticos da PNEEPEI, destacando a necessidade de redes de apoio para a efetivação da educação inclusiva no Brasil. Esse documento reuniu estudos que discutem as iniciativas voltadas à operacionalização da PNEEPEI e trazem luz às suas limitações e desafios nas escolas brasileiras.

Os resultados apontaram que, apesar dos benefícios trazidos pela PNEEPEI aos seus usuários, sua implementação e sistematização ainda demandam investimentos significativos em todo o território nacional (Oliveira, 2016). Entre os investimentos necessários, destaca-se a proporcionalidade do número de docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em relação ao número de estudantes matriculados no ensino regular, a formação de qualidade dos professores regulares, o fornecimento de recursos e materiais adequados às necessidades dos estudantes, e o incentivo a pesquisas que possam desenvolver estratégias e metodologias para profissionais envolvidos na educação inclusiva (Carvalho, 2017).

Macena, Justino e Capellini (2018) identificam alguns investimentos essenciais para a efetivação da educação inclusiva no Brasil. Entre eles, destacam-se a proporcionalidade do número de docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em relação ao número de estudantes matriculados no ensino regular, a formação de qualidade dos professores regulares, o fornecimento de recursos e materiais adequados às necessidades dos estudantes, e o incentivo a pesquisas que possam desenvolver estratégias e metodologias para profissionais envolvidos na educação inclusiva.

Portanto, é imperativo considerar e analisar detalhadamente essas lacunas existentes no sistema de ensino para abordar todos os aspectos que limitam as práticas da educação inclusiva no Brasil. Conforme destacado por Macena, Justino e Capellini (2018), a insuficiência de investimentos em formação docente, recursos materiais adequados e pesquisa em metodologias inclusivas são barreiras significativas que precisam ser superadas para garantir uma educação de qualidade para todos.

3.4 EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física se configura como uma realidade da atualidade, exigindo a superação de paradigmas tradicionais e a construção de um ambiente educacional verdadeiramente equitativo e acolhedor. Nesse contexto, o desenvolvimento de atividades inclusivas torna-se uma necessidade urgente, respondendo às demandas de uma sociedade cada vez mais sensível à diversidade humana.

De acordo com Lopes et al. (2013), a inclusão na Educação Física escolar é um processo que visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas características, tenham acesso às atividades físicas e esportivas oferecidas pela escola. Isso abrange alunos com deficiência, com diferentes habilidades físicas, de diversos gêneros e etnias, bem como superdotados, com transtornos de desenvolvimento e outras condições.

É crucial salientar que a Educação Física é uma disciplina que deve ser inclusiva e acessível a todos os alunos. Ademais, as aulas devem proporcionar um ambiente seguro e respeitoso para todos os estudantes. A Educação Física escolar é uma disciplina que transcende o esporte, abrangendo diversas práticas corporais, como jogos, danças, ginástica, entre outras. Dessa forma, é possível ampliar o leque de atividades e promover a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades físicas ou preferências pessoais (Vianna, 2015).

A preparação dos professores de Educação Física é fundamental para a promoção de mudanças e a implementação de ações inclusivas. (Falkenbach et al (2011). No mesmo raciocínio, Silva (2013) fala que embora a acessibilidade na estrutura física da escola seja um fator essencial para a inclusão escolar, por si só, não garante o sucesso do processo afetivo e inclusivo.e. Para garantir a inclusão de estudantes com deficiência, é fundamental que a equipe gestora e a comunidade escolar mudem suas atitudes e aceitem o outro, independentemente de sua condição. De acordo com Saldanha et al. (2015), a inclusão escolar exige um compromisso coletivo da escola, incluindo a elaboração de um projeto político-pedagógico e o planejamento de programas de formação continuada para todos os membros da comunidade escolar. Para Falkenbach et al (2007), a inclusão no campo da educação física vai além do simples desenvolvimento de atividades físicas. O professor de Educação Física deve contribuir para a formação cidadã do aluno

permitindo seu aprendizado e desenvolvimento na adaptação da criança com deficiência e na sua vivência corporal.

A sensibilidade individual e coletiva em relação à inclusão traduz-se em um crescente comprometimento dos professores de Educação Física com suas aulas. Esse comprometimento manifesta-se na busca por metodologias inovadoras, na adaptação de atividades e na criação de um ambiente propício para a participação plena de todos os alunos, independentemente de suas características físicas ou intelectuais.

Segundo Ferreira (2003), as relações sociais não se transformam apenas por meio de decretos e leis. Elas são dinâmicas e se modificam conforme se criam novas condições para sua efetivação. A Educação Física, nesse sentido, assume um papel fundamental na construção de um novo paradigma social, onde a pessoa com deficiência possa instituir novas sociabilidades e subjetividades, desfrutando plenamente de seus direitos e potencialidades.

Historicamente, a pessoa com deficiência foi frequentemente excluída de diversos espaços sociais, incluindo o ambiente escolar, especialmente nas aulas de Educação Física. No entanto, a Educação Física moderna se propõe a romper com essa lógica excludente, apresentando-se como um espaço para a celebração da diversidade corporal evidenciada nos estudos de (Maldonado, 2014; Maroun, 2015; Rodrigues *et al.*, 2015; Mazzoni; Neira, 2017; Martins, 2021; Mota; Soares, 2023), que retrataram uma abordagem voltada para a defesa de uma Educação Física e que reconhece e valoriza a diversidade cultural, destacando a importância de currículos que contextualizem as práticas culturais, nesse contexto, os professores são vistos como agentes fundamentais na implementação dessas mudanças.

Através de práticas inclusivas, as aulas de Educação Física oferecem a oportunidade de ressignificar, fortalecer e divulgar valores que perpetuem a expressão de identidades, contribuindo para a promoção, valorização da cultura e do direito do cidadão brasileiro. Dessa forma, entendemos que a promoção de práticas corporais inclusivas no âmbito da educação física representa uma forma de educação, humanização e integralidade da saúde, sem fragmentação do corpo e da mente, por meio das habilidades físicas, morais e sociais, cuja qualidade na aplicação se configura como excelente ferramenta de inclusão (Ferreira, 2011) e, portanto, materializa-se com o compromisso e a responsabilidade social.

Para elaborar uma proposta de Educação Física Inclusiva, Ferreira e Cataldi (2014) realizaram o maior levantamento sobre o tema no Brasil, entrevistando mais de 2.000 professores da rede municipal de ensino de diversas regiões do país. A prática da Educação Física inclusiva não é simples, pois não se resume à adaptação de gestos corporais, tampouco ao relaxamento do rigor e das exigências técnicas para o desenvolvimento de qualquer atividade.

Os autores ainda afirmam que ao contrário, o exercício da prática corporal exige uma instrumentalização capaz de propiciar a construção de uma ordem de movimentos adequada à percepção de padrões estruturantes de uma técnica; técnica esta que permita a realização de movimentos que façam sentido para pessoas com e sem deficiência. Assim, segundo os autores, é inevitável a substituição do padrão atual de relativa estabilidade na abordagem da Educação Física e do Movimento, por algo que ainda causa estranheza.

Nesse contexto, admite-se que a proposta de substituir um padrão de relativa estabilidade na abordagem da Educação Física e do movimento por um modelo ainda em desenvolvimento possa gerar estranheza. No entanto, é fundamental ressaltar que essa iniciativa se baseia nos próprios princípios pedagógicos da Educação Física, buscando construir uma nova dimensão de trabalho e movimento. Através dessa abordagem, busca-se extrair uma ordem de possibilidades corporais que atenda às necessidades e potencialidades de todos os alunos.

A educação física inclusiva deve ter o aluno como foco central, visando ao desenvolvimento de competências e condições igualitárias, e buscando, portanto, estratégias para mitigar a exclusão ou segregação. Por meio das atividades de educação física, os alunos podem ampliar seus contatos interpessoais, uma vez que as atividades físicas proporcionam o ensino de limites e superação, além de promover uma visão de competitividade e os contatos físicos propostos pelas dinâmicas das práticas educativas que valorizam a diversidade e o respeito entre os alunos (AGUIAR; DUARTE, 2005)

Para alcançar a igualdade de oportunidades na participação dos alunos nas aulas de Educação Física, é essencial estabelecer critérios gerais aplicáveis a todas as atividades físicas e esportivas, visando ao êxito de todos os participantes. Ademais, é um direito das pessoas com deficiência, como parte de seu desenvolvimento e bem-estar, desfrutar das atividades recreativas, artísticas e esportivas juntamente com as pessoas sem deficiência, e não de forma segregada da população em geral.

Segundo Darido (2008), a educação física, como prática escolar, integra o aluno à cultura corporal, auxiliando na formação cidadã, para que este possa reproduzir e até mesmo transformar essa cultura. Conforme o mesmo autor, a prática da educação física desempenha um papel no desenvolvimento de aspectos individuais e coletivos, além de trabalhar o desenvolvimento motor, a aptidão física e o bem-estar social. No modelo educacional anterior, no qual havia a segregação entre alunos com e sem necessidades especiais, não havia preocupação com essa inserção social.

Portanto, a compreensão do papel da Educação Física escolar na promoção da inclusão é fundamental para que o professor possa intervir pedagogicamente de forma eficaz. Ao dominar esse conhecimento, o docente abre uma gama de possibilidades para trilhar com seus alunos, adotando práticas e atitudes que garantam a todos o direito de serem incluídos. Para que tais adaptações promovam a inclusão, professores e a estrutura escolar devem estar preparados para acolher os alunos de acordo com suas características individuais e seus tipos de deficiência. Desde a elaboração do programa de atividades, visando um ambiente verdadeiramente inclusivo, o professor deve analisar o ambiente e os acontecimentos, considerando o contexto dos indivíduos que compõem o grupo (ALMEIDA; DUARTE; SILVA, 2011).

Segundo Silva et al. (2008, apud Barreto; Francisco; Vale, 2014, p. 531-532), a Educação Física na escola, por muitas vezes, assumiu e ainda assume um papel excludente. É crucial que o professor esteja ciente dessa realidade para que possa combatê-la e construir um ambiente de aprendizado verdadeiramente inclusivo.

Culturalmente a disciplina Educação Física sempre foi voltada para a prática seletiva, técnica e como modelo calistênico (ginástica) em que o físico (corpo), a aptidão física e desempenho eram o mais importante, não levando em consideração os aspectos sociais, cognitivos e afetivos, podendo ser compreendida como a área pedagógica da escola com menor tendência para as finalidades de inclusão.

As discussões sobre inclusão são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Através do diálogo, podemos buscar compreender as diferentes realidades e necessidades dos indivíduos, combatendo práticas excludentes e promovendo uma educação que respeite as diversidades.

Neste sentido buscamos fazer com que o aluno PCD reconheça seu potencial e aumente o número de experiências de forma não discriminatória, a fim de promover

a educação inclusiva, aumentando a sensibilização para as questões entre os estudantes e o público em geral.

Ao buscarmos os objetivos da Educação Física inclusiva, Chicon (2013, p. 88) apoia nossa compreensão ao afirmar que:

[...] incluir na Educação Física não é simplesmente adaptar essa disciplina escolar para que uma pessoa com NEEs possa participar da aula, mas é adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos valorizem a diversidade humana e que esteja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva.

Ressaltamos que a escola está inserida em uma sociedade composta por pessoas com diversidade sexual, de gerações, de corpos, de raças, de classes, de etnias, religiões, entre outros. A prática inclusiva em um ambiente escolar está diretamente relacionada à maneira como a escola lida com o reconhecimento e a valorização dessas diversidades.

A Educação Física é marcada por uma constante disputa de ideias e abordagens, resultado da busca por hegemonia no campo pedagógico e científico, o que reflete a dinâmica e complexidade da formação de seu campo acadêmico (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000).

As abordagens pedagógicas em Educação Física são diferentes maneiras de entender e organizar o ensino dessa disciplina. Essas abordagens refletem diferentes visões sobre o papel da Educação Física na formação dos alunos e na sociedade, oferecendo diversas estratégias pedagógicas para alcançar objetivos educacionais variados.

As diversas concepções de Educação Física, com suas respectivas teorias e práticas pedagógicas, são, na verdade, a materialização de distintos projetos políticos e sociais, que se refletem tanto na sociedade em geral quanto no âmbito da educação e da atuação docente (PALAFOX; NAZARI, 2007).

Neste trabalho optamos por utilizar a abordagem Crítico-Superadora (Coletivo de Autores, 2012), que baseia-se na teoria crítica, busca promover a consciência crítica dos alunos, utilizando a Educação Física como um meio para refletir sobre as injustiças sociais e culturais. Visa à formação omnilateral do indivíduo, integrando aspectos físicos, sociais e culturais. E a Abordagem Crítico-Emancipatória (Kunz, 1994) que é similar à Crítico-Superadora, mas com foco na autonomia e emancipação do aluno. Busca desenvolver a capacidade crítica e a consciência social dos alunos para que se tornem sujeitos ativos na transformação social.

Surgida oficialmente em 1992 com a publicação do livro "Metodologia do Ensino de Educação Física" (SOARES et al, 1992), a abordagem Crítico-Superadora tem suas raízes na Sociologia política e no materialismo histórico-dialético. Essa abordagem propõe um ensino que vai além da simples transmissão de conteúdos, buscando a formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de analisar e transformar a realidade social. A prática pedagógica, nesse contexto, baseia-se na leitura crítica da realidade e na problematização dos conteúdos (SOARES et al, 1992).

De acordo com Câmara (2018), as tendências crítico-emancipatória e crítico-superadora destacam-se como as principais linhas de trabalho das pedagogias críticas da Educação Física no Brasil. A linha crítico-emancipatória, idealizada pelo estudioso brasileiro Elenor Kunz (1991), fundamenta-se nas obras de Paulo Freire (2004), Maurice Merleau-Ponty (1999) e Jürgen Habermas (1987).

A Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas (1987) e a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2002) convergem na ênfase ao diálogo e à participação ativa dos alunos, colocando a análise crítica no centro da prática pedagógica. Para Merleau-Ponty (1999), o corpo humano transcende a mera mecânica, integrando-se às funções mentais e ao mundo circundante, configurando-se como a base de nossas percepções da realidade.

Na aplicação da concepção crítico-emancipatória, Kunz (1991) propõe as seguintes competências: objetiva, social e comunicativa. A competência objetiva visa ao desenvolvimento da autonomia por meio do ensino da técnica. A competência social propõe a oferta de conteúdos que estimulem a reflexão sobre o contexto social e cultural. Por fim, a competência comunicativa busca o desenvolvimento da linguagem (verbal, escrita e corporal) como ferramenta para o pensamento crítico.

Dessa maneira, os alunos com deficiência têm a oportunidade de compreender por si mesmos suas limitações e capacidades, por meio de experiências que os desafiem a tomar decisões sobre suas ações, desenvolvendo, assim, sua capacidade de iniciativa no processo de adaptação ao mundo.

É crucial destacar que a práxis do professor sempre envolve uma decisão política e uma visão particular de mundo. Consideraremos, dentro desta pesquisa o conceito de práxis desenvolvido por Freire (2010), que a define como a "teoria do fazer" (p. 146), afirmando que "sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação" (p. 106). Diante disso, o

professor deve compreender que os conteúdos que ele ministra precisam ter relevância na vida de seus alunos, como explica Oliveira (2007).

[...] os professores são considerados atores sociais, que têm sua ação influenciada culturalmente. Sua prática é reconhecida como atividade eminentemente humana. Os professores expressam, em sua prática docente, determinados valores e concepções de acordo com os contextos culturais no qual se constituíram, com a preparação profissional a qual tiveram acesso, com o contexto educativo em que trabalham, entre outros. (OLIVEIRA, 2007, p. 31)

Assim, não se trata apenas de garantir que o aluno com deficiência participe de jogos como um pretexto para a inclusão, mas de proporcionar a ele a consciência de sua condição, permitindo que compreenda as contradições presentes em uma sociedade que não está preparada para atendê-lo. Dessa forma, busca-se instrumentalizá-lo intelectualmente para superar essas contradições, conforme esclarece Darido (2001).

[...] o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) (p. 20).

O objetivo é alertar que uma prática pedagógica baseada exclusivamente em atividades que visam apenas a inserção do aluno com deficiência na aula, usando a socialização como objetivo final, em vez de um meio para a busca do conhecimento, não só não resolve o problema da exclusão como também pode escondê-lo.

Segundo Stainback e Stainback (1999, p. 21),

A educação inclusiva pode ser definida como “a prática da inclusão de todos” – independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas.

Além disso, ensinar um aluno com deficiência junto aos demais pode ser um impulso para trazer à tona temas geralmente silenciados em sala de aula, como as diferenças entre as pessoas e suas diversas manifestações, sempre fundamentando-se no respeito como a principal base de sustentação social. Stainback et al. (1999) oferecem importantes contribuições sobre essa ideia:

A principal razão para a inclusão não é que os alunos previamente excluídos estarão necessariamente se tornando proficientes em socialização, história ou matemática, embora seja óbvio que nas turmas inclusivas há mais oportunidades para todos crescerem aprenderem. Ao contrário, a inclusão de todos os alunos ensina ao aluno portador de deficiências e a seus colegas que todas as pessoas são membros igualmente valorizados da sociedade, e que vale a pena fazer tudo o que for possível para poder incluir todos na nossa sociedade. O modo previamente aceito de se lidar com as diferenças nas pessoas era a segregação, que comunica a mensagem de que não queremos aceitar todos e que algumas pessoas não são dignas de esforços para serem incluídas (p. 250).

Portanto, a educação que um aluno, seja ele com ou sem deficiência, recebe na escola deve ser suficientemente robusta para transcender os muros escolares e se refletir em seu cotidiano. Considerando que as aulas de Educação Física representam apenas uma pequena parte desse quebra-cabeça, elas não podem ser vistas de forma isolada das contradições presentes na educação e na sociedade em geral, sob o risco de perderem seu valor dentro do processo educativo.

3.5 COMPREENDENDO O CONCEITO DE ESPORTE ADAPTADO

Nas aulas de Educação Física, as adaptações das atividades propostas são uma realidade constante. Elas se fazem necessárias devido a diversos fatores, como falta de espaço, material inadequado, tempo limitado, desmotivação ou baixa participação dos alunos. Diante dessa constante necessidade de adaptações, buscamos aprofundar a compreensão do conceito de "atividade adaptada", recorrendo à definição proposta por Rodrigues (1996 apud Araújo, 1997, p. 4-5) que define "atividade adaptada" em um sentido amplo, como a construção de uma atividade específica para um objetivo definido. Essa definição abrange desde o desenvolvimento da consciência corporal até modificações em atividades padronizadas, como um esporte, para atender às necessidades de um indivíduo ou grupo. No contexto do esporte adaptado, a atividade adaptada pode visar o envolvimento específico em uma atividade não padronizada, a criação de um contexto com objetivos terapêuticos ou reeducativos, ou ainda a inclusão de pessoas com deficiência.

A definição de Rodrigues (1996 apud Araújo, 1997) nos leva a compreender que as adaptações são recorrentes nas aulas de Educação Física. Cada aula possui um objetivo específico, e esse objetivo pode precisar ser adaptado durante sua execução para atender às necessidades dos alunos. Essa flexibilidade é

fundamental para o professor de Educação Física, que deve estar preparado para lidar com situações que exigem adaptações.

É importante ressaltar que as adaptações não devem ser restritas a alunos com deficiência. Acreditamos que elas são ferramentas valiosas para promover a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas características individuais. Uma perspectiva inclusiva do Esporte Adaptado nos leva a reconhecer que essa prática não se destina apenas a pessoas com deficiência, mas a todos que desejam se envolver com o esporte.

Para compreendermos melhor a importância do Esporte Adaptado, buscamos conhecer suas origens. Segundo Cunha (2013, p. 46), o marco inicial da prática esportiva adaptada no mundo remonta ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Naquele período, muitos combatentes europeus ficaram paraplégico ou tetraplégico em decorrência de lesões na coluna vertebral. Diante dessa realidade, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann iniciou um trabalho de reabilitação médica e social desses veteranos de guerra, utilizando práticas esportivas como ferramenta. Essa iniciativa pioneira deu origem ao Centro Nacional de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville, na Inglaterra, considerado o berço do esporte paralímpico.

Ao adotarmos uma perspectiva inclusiva, a prática do Esporte Adaptado se estende além das pessoas com deficiência, alcançando todos aqueles que desejam vivenciá-lo. Para compreendermos as origens dessa modalidade esportiva, recorreremos à obra de Cunha (2013, p. 46), acessada no site do Comitê Paralímpico Brasileiro.

Em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, um espólio visto principalmente nos países europeus envolvidos no conflito foi o considerável número de combatentes que sofreram lesões na coluna vertebral, ficando paraplégicos ou tetraplégicos. Isto influenciou o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann a iniciar um trabalho de reabilitação médica e social de veteranos de guerra, através de práticas esportivas. Tudo começou no 28 Centro Nacional de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, [20—a])

Ao considerar o Esporte Adaptado sob uma perspectiva inclusiva, defendemos que a prática dessa modalidade não se restringe a pessoas com deficiência, mas abrange todos aqueles que desejam vivenciá-la. Buscamos compreender o marco inicial da prática esportiva adaptada no mundo e, para tanto, consultamos a referência de Cunha (2013, p. 46) ao site do Comitê Paralímpico Brasileiro.

Para que o tema esporte adaptado seja utilizado como objeto de conhecimento nas aulas de Educação Física escolar, é fundamental que tanto os professores quanto

os alunos compreendam a origem e a definição do Esporte Adaptado, bem como a maneira pela qual ele pode ser vivenciado dentro de uma perspectiva inclusiva.

O conceito de encenação do esporte (KUNZ, 2006) oferece um marco teórico valioso para a análise do Esporte Adaptado na Educação Física escolar, especialmente sob a perspectiva da inclusão. Ao proporcionar vivências corporais diversificadas, a encenação possibilita a construção de propostas pedagógicas mais inclusivas e significativas para todos os alunos. Sem aprofundar as especificidades da encenação, ressaltamos sua importância na mediação de práticas esportivas que considerem a subjetividade, a cultura e a história dos sujeitos. Ao problematizar o esporte na escola, podemos fomentar uma análise crítica do fenômeno esportivo e contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e atuantes.

Com o objetivo de promover a inclusão, o esporte adaptado abrange tanto a adaptação de esportes tradicionais quanto a criação de novas modalidades, como o goalball, para atender às necessidades específicas de pessoas com deficiência.

O esporte adaptado, com suas diversas finalidades e modalidades, oferece um contexto ideal para a prática da inclusão na Educação Física Escolar. Ao adaptar as atividades e respeitar as diferenças individuais, ele promove o desenvolvimento de habilidades motoras, a socialização e a valorização da diversidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e inclusivos (MUNSTER; ALMEIDA, 2010; BELTRAME; SAMPAIO, 2015; CABRAL; ALMEIDA, 2019).

A inclusão do esporte adaptado nas aulas de Educação Física amplia as oportunidades de participação de todos os alunos, promovendo a compreensão da diversidade e a construção de relações mais equitativas. Essa prática, como apontam Cabral e Almeida (2019), permite que os estudantes se percebam em diferentes contextos e desenvolvam novas habilidades sociais.

Utilizar o esporte adaptado como ferramenta de inclusão nas aulas de Educação Física é o tema central nesta pesquisa, evidenciando prerrogativas para todos os envolvidos. E isso nos leva a refletir sobre o papel do esporte nas aulas de educação física, em uma perspectiva que supera a visão tradicional, ainda muito presente, que se concentra exclusivamente em ganhar ou perder, especialmente em uma sociedade altamente segregadora em relação às pessoas com deficiência e aos menos habilitados (CHICON, 2011; BELTRAME, 2017).

Cientes dos desafios que envolvem o trabalho com o esporte, dada a forte dimensão competitiva que o permeia, reconhecemos a necessidade de cautela e cuidado no

desenvolvimento dessas atividades. É fundamental ressignificar as práticas esportivas na escola, explorando possibilidades que vão além da simples dicotomia entre ganhar e perder, e enfatizando o desenvolvimento do praticante no processo de aprendizagem motora.

O esporte, utilizado como conteúdo e ferramenta de inclusão nas aulas de Educação Física, cria oportunidades por diferentes caminhos, permitindo que todos os estudantes, com ou sem deficiência, alcancem resultados significativos. É relevante observar, conforme apontam Almeida et al. (2015), que as atividades envolvendo o esporte adaptado não precisam seguir rigorosamente as regras originais, o que dá sentido ao termo "esporte adaptado". Sua essência reside na adaptabilidade e na flexibilidade, ajustando-se conforme a demanda, com conteúdos também adaptáveis (FIORINI; MANZINI, 2014).

Ao abordar a possibilidade de ministrar o tema Esporte Adaptado sob uma perspectiva inclusiva no Ensino Médio, Cunha (2013) expõe um questionamento de Carmo (2002) que também se relaciona com uma reflexão desta pesquisa.

Será que os professores de Educação Física, que tanto sucesso têm conseguido com os atletas com deficiência, no campo segregado e diferenciado dos jogos e competições, terão condições de desenvolver suas atividades escolares em grupos, envolvendo deficientes e não deficientes? (CARMO, 2002 apud CUNHA 2013, P.15)

Assim como o esporte é considerado um dos conteúdos da Educação Física escolar, podemos considerar que o esporte adaptado surge como uma das possibilidades da denominada Educação Física adaptada" (Cunha, 2013, p. 49). Partindo dessa afirmação de Cunha (2013), buscamos compreender o conceito de Educação Física Adaptada, encontrando a seguinte definição:

[...] uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educacionais especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais (DUARTE; WERNER, 1995, P. 9 apud SILVA 2019, P.14).

Cunha (2013, p. 50) relata que a intenção de trabalhar a Educação Física com pessoas com deficiência manifestava-se, inicialmente, por meio de "práticas corporais adaptadas, as quais deveriam ser realizadas em locais apropriados, distintos dos espaços de convívio e de práticas corporais de pessoas sem deficiência, inclusive e principalmente na escola". Podemos considerar que a Educação Física adaptada, quando trabalhada não apenas para aprimorar as capacidades e minimizar as limitações de estudantes com deficiência, mas como

uma disciplina diversificada de atividades, adequada aos interesses dos participantes, independentemente de terem ou não uma deficiência, torna-se uma Educação Física irrestrita. Ou seja, a Educação Física adaptada pode promover aulas seguras e bem-sucedidas, com atividades vigorosas, dentro de um currículo de Educação Física geral, de acordo com os interesses e necessidades de todos, incluindo a todos. Cunha (2013, p. 51) reforça nosso pensamento ao entender que "a história dos esportes adaptados e da Educação Física adaptada se construíram e se sustentam a partir de princípios que não divergem dos ideais da inclusão". Silva et al. (2013, p. 283) contribuem ao destacar que "[...] o esporte adaptado se posiciona na sociedade contemporânea como importante meio de inclusão social e empoderamento de pessoas com deficiência [...]".

Ao longo das vivências em escolas, percebemos a dificuldade dos professores em criar condições que incluam seus estudantes, com e sem deficiência, nas diversas situações de aprendizagem inclusiva. Consideramos que os Esportes Adaptados podem servir como meio para essa finalidade. No entanto, Cunha (2013, p. 51) alerta que, no próprio meio acadêmico, parece existir uma visão preestabelecida das intenções para as quais o esporte adaptado foi criado. Matias et al. (2017, p. 11) apresentam algumas ideias de como esse conteúdo pode ser implementado em sala de aula. Nessa perspectiva, as ações que envolvem o esporte adaptado permitem sua organização levando em conta as especificidades e necessidades dos estudantes. Dessa forma, os praticantes, ao serem incluídos nas atividades, percebem-se de fato incluídos na prática real das atividades propostas.

As escolas têm a responsabilidade de implementar mecanismos que promovam práticas inclusivas, e isso deve estar claramente delineado no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição. Conforme Mantoan (2003), "cabe à escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos"; a Revista Redin (2017) também afirma que, "cabe à escola responder às problematizações sociais para se adaptar a realidade e ofertar uma educação que contemple toda a diversidade existente".

Promoveremos aqui um diálogo sobre o esporte como objeto de conhecimento na perspectiva da BNCC e os novos desafios para a implementação de aulas de Educação Física escolar com foco no Esporte Adaptado. Nosso objetivo é estimular reflexões sobre as possíveis aproximações destacadas no documento mencionado, explorando as potencialidades do esporte no processo de inclusão.

A BNCC é estabelecida nacionalmente como “[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Nesse sentido, destaca-se que há uma orientação “pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 7). Assim, a BNCC serve como referência para a elaboração das propostas curriculares dos sistemas de ensino e dos projetos pedagógicos das escolas, alinhando as políticas e ações voltadas para a formação de professores, a avaliação e a elaboração de conteúdo para o desenvolvimento da educação.

Nesse contexto, a BNCC propõe que as aprendizagens essenciais ou habilidades sejam atribuídas ao desenvolvimento de competências definidas, tais como:

a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p. 8).

Dessa forma, na BNCC, a Educação Física é considerada um componente curricular que proporciona aprendizagens essenciais sobre as práticas corporais tematizadas na escola. Assim, a Educação Física escolar deve assegurar que os alunos se apropriem das diversas possibilidades inseridas na cultura do movimento.

Além disso, as práticas corporais tematizadas na BNCC são organizadas em seis unidades temáticas:

Quadro 3 - Unidades temáticas Educação Física Ensino Fundamental II

Brincadeiras e jogos: jogos eletrônicos.

Esportes: atividades esportivas de marca, de precisão, de invasão e técnico-combinatórios.

Ginásticas: ginástica de condicionamento físico.

Danças: modalidades urbanas.

Lutas: modalidades brasileiras.

Aventura: práticas corporais de aventura urbanas.

Fonte: Autor, com base na BNCC(Brasil,2018)

Portanto, é responsabilidade da Educação Física garantir que, em cada uma dessas unidades temáticas, sejam desenvolvidas competências específicas ao longo da educação básica.

Ao analisarmos a BNCC, constatamos que ela destaca a importância da inclusão ao abordar o compromisso com os alunos com deficiência, “[...] reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular para esse público” (BRASIL, 2018, p. 16). Mas observamos que não menciona os Esportes Adaptados como sugestão em suas unidades temáticas e objetos de conhecimento para a disciplina de Educação Física. Portanto, a criação de uma unidade temática desenvolvida e aplicada por este estudo poderá ampliar a perspectiva dos professores na abordagem desse tema em suas aulas.

A referência mais próxima que a BNCC (2018) faz ao tema Esporte Adaptado é de forma implícita, ao mencionar práticas derivadas do esporte. Embora essa menção seja limitada, ela permite a possibilidade de recriação e adaptação. Nesse sentido, está alinhada com o ensino de Esporte Adaptado nas escolas uma vez que

As práticas derivadas dos esportes mantêm, essencialmente, suas características formais de regulação das ações, mas adaptam as demais normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível etc.(BRASIL 2018, P. 215).

O conteúdo de esporte adaptado, foi desenvolvido nas aulas de Educação Física e está focado em práticas pedagógicas. Essas práticas têm como princípio a igualdade de oportunidades, ou seja, um espaço em que todos tenham acesso ao conhecimento sobre o tema e também possam participar como sujeitos ativos nas vivências, independentemente de possuírem alguma deficiência. Baseado na visão de Freire 2008, onde afirma

" que a inclusão visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas características e diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade e vivenciem experiências significativas." Freire (2008, p.9).

É essencial que o professor conheça os temas abordados nas unidades temáticas sugeridas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018. Observamos a necessidade de ampliar as discussões sobre a ministração de temas como esportes adaptados e inclusão nas aulas de Educação Física escolar.

Ao abordarmos os esportes sob a perspectiva da educação inclusiva, é importante reconhecer que as adaptações passam a fazer parte das propostas curriculares das escolas, com o objetivo de atender às necessidades dos alunos. Essas medidas

adaptativas focam na diversidade da população escolar e pressupõem que o tratamento diferenciado pode significar igualdade de oportunidades educacionais para aqueles que necessitam. Dessa forma, buscam promover maior eficácia educativa, na perspectiva de uma escola para todos.

Considerando o exposto, propomos a inclusão do Esporte Adaptado como parte integrante do conhecimento em Educação Física escolar. Isso envolve a adaptação do currículo e da abordagem pedagógica da escola, legitimando-o no processo de ensino, que deve estar em sintonia com os aspectos culturais e sociais, além de promover o respeito às diferenças e a inclusão de todos os alunos.

4 METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa participante, que é um tipo de pesquisa que procura integrar a pesquisa à ação ou prática, desenvolvendo conhecimento e compreensão como parte integrante da prática (Monteiro et al., 2010). É inspirada no referencial da pesquisa-ação que pressupõe a intervenção do pesquisador no contexto estudado, a participação da população, neste caso específico os alunos, na construção do conhecimento e a importância da socialização desse conhecimento (Haguet, 2001).

Na pesquisa qualitativa, o objetivo não reside na contabilização de resultados, mas sim na compreensão do objeto analisado (GIL, 2010; GAYA; GAYA, 2018). Dessa forma, o professor-pesquisador busca o aprendizado por meio dos procedimentos empregados na intervenção e pesquisa. Ao abordar significados, crenças, motivos, valores e atitudes, a pesquisa qualitativa adentra o âmago das relações (MINAYO, 2001). Nesse contexto, ao aprofundar o tema e proporcionar maior familiaridade ao aluno, este descreve, de forma livre, em questionário e vídeo, seu entendimento inicial e, posteriormente, o entendimento adquirido após as intervenções.”

A implementação das etapas dessa pesquisa foi em uma escola, situada na zona rural do município de Marataízes-ES. A escolha deste cenário justifica-se pela atuação do professor-pesquisador como docente no local, ministrando aulas para estudantes do Ensino Fundamental II. Os sujeitos da pesquisa foram os estudantes da turma do 9º Ano do Ensino Fundamental II (faixa etária de 13 a 15 anos) do turno vespertino, no ano de 2024, tendo como expectativa entre 30 participantes e 04 alunos público alvo da educação especial (PAEE), além de 01 professor de Educação Física e 1 professor de atendimento especial especializado.

O estudo foi realizado durante o primeiro e segundo trimestres do ano letivo de 2024, e contou com a participação de 30 alunos, sendo 4 público alvo da educação especial (PAEE). A estruturação das aulas de Educação Física fundamentou-se nas metodologias crítico-superadora, proposta por Castellani Filho et al. (2014), e crítico-emancipatória (Kunz, 2006). Tais metodologias defendem um processo que enfatize, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno de compreender a realidade, entendendo a aula como um espaço intencionalmente organizado para

possibilitar a apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da educação física e dos diversos aspectos de sua prática na realidade social.

Elaborou-se uma unidade didática⁹ sobre a temática da inclusão abordando o conceito de democracia, a realidade da pessoa com deficiência na sociedade, os esportes adaptados de modo geral e, em seguida, a explanação de cada esporte de modo mais específico, alternando aulas teóricas com vivências práticas dos esportes adaptados.

Como instrumento de coleta de dados, foram utilizados dois questionário semiestruturada, um aplicado no início do trimestres, com o intuito de compreender a percepção dos alunos sobre a inclusão e quais experiências com os esportes adaptados eles tiveram contato, se tiveram. E outro questionário avaliativo, ao final do segundo trimestre para compreender as impressões e conhecimentos gerados em todo o percurso das aulas, podendo nele descrever a ampliação do conhecimento obtido na vivência da unidade didática proposta.

De acordo com Gil (2008, p. 121), o questionário é uma,

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Todos os participantes assinaram, em duas vias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou o Termo de Assentimento (TA) para os menores de idade, sendo este último condicionado ao consentimento dos pais ou responsáveis. Além disso, obteve-se autorização para o uso dos registros fotográficos realizados durante as vivências práticas. planejamento das aulas e os relatórios das aulas ministradas.

Os instrumentos de coleta de dados foram analisados com base nas teorias de Bardin (2006), que possuem caráter essencialmente qualitativo e podem subsidiar a interpretação de fenômenos comunicacionais. Assim, o pesquisador deve aprofundar-se nas características dos dados, extraíndo os elementos mais relevantes com rigor e eficácia, a fim de analisar e compreender criticamente o sentido do conteúdo. Para tanto, dispõe-se de diversas formas de análise, como o uso de fotografias, vídeos, narrativas escritas, entre outros recursos (BARDIN, 2006; CHIZZOTTI, 2006; FLICK, 2009; RICHARDSON, 2011).

⁹ Segundo Escamilla (1993, p.39), a unidade didática (UD) é “uma maneira de planificar o processo de ensino aprendizagem em torno de um conteúdo específico o qual passa a ser o eixo integrador do processo, dando consistência e significado”

Para preservar a identidade dos participantes, estes serão identificados com a letra E seguido do numeral em ordem crescente, como E1,E2,E3, referindo-se ao estudante 1, estudante 2, e assim sucessivamente, até o número 30. Já para identificação dos professores , estes serão identificados do mesmo modo que os estudantes , substituindo a letra E, por P.

A coleta de dados iniciou-se com a apresentação do projeto à equipe pedagógica e à direção da escola. Após a aprovação da sua realização, seguiram-se algumas etapas para melhor organização da pesquisa e da proposta de intervenção na escola. Para tanto, foi encaminhado à instituição de ensino um documento de autorização solicitando permissão para realizar a pesquisa com os estudantes envolvidos. Todos os participantes serão devidamente informados sobre sua participação na pesquisa de Dissertação de Mestrado. Será fornecido um Termo de Assentimento para que os participantes leiam e assinem. No caso dos estudantes menores de idade, será enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que seja levado aos pais ou responsáveis, os quais deverão assinar, autorizando a participação dos estudantes, bem como o uso de imagem e voz.

A primeira etapa de implementação consistirá na apresentação da proposta de intervenção aos alunos e, posteriormente, aplicação do questionário diagnóstico inicial, elaborado pelo professor-pesquisador, com 20 questões fechadas e abertas, cujo objetivo é realizar um levantamento sobre o conhecimento dos alunos sobre os diferentes tipos de deficiências, transtornos e inclusão de forma geral. Serão exploradas questões como o conhecimento sobre esportes adaptados, participação em atividades adaptadas, opiniões sobre a educação física e a educação inclusiva, experiência com aulas de educação física adaptada, conhecimento de alunos com deficiência na escola, e ideias para promover a participação ativa dos alunos com deficiências nas aulas de educação física.

A segunda etapa contará com o planejamento colaborativo entre alunos e professor acerca das atividades a serem desenvolvidas durante as aulas de educação física, as quais são realizadas uma vez por semana, totalizando 1 hora e 40 minutos de aula (duas aulas com duração de 50 minutos cada). A proposta da abordagem pedagógica utilizará uma unidade didática voltada para o ensino de esportes adaptados, visando à promoção da inclusão e da participação ativa de alunos com deficiência. Essa proposta foi embasada nas melhores práticas identificadas na literatura e nas experiências de alguns autores. Desse modo, os alunos poderão

escolher o “pacote” de esportes que queiram aprender primeiro, e as aulas serão administradas compreendendo as modalidades regulares e adaptadas. Por exemplo, será apresentado e praticado o futsal na modalidade regular e, posteriormente, o futsal de cinco que é uma modalidade adaptada para deficientes visuais, que utiliza a bola de guizos, vendas nos olhos e marcações em alto relevo na quadra.

A terceira etapa contará com uma roda de conversa que buscará um feedback sobre a experiência do ensino de jogos adaptados na disciplina de Educação Física escolar. O objetivo é obter percepções sobre a prática das atividades adaptadas, explorando a efetividade das estratégias utilizadas, o impacto na participação e inclusão dos alunos, bem como sugestões de melhorias para a abordagem das aulas. Destaca-se que essa fase contará com a utilização do gravadores de voz para posterior análise das informações discutidas. Além disso, essa coleta de informações permitirá uma avaliação qualitativa da experiência e contribuirá para aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem na Educação Física adaptada.

Ao adotar essa metodologia, esta pesquisa busca ampliar o conhecimento sobre o tema, fornecendo subsídios teóricos e práticos para profissionais da Educação Física e da Educação Inclusiva, bem como para gestores escolares e demais envolvidos na promoção da inclusão educacional. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa contribuam para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais efetivas, que valorizaram a diversidade e promoveram a participação ativa de todos os alunos, independentemente de suas limitações.

Acreditando no poder transformador da Educação Física, busquei transcender o modelo tradicional e implementar novas práticas em sala de aula, fundamentadas em princípios democráticos, autônomos e protagonistas.

Utilizamos inspiração no planejamento participante para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, configurando uma estratégia pedagógica inovadora que transcende a mera organização de atividades. Nessa abordagem, professores e alunos assumem o papel de protagonistas, construindo juntos o planejamento das aulas, levando em consideração as necessidades, interesses e expectativas de todos os envolvidos. Darido e Oliveira (2009) salientam que o desenvolvimento de um ensino inclusivo pode contribuir para superar o histórico da Educação Física e do ensino de esportes, fundamentados na classificação dos indivíduos em aptos e inaptos, excluindo, conseqüentemente, os inaptos das práticas esportivas. Com isso, os autores destacam que as estratégias escolhidas pelo professor, como o

planejamento participante, devem não apenas favorecer a inclusão, mas também criar condições para que os estudantes compreendam o próprio processo metodológico através do qual estão aprendendo.

De acordo com Freire (2005), a educação libertadora consiste em atos de conhecimento, que são atos de criação e recriação da realidade. Nesse sentido, o planejamento participativo teve como proposta central posicionar os estudantes no cerne da produção do conhecimento, transformando-os em sujeitos ativos no processo de aprendizagem, em contraste com a abordagem verticalizada do ensino, onde o aluno assume um papel passivo e o conteúdo é meramente decorado, como no caso da educação física voltada apenas para a repetição mecânica de movimentos, o ensino reforça o que Freire define como "corpo não consciente". Nessa abordagem, o aluno realiza atividades físicas de forma automática, incorporando os movimentos sem questionar ou entender seus fundamentos e significados. O processo de aprendizagem é limitado a uma prática desprovida de reflexão crítica, em que o corpo se torna apenas um executável. Essa perspectiva desconsidera o potencial do aluno de compreender e interpretar os movimentos de forma autônoma, limitando sua experiência educativa a uma atividade meramente física e reprodutiva. Assim, a prática corporal se torna alienante, perpetuando uma visão de educação física que não desenvolve o "corpo consciente" ou a capacidade de agir de maneira intencional e reflexiva

Em oposição a essa abordagem, Freire (2003) propõe uma educação que liberte o aluno da passividade e promova sua participação ativa e crítica no processo de aprendizagem. Na educação física, isso significa integrar uma prática pedagógica que valoriza o "corpo consciente", em que o aluno compreenda os fundamentos e os objetivos de cada movimento, questionando e refletindo sobre a própria prática corporal. Ao adotar essa postura ativa, o aluno se torna protagonista de seu aprendizado, modificando a prática física em um ato consciente e dotado de significado. Esse tipo de educação física incentiva o aluno a entender o impacto de seus movimentos e estabelecer uma relação crítica com seu próprio corpo, desenvolvendo uma autonomia que transcende a execução mecânica e promove uma visão integral do aprendizado físico e intelectual. Dessa forma, a prática pedagógica se torna uma via de emancipação, estimulando o desenvolvimento de sujeitos críticos e reflexivos. Vale ressaltar que a participação dos educandos no

planejamento participativo tornando o professor como mediador dos interesses, das escolhas e das decisões dos alunos.

Para abordar as questões mencionadas e transformar o cenário que me inquietava, implementamos aulas dialogadas e participativas, nas quais os discentes eram protagonistas na escolha dos conteúdos. A construção do conhecimento se deu por meio de pesquisas sobre os temas das aulas, seguidas de apresentação e debates em roda de conversa sobre o que foi pesquisado. Ademais, foi necessário modificar o processo avaliativo, utilizando como instrumentos relatórios escritos e feedback orais das aulas práticas. Para a sistematização do conhecimento dos estudantes, visando um processo compartilhado e uma melhor compreensão da aprendizagem.

Sá Barreto (2000), apresenta algumas características importantes que avaliação educacional deve apresentar, tais como:

“caráter contínuo, que supõe trocas constantes entre o avaliador e o avaliado, o que pode implicar, dependendo do nível de ensino, maior interação com as próprias famílias dos educandos {...} mudanças em relação ao indivíduo apontam na direção da autonomia e, em relação ao social, na direção de uma ordenação democrática e, portanto, mais justa da sociedade” (pág. 8).

A avaliação é destacada por Santos (2005, p. 163) como “[...] uma prática de investigação articulada com a ideia da avaliação mediadora, que ofereça visibilidade ao processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução dos conhecimentos de todos os participantes da relação pedagógica.” Nesse sentido, a escolha de relatórios escritos e de feedback oral das aulas práticas pelos alunos se deu pelo fato de ser um instrumento tanto avaliativo quanto formativo, favorecendo a interação do estudante com o conhecimento, estimulando-o a construir e sistematizar o saber, colaborando com o acompanhamento, a retomada e o desenvolvimento da aprendizagem.

Ao adotar essa metodologia, este projeto de dissertação busca ampliar o conhecimento sobre o tema, fornecendo subsídios teóricos e práticos para profissionais da Educação Física e da Educação Inclusiva, bem como para gestores escolares e demais envolvidos na promoção da inclusão educacional. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais efetivas, que valorizem a diversidade e promovam a participação ativa de todos os alunos, independentemente de suas limitações.

Acreditando no poder transformador da Educação Física, busquei transcender o modelo tradicional e implementar novas práticas em sala de aula, fundamentadas

em princípios democráticos, autônomos e protagonistas. Essa metamorfose pedagógica teve como objetivo principal ampliar horizontes e promover um aprendizado mais significativo e engajador para os alunos, com ênfase no planejamento participante.

A ação renovada, impulsionada pela reflexão, marca o retorno à prática, agora enriquecida por novas perspectivas e conhecimentos. Nesse movimento cíclico, a Educação Física se torna um espaço propício para o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas e sociais, preparando os alunos para os desafios do mundo contemporâneo.

Baseado nos avanços teóricos e práticos emergentes na área da Educação Física e reconhecendo a importância de integrar esses novos saberes ao currículo educacional, decidi conduzir experimentações em minhas aulas, aplicando os conceitos adquiridos e verificando sua eficácia no contexto pedagógico. Esta iniciativa visa não apenas enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, mas também contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento contínuo das práticas educacionais, promovendo uma abordagem mais abrangente e atualizada no campo da Educação Física escolar.

O produto educacional proposto é um e-book intitulado "Inclusão Ativa: Estratégias para o Ensino de Esportes Adaptados para Alunos com e sem Deficiência". O e-book proposto, com seu objetivo de ser uma ferramenta prática e abrangente para a inclusão de alunos com deficiência por meio do ensino de esportes adaptados, dialoga diretamente com as possíveis contribuições dos esportes adaptados como ferramenta inclusiva para alunos/as com deficiência nas aulas de Educação Física.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Básico é uma instituição educacional localizada na zona rural de Marataízes/ES. Fundada em 24/11/1954 a instituição é mantida pela Prefeitura Municipal de Marataízes Foi criada para atender às necessidades educacionais da comunidade local, predominantemente rural e produtora de abacaxi, mandioca, cana de açúcar.

Imagem 1- Fachada da escola



Fonte: Autor, 2024

Atualmente no ano 2024, a escola possui 219 alunos da Educação Básica dentre eles 06 com deficiência, divididos em dois turnos sendo no matutino no Ensino Fundamental I e vespertino no Ensino Fundamental II são 143 alunos. Os discentes são oriundos de diversas classes sociais, das comunidades da zona rural, bairros próximos.

Os alunos público alvo da educação especial são atendidos por professores especialistas da rede municipal.

Embora tenha um prédio antigo e com poucas condições de acessibilidade, a escola possui uma boa estrutura física. Conta com uma secretaria, uma sala dos professores com banheiro, um pátio coberto que também é um refeitório pequeno, onde possui uma rampa que conecta refeitório às salas de aula, uma cozinha com dispensa, um almoxarifado, onde são guardados os materiais de limpeza e dois banheiros, sendo um de uso masculino e outro de uso feminino, um pátio descoberto externo, dividido entre uma área com bloquetes e outra maior de grama e chão batido, oferece diferentes superfícies para atividades diversas. Recentemente, foi instalada uma grande tenda na parte gramada, proporcionando sombra e proteção contra intempéries. Na entrada da escola tem uma rampa ligando

à rua, possui calçada na entrada da escola dando acesso ao pátio coberto pela tenda.

No que diz respeito às aulas de Educação Física, a escola não possui quadra para a realização das aulas. Diante disso utilizamos o pátio externo e por muitas vezes somos advertidos sobre o barulho durante as aulas.

Imagem 2- Pátio externo



Imagem 3 - Pátio externo em outro ângulo



Fonte: Autor, 2024

Lamentavelmente, a escassez de espaço é um problema complicado que afeta negativamente a qualidade das aulas de Educação Física, além de atrapalhar outras aulas por causa do barulho.

Próximo à escola, há uns sessenta metros de distância está localizada a quadra coberta da comunidade que possui alambrados nas laterais e fundos, chão pintado de verde escuro e as linhas demarcatórias de futsal e vôlei de branco, duas traves de ferro de futsal, tem uma pequena arquibancada e dois banheiros pequenos. Ao lado tem um campo de futebol de grama natural de propriedade particular que é utilizado pela comunidade.

Imagem 4 - Quadra da comunidade



Fonte: Autor, 2024

Imagem 5- Quadra vista de outro ângulo



Fonte: Autor, 2024

A quadra é disponibilizada para a comunidade nos momentos em que não é utilizada para o projeto de caratê. Para a sua utilização entramos fizemos um acordo para que o projeto de caratê funcionasse após as aulas de Educação Física. Já no campo acontece projeto esportivo de futebol realizado pela Secretaria de Municipal de Esportes de Marataízes, em dias diferentes das aulas de EF, e quando solicitado é cedido pelo proprietário onde realizamos algumas aulas práticas.

Imagem 6- Campo particular



Fonte: Autor, 2024

4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa ser os estudantes da turma do 9º ano do Ensino Fundamental II (faixa etária de 13 a 15 anos) do turno vespertino, no ano de 2024, totalizando 30 alunos participantes, incluindo 04 alunos público-alvo da educação especial (PAEE). A seleção desta turma justifica-se pela atuação do professor-pesquisador como docente, bem como pela observação prévia da participação reduzida de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física. Ademais, ressalta-se a relevância da conscientização dos demais alunos acerca da inclusão, aspecto fundamental para a promoção de um ambiente escolar equitativo e acolhedor.

4.3 ANÁLISE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados foram analisados com base nas teorias de Bardin (2006), que possuem caráter essencialmente qualitativo e podem subsidiar a interpretação de fenômenos comunicacionais. Assim, o pesquisador deve aprofundar-se nas características dos dados, extraíndo os elementos mais relevantes com rigor e eficácia, a fim de analisar e compreender criticamente o sentido do conteúdo. Para tanto, dispõe-se de diversas formas de análise, como o uso de fotografias, vídeos, narrativas escritas, entre outros recursos (BARDIN, 2006; CHIZZOTTI, 2006; FLICK, 2009; RICHARDSON, 2011).

Para a interpretação dos dados, Bardin (2006) propõe as seguintes fases: a) organização dos dados; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos dados e interpretação dos resultados.

Conforme Bardin (2010), a pré-análise é a etapa de organização dos dados, na qual o pesquisador inicia a familiarização com o material. Ao preparar o material, Bardin (2006) recomenda que este seja padronizado, a fim de possibilitar a extração dos dados para a próxima etapa da análise.

A segunda fase da análise, por sua vez, consiste na exploração do material, interpretando os dados encontrados e aprofundando-se no material coletado, nas hipóteses e nos referenciais teóricos do estudo, a fim de aproximar os elementos semelhantes e segregar os dados para análise. Após a exploração dos dados, Bardin (2010) aponta que o analista deve definir as categorias, diferenciando e

reagrupando por analogia, mediante critérios previamente definidos, com o intuito de viabilizar a inferência. Com os dados transcritos e organizados, elaborou-se um quadro com as categorias das respostas, procedendo-se a uma análise reflexiva e crítica dos vídeos e questionários. Flick (2009) afirma que as técnicas de análise são técnicas de interpretação, exigindo atenção à organização e a exposição detalhada da pesquisa. Em seguida, os dados foram reagrupados por paridade, encaminhando o estudo para a fase de tratamento dos dados e interpretação dos resultados, que se deu a partir das evidências coletadas nas respostas categorizadas e confrontadas com o referencial teórico, o qual forneceu a base para a análise de conteúdo.

Os dados foram produzidos a partir de atividades realizadas pelos estudantes durante as aulas. Essas atividades basearam-se: nos questionários diagnóstico respondidos no início do ano de 2024 para a estruturação do diagnóstico; nos questionários feitos ao final do segundo trimestre do ano de 2024; nas avaliações escritas produzidas pelos estudantes ao final dos trimestres; nas fotos produzidas durante a realização das aulas práticas de Educação Física; e nas observações realizadas pelo professor-pesquisador, registradas em caderno de anotações.

5 DESENVOLVIMENTO DA UNIDADE DIDÁTICA DE ESPORTE ADAPTADO EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Durante as aulas, foram explorados diversos sentidos corporais vinculados aos esportes adaptados, com o intuito de promover um processo de aprendizagem eficaz e estabelecer uma relação dialógica entre professor e aluno. A sala de aula foi concebida como um espaço de troca de conhecimentos.

Nesse contexto, o ponto de partida consistiu em aproximar os alunos e despertar seu interesse pelo tema, viabilizando a participação efetiva de todos. Dado que o esporte adaptado representava um conteúdo curricular inédito para os alunos, atividades criativas foram empregadas para motivar a participação. Contudo, a escassez de recursos materiais configura-se como um desafio a ser superado pelos professores para alcançar os resultados almejados.

Na realidade social brasileira, um número expressivo de escolas, notadamente as públicas, carece de espaço físico adequado e de materiais em quantidade suficiente (SEBASTIÃO, 2009). Para mitigar essa problemática, materiais alternativos foram desenvolvidos em conjunto com os alunos, adaptando-se espaços para a realização das aulas sem comprometer a qualidade da intervenção, o que exigiu o exercício da criatividade por parte dos alunos."

Neste capítulo, iremos detalhar o desenvolvimento das aulas, apresentando as metodologias utilizadas, os recursos pedagógicos empregados e as adaptações realizadas para atender às necessidades específicas dos alunos. Também analisaremos como as atividades propostas foram recebidas pelos estudantes, considerando suas reações, níveis de participação e engajamento durante as aulas. Com o intuito de atingir o primeiro objetivo específico, qual seja, diagnosticar e identificar a percepção e as experiências dos alunos acerca dos esportes adaptados nas aulas de Educação Física e entregou aos alunos para que fosse respondido. Por meio desse instrumento, os alunos puderam revisar os conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física sobre o referido tema.

5.1 DESCRIÇÃO DA AULA - DEMOCRACIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na presente aula, realizou-se uma roda de conversa em sala de aula com o intuito de apresentar uma nova proposta para as aulas de Educação Física. Explicou-se

que as aulas divergiram do modelo tradicionalmente adotado, incorporando roda de conversa no início e no término das atividades, a fim de assegurar a participação ativa de todos os alunos no planejamento. Enfatizou-se que a democracia e o protagonismo discente constituiriam os pilares dessa nova abordagem, na qual os alunos teriam autonomia para definir as atividades e a metodologia a ser empregada. Segundo Kunz (2006), o diálogo nas aulas de Educação Física é reconhecido como elemento basilar no processo de aquisição do conhecimento. Nesse sentido, o autor recorre ao conceito de competência comunicativa, enfatizando a relevância da linguagem verbal, equiparando-a à linguagem corporal na formação do aluno.

Para dar início à construção desse modelo democrático, indagou-se à turma sobre sua compreensão do conceito de democracia. A compreensão da democracia e da inclusão foi construída através de discussões interativas: foram abertos espaços para que os alunos expressassem suas percepções sobre justiça, igualdade e o processo de tomada de decisões em grupo. Exemplos do ambiente escolar e da sociedade foram utilizados para ilustrar o funcionamento da democracia e a importância da inclusão social e por fim vídeos sobre a história da democracia, direitos humanos e a luta por inclusão de diversos grupos sociais foram apresentados para aprofundar o conhecimento.

Após breve pausa, a aluna RO contribuiu, definindo democracia como um sistema que garante direitos iguais a todos. O aluno DA complementou, afirmando que a democracia assegura o direito à livre expressão e ao respeito à diversidade. A aluna TA, por sua vez, relacionou democracia à igualdade, ressaltando a importância do tratamento respeitoso a todos, independentemente de suas habilidades, gênero ou raça. Por fim, o aluno LE sintetizou a ideia, afirmando que a democracia inclui o professor, ou seja, todos participam ativamente do processo.

Imagem 7- Roda de conversa



Fonte: Autor, 2024

5.2 DESCRIÇÃO DA AULA - AULA TEÓRICA SOBRE INCLUSÃO X CAPACITISMO

Apresentou-se os conceitos de cultura corporal do movimento, capacitismo e inclusão. Iniciou-se a exibição dos slides, explicando que o projeto de pesquisa consiste em um trabalho de revisão e análise da própria prática docente. O conceito de capacitismo, por sua natureza específica, foi abordado de forma mais direta: definição e exemplificação: O termo foi explicitado como discriminação contra pessoas com deficiência, acompanhado de exemplos claros de como ele se manifesta em atitudes, falas e estruturas sociais. Histórias e depoimentos de pessoas com deficiência foram empregados para humanizar o tema e ilustrar os desafios enfrentados devido ao capacitismo e a exibição de um vídeo que retrata a vida de pessoas com deficiência e a superação de barreiras capacitistas foram utilizados como ferramenta de aprendizado.

A introdução foi realizada por meio de jogos e esportes adaptados, tais como goalball, futebol de 5, voleibol sentado, basquetebol adaptado e atletismo com corrida adaptada. Relataram-se as dificuldades enfrentadas anteriormente com esses temas.

Prosseguiu-se com a apresentação dos slides sobre cultura corporal do movimento, capacitismo e inclusão, definindo e exemplificando os assuntos abordados. Com o objetivo de estimular a reflexão dos alunos, questionou-se sobre as estratégias para implementar a prática inclusiva de jogos e esportes adaptados de forma equitativa. A aluna TA prontamente sugeriu a adaptação dos materiais e do campo de jogo. O aluno HU propôs a inclusão de todos os alunos com deficiência e com menor habilidade, mediante a adaptação das regras. O aluno FR, por sua vez, sugeriu a

inclusão do ensino de jogos e esportes adaptados nas aulas de educação física de outras turmas, visando à participação de todos os alunos da escola e à promoção da empatia, ao permitir que compreendam as vivências dos alunos com deficiência. A sugestão foi acolhida com concordância e entusiasmo.

5.3 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPLORANDO O AMBIENTE ESCOLAR DE OLHOS VENDADOS

Para iniciar a prática do goalball, seria necessário o uso de máscaras para cobrir os olhos, em conformidade com as regras da modalidade. Propôs-se o desafio de confeccionar as máscaras, permitindo que os alunos as personalizassem a seu critério. Em seguida, assumiu-se a palavra e iniciou-se a explicação, demonstrando passo a passo a confecção da máscara de EVA com TNT e cola quente.

Inicialmente, utilizou-se um molde de máscara em papel. Com base nesse molde, desenharam-se dois moldes no EVA, os quais foram recortados com tesoura. Posteriormente, cortaram-se tiras de TNT com largura de quatro dedos, ligeiramente maiores que a circunferência da cabeça. Aplicou-se cola quente na borda interna dos dois moldes e colou-se o TNT esticado entre eles, aproximando e unindo os moldes de EVA. As tiras de TNT ficaram posicionadas no centro, firmes, com sobras nas laterais para amarração da máscara.

Explicou-se que os alunos poderiam utilizar sua criatividade para pintar ou desenhar nas máscaras.

Com o molde de papel, iniciou-se a confecção das máscaras. A professora de Arte auxiliou no processo, confeccionando outro molde de máscara e disponibilizando seu telefone para que uma aluna pesquisasse e desenhasse o escudo de seu time de preferência, o Fluminense. O aluno PH solicitou permissão para elaborar sua máscara de forma distinta do modelo do molde, com a parte superior mais reta. Seu pedido foi acatado.

Imagem 8- Confeção da máscara



Fonte: Autor, 2024.

Após equipar todos os alunos com suas respectivas máscaras, explicou-se que seriam realizadas atividades adaptadas, as quais demandariam atenção e cuidado consigo mesmos e com os colegas. A primeira atividade consistiu em um percurso com os olhos vendados. Em fila indiana, cada aluno posicionou a mão no ombro do colega à frente, com o braço estendido. Assumindo o papel de guia, iniciou-se o percurso com o primeiro aluno da fila. Caminhou-se pela escola, passando pelo pátio interno, refeitório, entre bancos e mesas, e, em seguida, dirigiu-se à área externa, cruzando o pátio com bloquetes. A aluna VI também expressou surpresa,

pois não se recordava da presença desse buraco nas proximidades da escola. Ao sair do terreno, subiu-se por uma calçada de grama. O aluno CA, reconhecendo o local, afirmou saber onde se encontrava, pois se tratava da calçada da residência de seu tio. Com cautela, atravessou-se a rua e adentrou-se a lanchonete da comunidade, passando pelos ressaltos do piso e entre cadeiras e mesas. Ao descer o ressalto do piso, diversos alunos comentaram que estavam na lanchonete da dona Ana. O grupo foi direcionado à quadra, onde as duplas foram formadas, com um aluno assumindo o papel de guia. Explicou-se que o guia deveria agir com cuidado e orientar o outro aluno, que representava o deficiente visual com máscara, sobre os obstáculos, garantindo sua segurança. O retorno à escola foi realizado, culminando na chegada à sala de aula.

Imagem 9- Atividade exploração do ambiente escolar



Imagem 10 - Atividade exploração do ambiente fora da escola



Fonte: Autor, 2024.

5.4 DESCRIÇÃO DA AULA -EXPERIÊNCIA COM O GOALBALL

A aula iniciou-se de forma rotineira: ao adentrar a sala de aula, os alunos organizaram-se em roda de conversa, sem solicitação prévia, enquanto o professor preparava a mesa e acomodava-se na cadeira. O aluno PH dirigiu-se ao professor,

indagando sobre a prática do goalball no dia. O professor confirmou a atividade. Após o silêncio espontâneo da turma, o professor levantou-se, saudou a todos e deu início à aula, apresentando um panorama conceitual do goalball, abordando sua breve história, regras, campo de jogo e cuidados necessários para a prática da nova modalidade. Em seguida, com o auxílio dos alunos, organizaram-se grupos e designaram-se funções para a coleta dos materiais destinados à confecção das traves e do campo de jogo. Juntos, dirigiram-se à quadra, onde os grupos, adaptando os materiais, elaboraram e confeccionaram as traves e o campo de jogo com as dimensões oficiais, demonstrando desenvoltura. Para a confecção das traves, fixaram TNT e fita crepe na extremidade do cabo de vassoura, inserindo-a no orifício da anilha de peso, garantindo a estabilidade da estrutura. Na extremidade superior do cabo de vassoura, fixaram fita crepe larga, formando o travessão e completando a trave de goalball. O grupo responsável pelo campo de jogo demarcou as linhas no chão com fio, fixando-as com fita crepe larga. Dessa forma, confeccionaram a linha de gol, área de orientação, área de ataque e área neutra para ambos os lados do campo, com todas as linhas em alto relevo. Traves e bola estavam disponíveis, com todos os materiais necessários para a prática do goalball. Os alunos escolheram e organizaram suas equipes, compostas por três integrantes cada. Acordaram que as partidas teriam duração de três minutos, independentemente do placar, com a alternância das equipes ao término desse período, garantindo a participação de todos na nova prática. Antes das partidas, as equipes dedicaram um tempo para se familiarizar com o campo, utilizando o tato para reconhecer as linhas em alto relevo e se posicionar. Em seguida, as partidas tiveram início.

Imagem 11 - Goalball



Fonte: Autor, 2024.

5.5 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPERIÊNCIA COM O E O FUTEBOL DE CINCO

No futebol de 5 os alunos organizaram-se em círculo para a realização de exercícios com a bola de guizo. O primeiro exercício consistiu em dominar a bola com os pés, atentando-se ao som dos guizos, e, em seguida, passar a bola para outro colega no círculo. O colega receptor deveria, por sua vez, dominar a bola e realizar o passe, repetindo o processo sucessivamente. Essa atividade visava ao desenvolvimento da coordenação motora e da atenção dos alunos, garantindo que todos participassem.

Em seguida, os alunos realizaram exercícios de domínio da bola com os olhos vendados. Alternando-se, os alunos tentaram controlar a bola com os pés, utilizando máscaras para simular a deficiência visual. Por fim, a turma foi dividida em equipes equilibradas para a realização de um jogo de futebol de 5 adaptado, utilizando as adaptações propostas anteriormente.

Imagem 12 - Futebol de cinco



Fonte: Autor, 2024.

5.6 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPERIÊNCIA COM VÔLEI SENTADO

A aula iniciou-se com uma roda de conversa, na qual foi apresentado um breve histórico do voleibol sentado, suas regras básicas e fundamentos, como saque, manchete, toque e rotação. Enfatizou-se a importância da inclusão e do respeito às diferenças. Em seguida, os alunos, em conjunto, montaram a rede e demarcaram o campo de jogo com fita crepe.

A parte prática da aula começou com alongamento dinâmico sentado, exercícios de respiração e relaxamento. Os alunos, divididos em equipes equilibradas, marcaram a quadra de voleibol sentado com fita crepe. A prática dos fundamentos foi realizada em duplas, com exercícios de saque, manchete e toque, seguidos pela prática da rotação dos jogadores na quadra. O jogo de voleibol sentado foi realizado, com adaptações nas regras para garantir a participação de todos e facilitar a

aprendizagem. A aula encerrou-se com uma roda de conversa para feedback, na qual os alunos compartilharam suas experiências, dificuldades e aprendizados.

Imagem 13- Vôlei sentado



Fonte: Autor, 2024.

5.7 DESCRIÇÃO DA AULA - BASQUETEBOL ADAPTADO

A aula iniciou-se com uma abordagem teórica sobre o basquetebol adaptado em cadeira de rodas. Diante da ausência de cadeiras de rodas, o desafio consistia em encontrar alternativas viáveis para a prática da modalidade. Após breve reflexão, o aluno FR sugeriu a simulação dos movimentos sentados no chão, similar à queimada adaptada. A aluna RO corroborou a ideia, propondo a utilização das palmas das mãos e solas dos pés para a locomoção, com elevação do glúteo, possibilitando passes e arremessos.

A questão da altura da cesta de basquetebol, inadequada para a prática no chão, foi levantada. O aluno JA propôs a adaptação de um balde ou lixeira, removendo o fundo para criar uma cesta improvisada. Uma colaboradora da escola forneceu uma lixeira, a qual foi adaptada conforme a sugestão. Além disso, o professor mencionou

ter trazido uma cesta de basquetebol de ferro, versátil para fixação em diversos locais, como árvores e colunas.

A coleta dos materiais necessários, como cordas, bolas de basquetebol e voleibol, e chapéus chineses, foi realizada. Com a colaboração dos alunos, a cesta de ferro foi fixada em uma coluna da quadra. A constatação de que a abertura da cesta era menor que a bola de basquetebol levou o aluno MA a sugerir o uso da bola de voleibol, menor e mais leve. No entanto, a flexibilidade da bola de voleibol dificultou os arremessos. Decidiu-se, então, utilizar apenas uma cesta, adaptando as regras e o campo de jogo com os chapéus chineses.

Na quadra, a aula iniciou-se com exercícios de rotação de punho, ombro e tronco. Ao sinal do professor, os alunos simularam os movimentos do basquetebol adaptado, utilizando palmas das mãos e solas dos pés para a locomoção. A atividade, apesar de desafiadora, gerou entusiasmo e diversão. Em seguida, foi realizada uma partida de queimada adaptada, com delimitação do campo por chapéus chineses.

A prática dos fundamentos do basquetebol incluiu dribles, passes de peito e picados, e arremessos à cesta de ferro. A turma foi dividida em equipes para um jogo de cinco minutos, com partidas disputadas e animadas. Ao final da aula, em roda de conversa, os alunos compartilharam suas impressões. A atividade, apesar de cansativa, foi considerada divertida e desafiadora. A aluna RO destacou a importância da adaptação de materiais e regras para garantir a participação de todos, mesmo na ausência de equipamentos adequados.

Imagem 14- Basquete adaptado



Fonte: Autor, 2024.

5.8 DESCRIÇÃO DA AULA - ATLETISMO ADAPTADO E FESTIVAL DE ATLETISMO

A aula iniciou-se com uma roda de conversa e a apresentação do atletismo adaptado, abordando o breve histórico do atletismo, as regras básicas das corridas, a importância da inclusão e a demonstração do uso de máscaras e guias para a corrida em duplas. A parte prática da aula consistiu em uma corrida leve com diferentes ritmos e intensidades, seguida de alongamento dinâmico com exercícios para membros inferiores e superiores. Um "pique sensorial" foi realizado, no qual os alunos corriam para pegar chocalhos espalhados pelo campo. Os alunos confeccionaram as raia com barbante e as guias para as duplas. A turma foi dividida em duplas, com um aluno atuando como guia e outro simulando deficiência visual. As duplas realizaram corridas, com o guia conduzindo o aluno vendado pela guia de TNT. Após a bateria de corridas, as posições foram invertidas para que todos vivenciassem ambos os papéis.

Foi feito um planejamento para a elaboração de uma apresentação sobre esportes adaptados, visando à realização de um interclasse na escola. A discussão inicial abordou a organização dos espaços necessários, as adaptações do campo de jogo, as regras e os materiais a serem utilizados. Foi estabelecida uma sequência de atividades, compreendendo apresentação teórica, vivência prática e competição, permitindo que os alunos escolhessem os esportes adaptados de sua preferência.

Na primeira etapa, os grupos elaboraram apresentações com slides e vídeos sobre goalball, futebol de 5, voleibol sentado, basquetebol adaptado e atletismo com corrida adaptada.

A segunda etapa consistiu na vivência prática, na qual cada grupo ficou responsável por organizar o espaço de jogo, confeccionar e adaptar materiais, e ensinar o esporte adaptado aos alunos das outras turmas, durante as aulas de Educação Física. A prática dos esportes adaptados foi organizada em um circuito, permitindo que os alunos vivenciassem todas as modalidades em um único dia.

A terceira etapa consistiu no festival de esportes adaptados, no qual os grupos foram responsáveis por adaptar o regulamento, elaborar a tabela de jogos, criar a ficha de inscrição, e atuar como árbitros, além de montar o campo de jogo. Essa organização detalhada visou garantir a participação ativa dos alunos em todas as

etapas do projeto, promovendo a inclusão e o conhecimento sobre os esportes adaptados.

4.9 DESCRIÇÃO DA AULA - EXPERIÊNCIAS PARA O FESTIVAL DE ESPORTES ADAPTADOS

O projeto teve como objetivos principais proporcionar aos alunos da escola a vivência prática de esportes adaptados, desenvolver habilidades motoras e sociais, sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da inclusão, promover a interação entre diferentes turmas e fomentar a compreensão das diferenças com empatia e respeito à diversidade.

Para tanto foi realizado um festival de esportes adaptados na modalidade atletismo, a quadra foi dividida em quatro estações: goalball, futebol de 5, basquetebol adaptado ("caranguejo") e voleibol sentado. O atletismo adaptado foi realizado no campo de futebol. A ordem das estações foi definida para otimizar o fluxo dos alunos e a utilização dos espaços disponíveis.

A confecção dos materiais necessários para cada estação foi realizada previamente pelos alunos do 9º ano, que também organizaram os espaços de jogo. O circuito foi executado com a divisão das turmas em grupos menores, que rotacionaram pelas diferentes estações. Em cada estação, os alunos do 9º ano explicaram as regras e os fundamentos do esporte, auxiliando os demais alunos na realização das atividades. Atuando como monitores, os alunos do 9º ano incentivaram a participação de todos e garantiram a segurança durante as atividades.

Essa iniciativa não apenas consolidou os conhecimentos adquiridos, mas também promoveu a sensibilização de outros estudantes e professores sobre a importância da inclusão. A experiência mostrou que o esporte adaptado pode ser um poderoso instrumento de transformação social, capaz de romper barreiras e construir uma cultura de respeito e equidade.

6 RESULTADOS

As análises aqui apresentadas versam sobre as percepções escritas e orais de 30 estudantes do 9º ano do ensino fundamental, participantes das aulas que abordaram o tema do esporte adaptado. Busca-se estabelecer uma relação entre as falas dos estudantes e o processo de conscientização e conhecimento acerca da deficiência e do esporte adaptado na escola.

Com o intuito de atingir último objetivo específico, qual seja, avaliar a unidade didática sobre esporte adaptado sob a ótica da inclusão nas aulas de Educação Física, o professor/pesquisador elaborou um questionário avaliativo composto por duas perguntas para reflexão e uma produção de texto. Por meio desse instrumento, os alunos puderam expressar suas opiniões sobre a unidade didática proposta nas aulas de Educação Física.

Quadro 4- Avaliação final

Após vivenciarmos juntos as modalidades de goalball, futebol de 5, vôlei sentado, basquetebol adaptado e atletismo adaptado, e compreendermos as adaptações necessárias para a prática esportiva de pessoas com deficiência, convido vocês a refletirem sobre a seguinte questão:

Como essas experiências transformaram sua visão sobre o esporte e sobre as pessoas com deficiência?

Considerando as dificuldades enfrentadas por essas pessoas no dia a dia e as adaptações que tornam os esportes acessíveis a todos, como vocês entendem a importância da inclusão no esporte e na sociedade em geral?

Escrevam um texto refletindo sobre as mudanças em seu comportamento, suas percepções sobre as adaptações nos esportes e como vocês se comportam agora em relação às pessoas com deficiência.

Fonte: Autor, 2024.

O aluno E1 afirma: *“Me fez perceber que todos têm o mesmo direito.”* Essa declaração remete ao princípio de que a inclusão é um direito fundamental, conforme destacado por Sassaki (1997). O autor defende a construção de uma sociedade inclusiva, na qual todos, independentemente de suas condições, tenham acesso igualitário às oportunidades. Ele ressalta que “a inclusão social consiste em garantir que todas as pessoas possam participar ativamente da vida em sociedade, sem barreiras ou discriminações” (SASSAKI, 1997). Dessa forma, a fala do aluno reflete a compreensão de que a igualdade de direitos é um pilar essencial para a efetivação da inclusão, reforçando a ideia de que a inclusão é um processo que deve garantir a participação plena de todos.

Já o aluno E2 declara: *“Aprendi a me colocar no lugar do deficiente.”* A empatia expressa nessa afirmação é um dos fundamentos da inclusão, conforme discutido por Freire (1996). O autor enfatiza a necessidade de olhar o mundo com os olhos do outro como forma de promover uma educação mais humana e solidária. Rodrigues e Almeida (2015) complementam essa ideia ao afirmarem que a vivência de situações que simulam deficiências físicas pode ampliar a sensibilidade e a compreensão dos alunos. Assim, a prática dos esportes adaptados se configura como uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da empatia e da compreensão das diferenças, permitindo que os alunos reconheçam e valorizem as experiências vividas por pessoas com deficiência.

O aluno E3 relata: *“Eu sabia da importância da inclusão, porém através dos esportes adaptados eu reconheci a verdadeira importância.”* Essa afirmação reforça a ideia de

que a teoria, por si só, não é suficiente para a compreensão plena da inclusão; é necessário vivenciar práticas que a concretizem. Winnick (2011) destaca que "os esportes adaptados são uma ferramenta poderosa para promover a inclusão, pois permitem que os alunos vivenciem e compreendam as capacidades e desafios de pessoas com deficiência". Dessa maneira, a experiência prática proporcionada pelos esportes adaptados amplia a percepção dos alunos sobre a relevância da inclusão, demonstrando que a vivência direta é fundamental para a construção de uma consciência inclusiva.

O aluno E4 afirma: *"Transformaram minha visão, pois tive a oportunidade de me colocar no lugar do outro."* A mudança de perspectiva mencionada pelo estudante é um dos objetivos centrais da educação inclusiva, conforme discutido por Mantoan (2003). A autora defende que "a inclusão escolar deve promover mudanças nas atitudes e nos valores dos alunos, levando-os a reconhecer e respeitar as diferenças". A vivência prática dos esportes adaptados contribui significativamente para essa transformação, como apontam Bueno e Resa (2010), ao evidenciarem que tais práticas favorecem a construção de uma visão mais inclusiva e respeitosa. O aluno demonstra que a experiência o levou a adotar uma postura mais empática e solidária em relação às pessoas com deficiência.

O aluno E5 declara: *"Que eles são capazes, independentemente de sua deficiência."* Essa afirmação reflete a ideia de que as deficiências não determinam as capacidades dos indivíduos, mas sim as barreiras sociais e físicas impostas pelo ambiente. Stainback e Stainback (1999) defendem que "a inclusão deve focar nas potencialidades dos indivíduos, e não em suas limitações". Além disso, Duarte e Werner (2005) destacam que "os esportes adaptados são uma forma de demonstrar que as pessoas com deficiência são capazes de superar desafios e alcançar resultados significativos". Portanto, a fala do aluno E5 reforça a importância de enxergar as potencialidades de cada indivíduo, independentemente de suas condições físicas, e de criar condições que permitam o desenvolvimento dessas capacidades.

O aluno E6 complementa: *"Eu nunca tinha parado para pensar em quantas barreiras as pessoas com deficiência enfrentam todos os dias. Aprendi que os esportes adaptados não são só uma forma de inclusão, mas também uma maneira de mostrar que todos podem superar desafios. A inclusão no esporte é importante porque quebra preconceitos e mostra que as limitações estão mais no ambiente do que nas*

peessoas.” Essa reflexão está em sintonia com o pensamento de Sassaki (1997), que defende que a inclusão social deve focar na eliminação de barreiras físicas, sociais e atitudinais, permitindo que todos participem plenamente da vida em sociedade. O aluno reconhece que as limitações não estão nas pessoas, mas nas estruturas que as cercam, reforçando a ideia de que a inclusão é um processo de adaptação do ambiente para atender às necessidades de todos.

O aluno E8 ressalta: *“Os esportes adaptados me mostraram que a inclusão vai além de permitir que alguém participe; é sobre criar condições para que todos se sintam bem-vindos. Isso me fez refletir sobre como a sociedade precisa se adaptar para incluir de verdade, não só no esporte, mas em todos os aspectos da vida.”* Essa percepção está alinhada com as ideias de Mantoan (2003), que defende que a inclusão escolar e social deve promover mudanças nas atitudes e nos valores das pessoas, levando-as a reconhecer e respeitar as diferenças. O aluno evidencia que a inclusão verdadeira exige a criação de condições que garantam a participação e o pertencimento de todos, reforçando a necessidade de uma transformação social mais ampla.

O aluno E9 afirma: *“Eu nunca tinha pensado em como algo simples, como uma rampa ou uma bola adaptada, pode mudar a vida de alguém. A inclusão no esporte é importante porque mostra que, com criatividade e vontade, é possível incluir todos. Na sociedade, isso significa que precisamos pensar em soluções que atendam a todos, sem excluir ninguém.”* Essa fala remete ao conceito de desenho universal, discutido por Stainback e Stainback (1999), que propõem a criação de ambientes e produtos acessíveis a todos, sem necessidade de adaptações posteriores. O aluno reconhece que pequenas mudanças podem ter um impacto significativo na vida das pessoas, reforçando a importância de soluções inclusivas que garantam a acessibilidade e a participação de todos.

Por fim, o aluno E10 declara: *“Aprendi que a inclusão no esporte não é só sobre jogar ou competir, mas sobre se sentir parte de algo. Isso me fez perceber que, na sociedade, a inclusão é sobre garantir que todos tenham voz e espaço. As adaptações nos esportes mostram que, quando queremos, podemos encontrar maneiras de incluir todo mundo.”* Essa reflexão está em consonância com as ideias de Freire (1996), que enfatiza a importância de uma educação humanizadora, que promova a participação ativa e o sentimento de pertencimento. O aluno compreende que a inclusão no esporte e na sociedade está intrinsecamente ligada à garantia de

que todos tenham voz e espaço para se expressar e contribuir, reforçando a ideia de que a inclusão é um processo contínuo de construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

As falas dos alunos evidenciam que a vivência com os esportes adaptados na escola promoveu uma transformação significativa em sua visão sobre a inclusão, a empatia e a valorização das capacidades individuais. Essas experiências estão alinhadas com as discussões teóricas de autores como Sassaki (1997), Freire (1996), Winnick (2011), Mantoan (2003), Stainback e Stainback (1999), entre outros, que destacam a importância de práticas inclusivas para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A vivência com os esportes adaptados não apenas ampliou a conscientização dos alunos sobre as barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência, mas também os motivou a adotar uma postura mais inclusiva e empática em seu cotidiano, reforçando a ideia de que a inclusão é um processo contínuo de eliminação de barreiras e valorização das potencialidades de cada indivíduo.

Por fim foi realizado um círculo de cultura realizado com a turma pesquisada com foco nos esportes adaptados nas aulas de Educação Física, proporcionou uma reflexão profunda e transformadora sobre a inclusão, a empatia e a conscientização em relação às pessoas com deficiência. Essa prática pedagógica, inspirada na metodologia de Paulo Freire, permitiu que alunos e professor dialogassem de forma crítica e colaborativa, construindo conhecimentos a partir de suas vivências e realidades. Os resultados obtidos evidenciaram impactos significativos na percepção dos participantes sobre a deficiência e o papel do esporte como ferramenta de inclusão. Foi evidenciado a situação ocorrida na aula de voleibol, convém ressaltar um episódio envolvendo o aluno G., portador da síndrome do espectro autista. Durante a formação das equipes, o referido discente foi o último a ser escolhido, manifestando seu descontentamento e recusa em participar, alegando sentir-se negligenciado, apesar da insistência do professor e dos demais colegas.

Posteriormente à aula, em um momento de diálogo coletivo, a turma solidarizou-se com a reivindicação de G., reconhecendo a inadequação da atitude pregressa e justificando-a como um mero descuido, destituído de má-fé. Em uma aula subsequente de voleibol sentado, a turma demonstrou uma postura inclusiva, solicitando que o próprio aluno G. organizasse sua equipe, proporcionando-lhe uma vivência de reconhecimento e valorização no grupo.

O círculo de cultura constituiu-se como um espaço pedagógico dinâmico e interativo, no qual a teoria e a prática se entrelaçaram para fomentar o aprendizado. A abordagem inicial concentrou-se na diferenciação fundamental entre o modelo médico e o Modelo Social da Deficiência. Enquanto o primeiro historicamente patologiza a deficiência, situando-a como uma questão individual a ser corrigida ou curada, o Modelo Social propõe uma inversão de perspectiva. Nele, a deficiência é compreendida não como um problema intrínseco ao indivíduo, mas como uma construção social resultante de um ambiente e de atitudes que falham em se adaptar à diversidade humana.

A partir dessa premissa, as discussões se aprofundaram no conceito de capacitismo, explicitando-o como a discriminação e o preconceito contra pessoas com deficiência, frequentemente manifestados em atitudes, linguagem e estruturas sociais que as invisibilizam ou as inferiorizam. Foram examinadas as diversas barreiras que permeiam a sociedade – arquitetônicas, atitudinais, comunicacionais e programáticas – e que, em última instância, impedem a plena participação e inclusão das pessoas com deficiência. Essa fundamentação teórica foi crucial para estabelecer uma base sólida de conhecimento e para desmistificar concepções equivocadas.

Para transpor a teoria para o campo da experiência e da empatia, foram desenvolvidas atividades práticas que desafiaram os estudantes a analisar situações sob a ótica do Modelo Social. Estudos de caso, envolvendo histórias reais ou hipotéticas, foram apresentados, focando nas barreiras enfrentadas e nas possíveis soluções para uma sociedade mais inclusiva. Embora os exercícios de empatia fossem limitados na simulação plena da vivência da deficiência, eles foram eficazes em estimular os alunos a refletirem sobre as dificuldades impostas por ambientes não adaptados.

O debate emergiu como uma ferramenta poderosa. Os estudantes foram encorajados a expressar suas opiniões, a questionar preconceitos arraigados e a propor soluções que emanassem dos princípios do Modelo Social. Essas discussões foram particularmente enriquecedoras, gerando reflexões profundas sobre a responsabilidade individual e coletiva na promoção da inclusão. A análise crítica do próprio ambiente escolar e comunitário consolidou o aprendizado, permitindo que os alunos identificassem barreiras concretas e articulassem propostas de melhoria, transformando a teoria em ação prática e consciente.

O círculo de cultura demonstrou um impacto significativo na ampliação da compreensão dos estudantes sobre a deficiência. A exposição ao Modelo Social não apenas os capacitou a questionar preconceitos enraizados, mas também a desenvolver uma visão crítica sobre as estruturas sociais e as interações cotidianas. Eles passaram a identificar atitudes e sistemas capacitistas que antes poderiam ser percebidos como "normais" ou sequer notados.

O processo fomentou o desenvolvimento da empatia, uma vez que a compreensão da deficiência como uma construção social deslocou o foco da "limitação individual" para a "responsabilidade social". Esse novo entendimento gerou um desejo palpável de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e acessível. A capacidade dos alunos de propor ações inclusivas, mesmo que em pequena escala, evidenciou a internalização dos conceitos e a disposição para serem agentes de mudança.

Ao longo do círculo de cultura, os estudantes foram expostos a discussões teóricas e práticas sobre o modelo social da deficiência, o que ampliou sua compreensão e os levou a questionar preconceitos enraizados.



Fonte: Autor, 2024

A vivência com os esportes adaptados, como goalball, vôlei sentado e basquete adaptado, futebol de cinco, atletismo foi um ponto central no processo de conscientização. Os alunos relataram que, ao experimentarem as adaptações

necessárias para a prática dessas modalidades, puderam compreender as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência no cotidiano. Essa experiência prática despertou sentimentos de empatia e solidariedade, como evidenciado nas falas dos estudantes. Um aluno destacou: “Aprendi a me colocar no lugar do outro e percebi que as limitações estão mais no ambiente do que nas pessoas.” Essa mudança de perspectiva reforça a importância de práticas pedagógicas que vão além da teoria, permitindo que os alunos vivenciem e reflitam sobre as realidades dos outros.

Outro aspecto relevante foi o engajamento dos alunos nas atividades propostas. Eles demonstraram interesse em compreender as regras e adaptações dos esportes, bem como em compartilhar suas experiências e opiniões durante os debates. O círculo de cultura criou um espaço seguro para o diálogo, onde os estudantes se sentiram à vontade para expressar dúvidas, medos e percepções sobre a deficiência. Esse ambiente colaborativo favoreceu a construção de um conhecimento coletivo, baseado no respeito e na valorização das diferenças.

Ao avaliarmos o círculo de cultura sobre esportes adaptados reforçamos a relevância de práticas pedagógicas inclusivas e participativas. A vivência com os esportes adaptados, aliada ao diálogo crítico e à reflexão coletiva, permitiu que os alunos desenvolvessem uma visão mais empática e consciente sobre a deficiência. Essas experiências evidenciam a necessidade de integrar o esporte adaptado ao currículo de educação física, não apenas como uma atividade complementar, mas como uma ferramenta essencial para a promoção da inclusão e da cidadania. A escola, ao adotar essa abordagem, assume um papel transformador, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta jornada, a pesquisa evidenciou a relevância da utilização dos esportes adaptados como ferramenta para a inclusão como pilar fundamental para a construção de uma Educação Física verdadeiramente inclusiva. Ao incorporar práticas esportivas que consideram as diferentes habilidades e limitações dos indivíduos, a educação física transcende seu papel tradicional de desenvolvimento físico e passa a atuar como um espaço de construção de valores como respeito, empatia e solidariedade. Essa abordagem não apenas beneficia alunos com deficiência, mas também amplia a visão de todos os envolvidos, promovendo uma cultura de aceitação e equidade.

O esporte adaptado configura-se como uma ferramenta educacional de grande relevância, não apenas por seu potencial inclusivo, mas também por sua capacidade de promover a conscientização sobre as pessoas com deficiência. A pesquisa realizada evidenciou que os alunos, inicialmente, possuíam um conhecimento limitado sobre o tema, baseado principalmente no modelo médico e no senso comum. No entanto, após o contato com o esporte adaptado e a abordagem do modelo social da deficiência, observou-se uma mudança significativa na percepção e na conscientização dos estudantes.

Os estudantes passaram a reconhecer a importância das adaptações de espaços e regras para facilitar a participação de pessoas com deficiência, demonstrando uma maior empatia e disposição para interagir com esse público.

A vivência com o esporte adaptado também despertou o interesse dos alunos, que se engajaram ativamente nas atividades propostas e buscaram compreender as deficiências apresentadas. Esse engajamento foi refletido no festival de esportes adaptados na escola, onde os alunos tiveram a oportunidade de estudar, criar e compartilhar informações sobre as modalidades esportivas adaptadas. Essa experiência prática reforçou a importância do esporte adaptado como conteúdo curricular na educação física, destacando seu potencial para reduzir estereótipos e quebrar paradigmas relacionados à deficiência.

O professor de Educação Física das demais turmas para participar do projeto de adaptação de esportes, com o intuito de estender a iniciativa às suas turmas também. No início, percebi que ele demonstrava certa reticência, talvez por receio

diante do novo desafio ou por dúvidas sobre a viabilidade da proposta. No entanto, com o andamento das atividades e a observação dos resultados alcançados, notou-se um crescente interesse da sua parte. Ele não apenas se envolveu ativamente no processo, mas também passou a desenvolver e aplicar as atividades de esporte adaptado em suas aulas, contribuindo significativamente para a inclusão e a diversificação das práticas esportivas entre os alunos. Sua participação foi fundamental para ampliar o alcance do projeto e reforçar a importância da adaptação como ferramenta de promoção da acessibilidade e da igualdade de oportunidades no ambiente escolar.

Ao longo do desenvolvimento das atividades o professor de Educação Física enfrentou algumas dificuldades iniciais, que são compreensíveis diante de um desafio novo e inovador. No começo, ele demonstrou certa insegurança em relação à aplicação das adaptações, principalmente por não ter experiência prévia com práticas esportivas voltadas para a inclusão de alunos com diferentes necessidades. Além disso, havia a preocupação de como os alunos reagiriam às mudanças e se eles se engajariam nas atividades propostas. Outro obstáculo foi a necessidade de planejar e ajustar as dinâmicas esportivas de forma que fossem acessíveis a todos, sem perder o caráter lúdico e competitivo que motiva os estudantes.

No entanto, apesar desses desafios, o professor alcançou êxitos significativos. À medida que as atividades foram sendo implementadas, ele percebeu que os alunos não apenas aceitaram as adaptações, mas também se mostraram entusiasmados e participativos. O professor conseguiu desenvolver estratégias criativas para incluir todos os estudantes, independentemente de suas limitações, e observou uma melhoria no engajamento e na interação entre os alunos. Além disso, ele relatou que a experiência trouxe um novo sentido às suas aulas, permitindo que ele explorasse diferentes abordagens pedagógicas e ampliasse seu repertório profissional. O sucesso do projeto em suas turmas reforçou a importância da inclusão e mostrou que, com dedicação e adaptação, é possível transformar desafios em oportunidades de crescimento tanto para os alunos quanto para os educadores.

A pesquisa também evidenciou que, embora alguns professores estejam inserindo o esporte adaptado em suas aulas, ainda há desafios a serem superados, como a falta de capacitação dos docentes para trabalhar com o esporte adaptado, bem como a falta de recursos e infraestrutura adequados na escola. Esses desafios destacam a importância de investimentos em formação continuada e em políticas públicas que

garantam condições para a efetivação da inclusão no ambiente escolar. No entanto, observou-se que a prática dos esportes adaptados proporciona aos alunos com deficiência a oportunidade de vivenciar experiências semelhantes às dos demais estudantes, promovendo a inclusão e o desenvolvimento motor.

Em síntese, o esporte adaptado mostrou-se uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e a conscientização sobre a deficiência. A vivência prática com modalidades adaptadas permitiu que os alunos desenvolvessem uma visão mais empática e crítica, reconhecendo as potencialidades das pessoas com deficiência e a importância de eliminar barreiras físicas e sociais. Portanto, é fundamental que o esporte adaptado seja integrado ao currículo escolar, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e inclusivos.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, J. L. **A inclusão a partir do esporte adaptado nas aulas de educação física na visão de professores e gestores de uma escola pública do sul de Minas Gerais**. 2021. 106 p. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras.
- AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. **Educação Inclusiva: um estudo na área de educação física**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 11, n. 02, p. 233-240, maio/ ago. 2005. doi: 10.1590/S1413-65382005000200005.
- ALMEIDA, M. R et al. **Brincadeiras e esportes adaptados: uma possibilidade de educação física para todos**. Revista Carioca Educação Física. Rio de Janeiro, n. 10, p. 95-101, 2015.
- ALVES, C. S.; AGUILAR, M. E. M. (2018). **A política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Desafios e perspectivas na formação de professores**. In: Giroto, M. A. S.; Poker, B.; Vitta, C. L. (Orgs.). 10 anos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em debate: trajetória, limites e desafios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 161-178.
- ALVES, M. A.; DUARTE, C. M. **Educação inclusiva: aspectos históricos e desafios contemporâneos**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 17, n. 2, p. 211-228, 2011.
- ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. **Os caminhos percorridos pelo processo inclusivo de alunos com deficiência na escola: uma reflexão dos direitos construídos historicamente**. Revista Educação Especial, v. 24, n. 40, p. 207–218, 2011.
- ALVES, R. P; ARAUJO, D. A. C. **Planejamento: organização, reflexão e ação da prática docente**. In: Anais do Sciencult, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3449>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- ANTUNES, M. M. **O Esporte Adaptado na Escola: reflexões a partir da produção acadêmica nacional**. e-Mosaicos, [S. l.], v. 9, n. 20, p. 30–42, 2020. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.42690. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/42690>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- ARANHA, Maria Salete Fábio. **Educação inclusiva: transformação social ou retórica?**. Inclusão: intenção e realidade, v. 37, 2016.
- ARAÚJO, Mauricio Pires de et al. **Contribuição de diferentes conteúdos das aulas de educação física no ensino fundamental I para o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v. 18, p. 153-157, 2012.
- AZEVEDO, Edson Souza de. SHIGUNOV, Viktor. **Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física**. Revista Kinein, Florianópolis, v.1, n.1, set/dez/ 2000
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.
- BARREIROS, J. **Desenvolvimento motor e aprendizagem**. In: **Manual de Curso de Treinadores de Desporto**. Rio de Janeiro: IPDJ, 2016.
- BARRETO, Elba S. de Sá. **A avaliação na educação básica entre dois modelos**. Anped, 2022. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_05_16.pdf.

BELOUSOV, Lev. **Paralympic sport as a vehicle for teaching tolerance to young people**. Moscow, Russia. Annual International Scientific Conference Early Childhood Care and Education. p. 46 – 52, 2016.

BELTRAME, A. L. **O esporte na escola inclusiva: problematizando a questão da competição e participação no itinerário de um projeto esportivo**. E-legis, Brasília, v. 10, dez. 2017.

BRACHT, V. et al. **Pesquisa em ação: Educação física na escola**. Ijuí, RS. 3ª Edição. Editora Ijuí, v.10. 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Decreto n. 3298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**, de 14 de novembro de 2001. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 nov. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União n. 248, de 23/12/96 – Seção I, p. 27833. Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei Berenice Piana), Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, de 7 de janeiro de 2008. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacaoespecial.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

- BRASIL. **Portaria nº 2.678, de 24 de setembro de 2002.** Estabelece normas e diretrizes para a utilização do sistema Braille no ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 set. 2002b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/2002/P2678.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 01, de 18 de fevereiro de 2002.** Estabelece diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 fev. 2002c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP012002.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- BUENO, J. G. S. **As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da Educação Especial?** In: BUENO, J. G. S.; MENDES, G. M. L.; SANTOS, R. A. (Org.). **Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise.** Araraquara: Junqueira e Marin; Brasília, DF, CAPES, 2008. p. 43-63.
- BUENO, J. G. S. **Inclusão/exclusão escolar e desigualdades sociais** 2006. Projeto de pesquisa. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/ehps/downloads/inclusao_exclusao_escolar.pdf.
- BUENO, J. G. S.; RESA, J. A. Z. **Educação física e inclusão: Considerações para a prática pedagógica.** São Paulo: Cortez, 2010.
- CABRAL, Stheffanie Matias; ALMEIDA, Wolney Gomes. **A inserção de esportes adaptados nos conteúdos das aulas de educação física escolar no ensino médio.** Educação em Foco, v. 22, n. 38, p. 203-222, 2019.
- CABRAL, S. M.; ALMEIDA, W. G. **Educação física escolar: a (não) inserção de esportes adaptados nos conteúdos curriculares para o ensino médio.** Revista Educação em Foco, ano 22, n. 38, p. 203-222, set./dez. 2019.
- CAMARA, F.M.; **Fundamentos da iniciação esportiva.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 168p.
- CAPARROZ, Francisco Edurdo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- CARRARA, Kester et al. **Desenvolvimento de guia e fluxograma como suporte para delineamentos culturais.** Revista Latina de Análisis de Comportamiento, v. 21, n. 1, p. 99-119, 2013
- CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is".** 2. ed. Porto Alegre: Mediação: 2005.
- CARVALHO, Rosita Edler, Disponível em: [www. Educação.sp.gov.br/cape/eventos](http://www.Educacao.sp.gov.br/cape/eventos), agosto de 2005.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas.** 1999. 185p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.
- CASTENALLI, L. et al. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- CHICON, J. F.; MENDES, K. A. M. O.; SILVA DE SÁ, M. G. C. **Educação Física e inclusão: a experiência na escola azul.** Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 185-202, out/dez, 2011
- CHICON, J.F. **Compreendendo a in/exclusão no contexto da educação física escolar.** In: **Educação física e os desafios da inclusão** / organizadores: CHICON. José Francisco; RODRIGUES, Graciele Massoli. - Vitória, ES: EDUFES, 2013. 211 p.
- CHICON, José Francisco. **Inclusão na educação física escolar: construindo caminhos.** 2005. 426 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (Feusp), São Paulo, 2005.
- CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: um mergulho**

no brincar. 2. Ed. São Paulo: Fontoura, 2013

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Movimento paralímpico**. Brasília: CPB, [20— a].

CORREIA, S. N. de A.; BAPTISTA, M. S. (2018). **A educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Um estudo de caso em uma escola pública da rede municipal de ensino de Belo Horizonte**. In: Giroto, M. A. S.; Poker, B.; Vitta, C. L. (Orgs.). 10 anos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em debate: trajetória, limites e desafios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 179-196.

COSTA E SILVA, Anselmo de Athayde. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2013.

CUNHA, Leonardo Miglinas. **O Esporte Adaptado como Conteúdo nas aulas de Educação Física**. 2013. 176f. Dissertação. Mestrado em Educação Física. Programa de PósGraduação em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES, 2013.

DARIDO, Suraya Cristina. **Diferentes Concepções Sobre o Papel da Educação Física na Escola**, LETPEF -. Departamento de Educação Física - UNESP- Rio Claro. p. 34-50, 2012.

DUARTE, E.; WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências**. In: DUARTE, E.; WERNER, T. **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiências: educação a distância**. Rio de Janeiro: ABTa, 1995. v. 3.

DUARTE, E.; WERNER, T. **Esporte adaptado: Construindo uma nova história**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ESCAMILLA, A. **Unidades didáticas: una propuesta de trabajo en el aula**. Edel Vives, Zaragoza, España, 1993.

especiais; um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: MANTOAN, M. T. 47 E.; PIETRO, R. G.; ARANTES, V. A. (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus

ESPIRÍTO SANTO. Conselho Estadual de Educação. Resolução 3.777 de 20 de outubro de 2014. **Estabelece as normas para funcionamento do sistema de ensino do Estado do Espírito Santo**. Vitória, 20 out. 2014.

FACION, J. R.; MATTOS, C. L. G. **Exclusão: uma meta categoria nos estudos sobre educação**. In: FACION, J. R. (Org.) **Inclusão Escolar e suas implicações**. Curitiba. Editora IBPEX, 2009.

FERREIRA, A. B. (2015). **Inclusão e Diversidade na Educação Física: Teoria e Prática**. Editora XYZ.

FERREIRA, E. L. **As formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. 2003. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

FIGUEIREDO, Zenolia Christina Campos. **Experiências sociocorporais: práticas pedagógicas e inclusão**. 1. ed. São Paulo: Editora XYZ, 2018. p. 112.

FINCK, S. C. M. **Educação Física e Esporte: Uma Visão na Escola Pública**. 2012.

FIORINI, M. L. S, MANZINI, E. J. **Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdo para**

- prover a formação do professor.** Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, jul/set. 2014.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed, 2009
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa.** 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Uma revisão crítica à teoria e à prática da educação pública.** Paz e Terra, 1997
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rev. e atual: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** 5 ed. Campinas: Autores Associados. 2013.
- GAYA, Adroaldo Cezar Araújo; GAYA, Anelise Reis. **Relato de Experiência: roteiros para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura.** Curitiba: Editora CRV, 2018
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIROTO, M. A. S.; POKER, B.; VITTA, C. L. (Orgs.). (2018). **10 anos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em debate: trajetória, limites e desafios.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ. <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3760>. Acesso em: 13 março. 2024. José Francisco; RODRIGUES, Graciele Massoli. - Vitória, ES: EDUFES, 2013. 211
- GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
- HAGUETTE, T.M.F. (2001). **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis: Vozes.
- Já ouviu falar em futmesa? Conheça o novo esporte que está conquistando o Brasil.** Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/maisesportes/2019-04-10/ja-ouviu-falar-em-futmesaconheca-o-novo-esporte-que-esta-conquistando-o-brasil.htm>
Acesso em: 13 de dez. de 2024"
- KUNZ, E. **Transformação didática-pedagógica do esporte** 7.ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil.** - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443p.
- LEHNHARD, Greice Rosso; MANTA, Sofia Wolker; PALMA, Luciana Erina. **A prática de atividade física na história de vida de pessoas com deficiência física.** Revista da Educação Física/UEM, v. 23, p. 45-56, 2012.
- LEHNHARD, M., Manta, M., & Palma, J. (2012). **Educação Física Inclusiva: práticas e reflexões.** Editora ABC.
- Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 15 abril. 2024.

LOPES, A. C. S. (2016). **A educação inclusiva e seus desafios: Uma análise da realidade brasileira**. Revista Brasileira de Educação Especial, 12(1), 123-138.

LORENZI, David G. **Should disability sports be included in the general physical education curriculum?**, Journal of Physical Education, Recreation & Dance, 80:5, p.13-14, 2009

MACENA, J. D. O.; JUSTINO, L. R. P.; CAPELLINI, V. L. M. F. **O Plano Nacional de Educação 2014 – 2024 e os desafios para a Educação Especial na perspectiva de uma Cultura Inclusiva. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, p. 1283–1302, 2018.

MACHADO, Afonso Antônio. **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. São Paulo: Fontoura Editora, 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2006..

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito de ser, sendo diferente, na escola**. R. CEJ, Brasília, n. 26, p. 36-44, jul./set. 2004. Disponível em: <https://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewFile/622/802>.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil**. In: PALHARES, Marina Silveira; MARINS, Simone Cristina Fanhani (Org.). Escola inclusiva. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 61-85.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001

MINETTO, Maria de Fátima Joaquim ET ALL./**Diversidade na aprendizagem de pessoas portadoras de necessidades especiais**. / Maria de Fátima Joaquim Minetto ET ALL – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

MITTLER, P. J. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 13-38, jan./abr. 2008.

MUNSTER, M. A.; ALMEIDA, J. J. G. **O esporte adaptado no contexto da extensão universitária**. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). Das Margens ao Centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010, p. 457-467.

NASCIMENTO, Maria do Perpétuo Socorro Rocha do. **Esportes adaptados dentro de uma perspectiva inclusiva: desenvolvendo uma unidade didática nas aulas de educação física do ensino médio**. 2023. 157f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. **Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura**. Revista Educação Especial, v. 26, n. 47, p. 557-72, set-dez., 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Trabalhando juntos pela saúde: relatório mundial da saúde**, 2006. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007.

PIETRO, R. G. 2006. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais**

PPP – **Proposta Político Pedagógico** – Marataízes, 2020.

REVISTA REDIN. **Estratégias pedagógicas de inclusão escolar: um apoio das tecnologias**. v. 6 Nº 1. Outubro, 2017. Disponível em:

file:///C:/Users/Usuário/Downloads/630-1487-1-SM.pdf. Acesso em 12 de abril de 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry; **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 2011.

RIOS, Izabel Cristina; SCHRAIBER, Lilia Blima. **A relação professor-aluno em medicina-um estudo sobre o encontro pedagógico**. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 36, p. 308-316, 2012.

RODRIGUES, D.; ALMEIDA, J. F. **Educação física inclusiva: Uma abordagem pedagógica**. Lisboa: FMH, 2015.

RODRIGUES, Davi; KREBS, Ruy; FREITAS, Soraia (orgs) **Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005. p. 277.

RODRIGUES, P. R. E. **Educação Inclusiva: Significados e Sentidos Configurados a partir de uma Experiência Formativa Docente**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alfenas, 2017.

SANCHES, Isabel & TEODORO, António. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**. Revista Lusófona de Educação, 2006, n 8. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n8/n8a05.pdf>

SANTANA, Fabine Lima de. **O ESPORTE ADAPTADO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS ESPORTIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR.56p**. Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

Scarpato, L.C. **O esporte adaptado como conteúdo na educação física escolar adaptada: perspectivas dos professores da rede pública da rede pública de ensino da cidade de Campinas/SP-** Campinas, SP: [s.n.], 2020. 88 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

SEBASTIÃO, Luciane Lima. **A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso**. Revista Pensar a Prática. v. 12, n. 3, 2009.

SILVA, João Da Mata Alves Da. **O lúdico como metodologia para o ensino de crianças com deficiência intelectual**. 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4736/1/MD_EDUMTE_II_2012_33.pdf

SILVA, Peterson Amaro da. **Planejamento participativo nas aulas de educação física escolar:significados existentes nessa proposta**. 2020. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,São Paulo,2020.

SOARES, Carmen Lucia et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, M. P. S. B. **Formação permanente de professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docentes dos anos iniciais do ensino fundamental**. Revista Educação & Formação, v. 5, n. 1, p. 151-171, 2020. DOI: 10.25053/redufor.v5i13.1271. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=585862435009>. Acesso em: 10 jan. 2025.

- SOUZA, Clarilza Prado. **Significado da avaliação do rendimento escolar: uma pesquisa com especialistas da área.** In: SOUZA, CLARILZA PRADO. (orgs). Avaliação do rendimento escolar. Papirus, Campinas, São Paulo, pag. 109-140, 1991c.
- SOUZA, D. F., & Mendes, E. G. (2018). **Educação Inclusiva: Perspectivas e Práticas.** Campinas: Papirus.
- STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- VIANNA, T. V. S., Alves, M. A. S., & Lopes, M. A. (2015). **A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física: um desafio para a prática docente.** Revista Brasileira de Educação Especial, 11(1), 127-142.
- WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

ACESSO AO RECURSO EDUCACIONAL

Para ter acesso ao recurso educacional deste estudo use o código QR a seguir.



APÊNDICE

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este questionário tem objetivo de conhecer suas experiências anteriores com o ensino de jogos e esportes adaptados e inclusão. Suas respostas nos ajudarão a construir e planejar as atividades das próximas aulas, portanto, responda as questões abaixo com sinceridade, mas fique à vontade para deixar em branco as perguntas que você não se sentir confortável de responder. Fique tranquilo (a), sua identidade será preservada e nenhuma informação pessoal obtida deste questionário será divulgada.

Nome:

Idade: anos.

Bairro ou localidade:

Cidade:

1 -No seu tempo de lazer, costuma praticar algum jogo ou esporte?

() Sim () Não.

2 - Se você respondeu sim na pergunta acima, com que frequência pratica jogos e esportes?

() Uma vez por semana

() Mais do que uma vez por mês

() Mais do que uma vez por semana

() Uma vez a cada dois meses

() Uma vez por mês

() Uma vez a cada três meses

3 - Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você não conhece ou nunca ouviu falar:

() Bocha paralímpica ou (adaptada)

() Basquete em cadeiras de roda

() Goal ball

() Queimada adaptada

() Vôlei sentado

() Atletismo: corrida adaptada

() Futebol de 5

() Golf adaptado

() Ciclismo adaptado

() Rúgbi adaptado

4 - Das atividades abaixo, marque aquelas(s) que você conhece e sabe o que significa, mas nunca teve a oportunidade de experimentar/ praticar:

- () Bocha paralímpica ou (adaptada)
- () Basquete em cadeiras de roda
- () Goal ball
- () Queimada adaptada
- () Vôlei sentado
- () Atletismo corrida adaptada
- () Futebol de 5
- () Golf adaptado
- () Ciclismo adaptado
- () Rúgbi adaptado

5 - Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você já teve oportunidade de observar sendo praticada na sua cidade.

- () Bocha paralímpica ou (adaptada)
- () Basquete em cadeiras de roda
- () Goal ball
- () Queimada adaptada
- () Vôlei sentado
- () Atletismo corrida adaptada
- () Futebol de 5
- () Golf adaptado
- () Ciclismo adaptado
- () Rúgbi adaptado

6 - Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você já teve a oportunidade de experimentar/praticar:

- () Bocha paralímpica ou (adaptada)
- () Basquete em cadeiras de roda
- () Goal ball
- () Queimada adaptada
- () Vôlei sentado
- () Atletismo corrida adaptada
- () Futebol de 5
- () Golf adaptado
- () Ciclismo adaptado
- () Rúgbi adaptada

7. Você tem alguma deficiência? (Se sim, por favor, especifique o tipo de deficiência)

8 - Você já participou de aulas de jogos e esportes adaptados na escola?

- () Sim () Não

Se você já participou de aulas de jogos e esportes adaptados, com que frequência?

- () Uma vez por semana
- () Mais do que uma vez por mês

- () Mais do que uma vez por semana
 () Uma vez a cada dois meses
 () Uma vez por mês
 () Uma vez a cada três meses

9 - Qual é a sua percepção sobre a importância das aulas de jogos e esportes adaptados para promover a inclusão de alunos com deficiência na escola?

- () Muito importante
 () Importante
 () Neutro
 () Pouco importante

10 - Você sente que as aulas de jogos e esportes adaptados incentivam a participação ativa de todos os alunos, independentemente de suas habilidades?

() Sim

() Não

() Parcialmente

11 - Quais benefícios você acredita que as aulas de jogos e esportes adaptados oferecem aos alunos com deficiência?

12 - Quais desafios você percebe nas aulas de jogos e esportes adaptados e termos de inclusão?

13. Você tem interesse em participar de aulas de jogos e esportes adaptados? Por quê?

14 - Você sente que as aulas de jogos e esportes adaptados promovem a interação e a amizade entre os alunos com e sem deficiência? Justifique sua resposta.

() Sim () Não

15 - Você tem alguma sugestão ou comentário adicional relacionado às aulas de jogos e esportes adaptados na escola que gostaria de compartilhar?

Agradecemos sua participação e colaboração nesta pesquisa. Suas respostas são essenciais para o nosso estudo.

APÊNDICE B - PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

PLANO DE AULA/01

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. “PROFª MARIA DA COSTA MACHADO”	
PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO: 9º ANO	CARGA HORÁRIA: 2 AULAS DE 50 MINUTOS, totalizando 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 06/02/24
TEMA DA AULA/CONTEÚDO: Aventura mimética e queimada, desvendando os mistérios da comunicação, cooperação e inclusão.	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA (BNCC) (EF69EF02) Experimentar, fruir e conhecer diferentes possibilidades corporais por meio da dança, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, da ginástica, dos esportes, das atividades aquáticas e de outras práticas corporais, com base na cultura corporal de movimento, para ampliar o repertório motor e desenvolver a expressividade corporal. (EF89HA01) Analisar criticamente as diferentes formas de participação em atividades corporais e esportivas, considerando os valores éticos e os princípios que fundamentam a prática inclusiva.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Desenvolver habilidades de comunicação não verbal, trabalho em equipe e inclusão através de jogos e atividades interativas. Utilizar a mímica como ferramenta de comunicação não verbal para transmitir mensagens e ideias. Cooperar com os colegas para alcançar objetivos em equipe durante as atividades. Promover a inclusão e a participação de todos nas atividades, adaptando-as às necessidades individuais.	
DESENVOLVIMENTO: A Dança das Emoções: Soltar a energia com uma dança divertida que explora diferentes movimentos corporais e expressões faciais. Espelho Mágico: Em duplas, explorar a comunicação não verbal através da mímica, imitando os movimentos e expressões um do outro. Aventura Mimética em Círculo: Embaralhar bolas com palavras misteriosas e, em círculo, desvendar as charadas através da mímica, criando um clima de suspense e cooperação. Telefone sem Fio Mimético: Uma mensagem secreta é transmitida de aluno para aluno através da mímica, testando a atenção, a memória e a criatividade da turma. Queimada Tradicional: Divididos em duas equipes, explorar a queimada tradicional, desenvolvendo habilidades motoras, estratégia e trabalho em equipe. Queimada com Duas Bolas: Adaptar a queimada para inclusão, utilizando duas bolas, permitindo a participação de todos e promovendo a adaptação e a superação de desafios. Queimada Adaptada: Desafio e Diversão para Todos! Regras da Queimada Adaptada: Sentados no Chão: Para realizar o arremesso, os alunos precisam estar com o bumbum no chão. Deslocamento: O deslocamento é feito apenas com as mãos, braços e a sola dos pés. Objetivos da Adaptação: Inclusão: Permitir a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades físicas. Desafio: Estimular a adaptação e a superação de desafios. Roda de Conversa: Discutir os desafios, conquistas e aprendizados da aula, valorizando a participação de todos. Questionário sobre suas percepções sobre as atividades propostas em aula.	

RECURSOS:

Bolas de latex, de vôlei, de pilates, espaço amplo, sala, pátio e ou quadra,

AVALIAÇÃO:

Observação da participação dos alunos nas atividades.

Engajamento e entusiasmo durante a aula.

Cooperação e trabalho em equipe.

Reflexão crítica sobre os aprendizados da aula, nas fala dos alunos em roda de conversa.

Respostas das perguntas sobras as atividades desenvolvidas.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

SILVA, J. C. da. Educação física escolar: fundamentos e metodologia. São Paulo: Cortez, 2012.

Fonte: Autor, 2024.

PLANO DE AULA/02

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO: 9º ANO	CARGA HORÁRIA: 2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 20/02/24
TEMA DA AULA/CONTEÚDO: Democracia na Educação Física	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA (BNCC) EF69LP13 Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Introduzir o conceito de democracia Discutir a importância da democracia na sociedade e no esporte. Aplicar o conceito de democracia em um contexto prático. Refletir sobre a experiência de tomar decisões de maneira democrática.	
DESENVOLVIMENTO: Discussão inicial sobre o conceito de democracia. Vídeo Conceitual: Exibição de um vídeo explicativo sobre democracia. Discussão em pequenos grupos sobre a aplicação da democracia no esporte. Feedback e Reflexão: Compartilhamento das discussões em grupo com a classe. Revisão dos conceitos aprendidos na aula anterior. Reflexão sobre a experiência de tomar decisões de maneira democrática.	
RECURSOS: Vídeo conceitual sobre democracia, quadro branco para anotações. Equipamento para o jogo escolhido, bola de futsal, coletes e apito.	

AVALIAÇÃO:

Participação nas discussões, compreensão do conceito de democracia.
Participação na atividade prática, reflexão sobre a experiência.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024.

PLANO DE AULA/03

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. “PROFª MARIA DA COSTA MACHADO”	
PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO: 9º ANO	CARGA HORÁRIA: 2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 27/02/24
TEMA DA AULA/CONTEÚDO: Brincadeiras e Esportes Tradicionais: Roda de Conversa, Pique-Bandeira e Queimada	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA EF89EF01/ES Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. A experimentação de diferentes papéis nos esportes possibilita explorar situações de aprendizagem nas quais os estudantes exercitem o senso de justiça, o diálogo e a alteridade.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Desenvolver a integração e o trabalho em equipe através da prática de brincadeiras e esportes tradicionais, em um ambiente de colaboração e respeito mútuo. Estimular a comunicação e o diálogo entre os alunos através da roda de conversa. Desenvolver habilidades motoras, coordenação e agilidade nas brincadeiras Pique-Bandeira e Queimada. Incentivar o trabalho em equipe, a estratégia e a criatividade para alcançar objetivos comuns. Promover a cultura da inclusão e do respeito à diversidade, valorizando as diferentes habilidades e potencialidades de cada aluno.	

DESENVOLVIMENTO:

Recepção dos alunos e organização em círculo.

Alunos compartilham suas experiências e preferências em relação às brincadeiras e esportes tradicionais.

A conversa será mediada pelo professor, incentivando a participação de todos e promovendo um ambiente de escuta ativa e respeito mútuo.

Abordagem de temas como:

Importância da brincadeira e do esporte para o desenvolvimento físico, social e emocional.

Benefícios da prática regular de atividades físicas.

Valorização da cultura popular e das tradições através das brincadeiras.

Resume os pontos principais da conversa e destaca a importância da participação de todos na aula.

Alunos propõem as brincadeiras que gostariam de realizar durante a aula.

Pique-Bandeira

Divisão da turma em dois times através de um método democrático escolhido pelos alunos (sorteio, escolha de um líder, etc.).

Definição de dois campos com uma bandeira no centro de cada um.

Explicação das regras do jogo:

O objetivo é capturar a bandeira do time adversário e levá-la para o seu próprio campo sem ser tocado pelos jogadores do outro time.

Os jogadores que forem pegos ficam fora do jogo até que um membro da sua equipe consiga capturar a bandeira e tocá-lo.

O time que capturar a bandeira do adversário e levá-la de volta para o seu campo primeiro vence o jogo.

Início do jogo com o sinal do professor.

Observação atenta do comportamento dos alunos, garantindo a segurança e o respeito às regras do jogo.

Intervenção do professor quando necessário para orientar os alunos e resolver conflitos.

Apito do professor para finalizar o jogo.

Reunião com os alunos para discutir o jogo, destacando os pontos positivos e áreas para aprimorar.

Elogio à participação e ao esforço de todos os alunos.

Queimada

Divisão da turma em dois times através do mesmo método utilizado no Pique-Bandeira.

Definição de dois campos com uma linha divisória no centro.

Explicação das regras do jogo:

O objetivo é eliminar todos os jogadores do time adversário acertando-os com a bola.

Os jogadores eliminados vão para um "purgatório" no campo do time adversário.

Um jogador do seu time pode ser salvo se conseguir pegar a bola lançada por um jogador do time adversário.

O time que eliminar todos os jogadores do time adversário vence o jogo.

Início do jogo com o sinal do professor.

Observação atenta do comportamento dos alunos, garantindo a segurança e o respeito às regras do jogo.

Intervenção do professor quando necessário para orientar os alunos e resolver conflitos.

Ênfase na importância da cooperação, da comunicação e da estratégia para o sucesso do time.

Ao sinal do professor para finalizar o jogo.

Reunião com os alunos para discutir o jogo, destacando os pontos positivos e áreas para aprimorar.

RECURSOS: Quadra, apito alunos., bola de vôlei.

AVALIAÇÃO:

Observação da participação dos alunos nas atividades.

Engajamento e entusiasmo durante a aula.

Cooperação e trabalho em equipe.

Reflexão crítica sobre os aprendizados da aula.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

PLANO DE AULA/04

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. “PROFª MARIA DA COSTA MACHADO”	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 05/03/24
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Futsal: Paixão, Estratégia e Inclusão para Todos!	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02 Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Proporcionar uma aula de futsal envolvente, desafiadora e inclusiva, com foco no desenvolvimento das habilidades técnicas e táticas do esporte, na promoção do trabalho em equipe, na vivência de um ambiente de respeito mútuo e fair play, e na inclusão de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades. Estimular o trabalho em equipe, a comunicação, a colaboração e o respeito mútuo entre os jogadores, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor para todos. Promover o respeito às regras do jogo, à arbitragem e aos colegas de equipe e adversários, cultivando valores como a honestidade, a esportividade e a inclusão. Proporcionar momentos de lazer, descontração, socialização e aprendizado através da prática do futsal, com foco na diversão e no bem-estar de todos os alunos.	
DESENVOLVIMENTO: Roda de Conversa : Iniciar a aula com uma roda de conversa sobre o futsal. Pergunte aos alunos sobre suas experiências com o esporte, regras básicas e curiosidades. Incentivar a participação ativa de todos, promovendo um ambiente inclusivo. Incentive a correção mútua entre os alunos e a troca de experiências. O jogo de futsal. Os alunos devem formar suas próprias equipes, levando em consideração características individuais e estratégias de jogo. Cada jogo de futsal com dez minutos cada assim todos podem participar Incentivar a cooperação e a inclusão de todos, independentemente do nível de habilidade. Conversa com os alunos sobre o que aprenderam na aula. Reforçar a importância da prática esportiva para o bem-estar físico e mental.	
RECURSOS: Bolas de futsal .Cones para demarcação.	
AVALIAÇÃO: Observação da participação dos alunos nas atividades. Engajamento e entusiasmo durante a aula. Cooperação e trabalho em equipe. Reflexão crítica sobre os aprendizados da aula.	
REFERENCIAS: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.	

PLANO DE AULA/05

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 12/03/24
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Vôlei e Basquetebol: Uma Dupla Esportiva para Diversão e Aprendizado	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02 Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Proporcionar aos alunos duas aulas de educação física dinâmicas e envolventes, com foco na prática do vôlei e do basquetebol, na promoção do trabalho em equipe, do respeito mútuo e da inclusão, e na vivência de momentos de descontração, lazer e aprendizado. Promover a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou experiências, através da adaptação das regras e da rotação constante dos jogadores. Desenvolver o trabalho em equipe, a comunicação e a colaboração entre os jogadores para alcançar objetivos em comum.	
DESENVOLVIMENTO: Professor inicia a aula em roda de conversa e com uma pergunta motivadora: "O que o vôlei e o basquetebol significam para vocês? Quais suas expectativas para as aulas de hoje?". Diálogo aberto e inclusivo com os alunos para a construção conjunta da aula, considerando as necessidades, habilidades e interesses de todos. Vôlei: Uma Batalha Aérea Empolgante Montagem da rede de vôlei pelos alunos, com o auxílio do professor se necessário. Divisão dos times de forma equilibrada, considerando as habilidades e preferências dos alunos. Rotação constante dos jogadores para garantir a participação de todos e promover a inclusão. Jogo de vôlei com foco na prática das habilidades básicas e no trabalho em equipe. Intervenção do professor para orientar os alunos, esclarecer dúvidas e garantir o fair play. Ênfase na comunicação, na colaboração e no respeito mútuo entre os jogadores. Reunião dos alunos em círculo para discutir a aula. Compartilhamento das experiências e impressões dos alunos sobre o jogo de vôlei. Elogio à participação e ao esforço de todos os alunos. Destaque dos pontos positivos da aula e dos aspectos que podem ser aprimorados nas próximas aulas. Basquetebol Divisão dos times de forma equilibrada, considerando as habilidades e preferências dos alunos. Rotação constante dos jogadores para garantir a participação de todos e promover a inclusão. Jogo de basquetebol com foco na prática das habilidades básicas e no trabalho em equipe. Intervenção do professor para orientar os alunos, esclarecer dúvidas e garantir o fair play. Ênfase na comunicação, na colaboração e no respeito mútuo entre os jogadores. Reunião dos alunos em círculo para discutir a aula. Compartilhamento das experiências e impressões dos alunos sobre o jogo de basquetebol. Elogio à participação e ao esforço de todos os alunos. Destaque dos pontos positivos da aula e dos aspectos que podem ser aprimorados nas próximas aulas.	
RECURSOS: Quadra, bola,apito.	

AVALIAÇÃO:

Observação da participação dos alunos nas atividades.
Engajamento e entusiasmo durante a aula.
Cooperação e trabalho em equipe.
Reflexão crítica sobre os aprendizados da aula.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024.

PLANO DE AULA/06

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. “PROFª MARIA DA COSTA MACHADO”		
PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO: 9º ANO EDUCAÇÃO FÍSICA	PERÍODO: 19/03/24	CARGA HORÁRIA: 2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
TEMA DA AULA/CONTEÚDO: Inclusão e Capacitismo: Redefinindo Limites e Construindo uma Sociedade Mais Justa		
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens		
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA (BNCC) EF69LP13 Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: · Proporcionar aos alunos uma aula reflexiva e engajadora sobre os conceitos de inclusão e capacitismo, com foco na promoção da empatia, do respeito à diversidade e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todos. Apresentar e discutir os conceitos de inclusão e capacitismo de forma clara e acessível, utilizando linguagem adequada ao público-alvo. Estimular a reflexão crítica sobre os estereótipos e preconceitos relacionados às pessoas com deficiência, promovendo a compreensão da diversidade humana e o combate à discriminação. Enfatizar a importância da diversidade humana e da inclusão de todos os indivíduos na sociedade, independentemente de suas características físicas, sensoriais, intelectuais ou sociais.		
DESENVOLVIMENTO: Roda de Conversa apresentação com slides o projeto de pesquisa “O ensino de jogos e esportes adaptados a inclusão do deficiente na educação física” explicando como aconteceria nossas aulas com esportes tradicionais futsal, vôlei, basquetebol, atletismo corrida e esportes adaptados goalball, futebol de 5, vôlei sentado, basquetebol adaptado, atletismo corrida adaptada. Assinatura do termo de assentimento. Iniciar a aula com uma pergunta motivadora: "O que vocês entendem por inclusão e capacitismo? Quais experiências ou conhecimentos vocês já possuem sobre esses temas?" Professor orientando e mediando a discussão de forma democrática e respeitosa. Apresentação de slides com conteúdo informativo sobre inclusão e capacitismo, utilizando linguagem clara e acessível, imagens e vídeos para ilustrar os conceitos.		
RECURSOS: Apresentação de slides, possibilidade de utilizar outros recursos. Vídeos informativos e inspiradores. Artigos e notícias sobre o tema.		

AVALIAÇÃO:

Observação da participação dos alunos nas atividades.
 Engajamento e entusiasmo durante a aula.
 Cooperação e trabalho em equipe.
 Reflexão crítica sobre os aprendizados da aula.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA/06

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 19/03/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Vôlei e Basquetebol: Uma Dupla Esportiva para Diversão e Aprendizado	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02 Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Proporcionar aos alunos duas aulas de educação física dinâmicas e envolventes, com foco na prática do vôlei e do basquetebol, na promoção do trabalho em equipe, do respeito mútuo e da inclusão, e na vivência de momentos de descontração, lazer e aprendizado. Promover a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou experiências, através da adaptação das regras e da rotação constante dos jogadores. Desenvolver o trabalho em equipe, a comunicação e a colaboração entre os jogadores para alcançar objetivos em comum.	

DESENVOLVIMENTO:

Professor inicia a aula em roda de conversa e com uma pergunta motivadora: "O que o vôlei e o basquetebol significam para vocês? Quais suas expectativas para as aulas de hoje?".

Diálogo aberto e inclusivo com os alunos para a construção conjunta da aula, considerando as necessidades, habilidades e interesses de todos.

Vôlei: Uma Batalha Aérea Empolgante

Montagem da rede de vôlei pelos alunos, com o auxílio do professor se necessário.

Divisão dos times de forma equilibrada, considerando as habilidades e preferências dos alunos.

Rotação constante dos jogadores para garantir a participação de todos e promover a inclusão.

Jogo de vôlei com foco na prática das habilidades básicas e no trabalho em equipe.

Intervenção do professor para orientar os alunos, esclarecer dúvidas e garantir o fair play.

Ênfase na comunicação, na colaboração e no respeito mútuo entre os jogadores.

Reunião dos alunos em círculo para discutir a aula.

Compartilhamento das experiências e impressões dos alunos sobre o jogo de vôlei.

Elogio à participação e ao esforço de todos os alunos.

Destaque dos pontos positivos da aula e dos aspectos que podem ser aprimorados nas próximas aulas.

Basquetebol

Divisão dos times de forma equilibrada, considerando as habilidades e preferências dos alunos.

Rotação constante dos jogadores para garantir a participação de todos e promover a inclusão.

Jogo de basquetebol com foco na prática das habilidades básicas e no trabalho em equipe.

Intervenção do professor para orientar os alunos, esclarecer dúvidas e garantir o fair play.

Ênfase na comunicação, na colaboração e no respeito mútuo entre os jogadores.

Reunião dos alunos em círculo para discutir a aula.

Compartilhamento das experiências e impressões dos alunos sobre o jogo de basquetebol.

Elogio à participação e ao esforço de todos os alunos.

Destaque dos pontos positivos da aula e dos aspectos que podem ser aprimorados nas próximas aulas.

RECURSOS: Quadra, bola, apito.

AVALIAÇÃO:

Observação da participação dos alunos nas atividades.

Engajamento e entusiasmo durante a aula.

Cooperação e trabalho em equipe.

Reflexão crítica sobre os aprendizados da aula.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024.

PLANO DE AULA/07

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. “PROFª MARIA DA COSTA MACHADO”	
PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES/ MARIA APARECIDA BARROS	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:1 AULA DE 50 MINUTOS
DISCIPLINAS: EDUCAÇÃO FÍSICA / ARTE	DATA: 22/03/24
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Interdisciplinar Arte e Educação Física : Desvendando o Mundo dos Olhos Vendados.	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) Educação Física: (EF89EF02) Experimentar, fruir e analisar as diferentes manifestações da cultura corporal do movimento, reconhecendo-as como formas de expressão e comunicação. (EF89EF03) Praticar atividades corporais com diferentes níveis de complexidade, utilizando diferentes habilidades motoras, ajustando-as às suas necessidades e possibilidades. (EF89EF01) Analisar criticamente as diferentes formas de participação em atividades corporais e esportivas, considerando os valores éticos e os princípios que fundamentam a prática inclusiva. Arte: (EFAR6901) Explorar e apreciar as diferentes formas de produção e fruição artística, reconhecendo-as como manifestações de distintas culturas e grupos sociais. (EFAR6903) Experimentar e produzir obras de arte visuais, utilizando diferentes técnicas, materiais e suportes, explorando as potencialidades expressivas e comunicativas dos elementos visuais.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Educação Física e Arte: Vivenciar as dificuldades e desafios enfrentados por pessoas com deficiência visual em atividades físicas. Desenvolver a empatia e o respeito pela diversidade. Aprender as regras e estratégias de esportes adaptados, exemplo Goalball. Praticar jogos e esportes adaptados, o Goalball de forma inclusiva.	

DESENVOLVIMENTO:

- Etapa 1:
- Confecção da Máscara de Dormir
- Apresentação: A professora de Arte, junto com professor de Educação Física apresenta a proposta da aula, contextualizando a importância da inclusão e da empatia.
- Explicar os materiais necessários e as etapas da confecção da máscara.
- Confecção da máscara:
- Distribuir os materiais para cada aluno.
- Orientar os alunos na confecção da máscara, seguindo os seguintes passos:
- Delimitar o molde da máscara:
- Se utilizar molde, posicioná-lo sobre o EVA e riscar o contorno com lápis ou caneta.
- Se não utilizar molde, desenhar o contorno da máscara diretamente no EVA.
- Recortar o EVA:
- Recortar o EVA cuidadosamente ao longo da linha traçada.
- Preparar o TNT:
- Cortar uma tira de TNT com 3 dedos de largura, suficiente para contornar a máscara.
- Fixar o TNT:
- Aplicar cola quente nas bordas do EVA e colar a tira de TNT, cobrindo toda a borda da máscara.
- Fechar a máscara:
- Aplicar cola quente na parte interna da máscara e colar as duas partes do EVA, unindo-as firmemente.
- Personalização:
- Incentivar os alunos a personalizarem suas máscaras com outros elementos decorativos, como fitas, botões ou glitter (opcional).
- Finalização:
- Reunir os alunos para expor as máscaras confeccionadas.

RECURSOS:

- **Arte:** TNT (tecido não tecido)
- EVA
- Cola quente
- Tesoura
- Lápis ou caneta
- Molde de máscara de dormir (opcional)
- **Educação Física:** Vendas
- Bolas de jogos e esportes adaptados, exemplo Goalball (ou bolas de meia)

AValiação:

Participação, confecção da máscara, observação direta, registro individual, discussão em grupo roda de conversa.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

PLANO DE AULA/08

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. “PROFª MARIA DA COSTA MACHADO”	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 26/03/24
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Educação Física Inclusiva: Desvendando o Mundo dos Olhos Vendados.	
ÁREA DE CONHECIMENTO:Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) (EF69EF02) Experimentar, fruir e conhecer diferentes possibilidades corporais por meio da dança, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, da ginástica, dos esportes, das atividades aquáticas e de outras práticas corporais, com base na cultura corporal de movimento, para ampliar o repertório motor e desenvolver a expressividade corporal. EF01EF01: Demonstrar respeito pelos colegas e pelas regras da atividade. EF01EF02: Participar de brincadeiras e jogos, respeitando as regras estabelecidas. EF01EF03: Experimentar diferentes possibilidades de movimento no espaço em brincadeiras e jogos	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Desenvolver a empatia e a compreensão dos desafios da deficiência visual. Estimular a comunicação e a colaboração entre os alunos. Promover a inclusão social e o respeito à diversidade. Desenvolver a percepção espacial e a propriocepção. Aperfeiçoar o senso de audição e o desenvolvimento da atenção. Estimular a criatividade e a resolução de problemas.	
DESENVOLVIMENTO: Atividades:Exploração com Máscaras: Os alunos colocarão as máscaras confeccionadas no rosto. Formarão uma fila indiana, segurando o ombro do colega da frente. Andarão pela escola, comunidade escolar e ruas da localidade com os olhos vendados. Vivenciarão a experiência de deficiência visual por alguns momentos. Atividade em Dupla: Um aluno usará a máscara e o outro será o guia. Trocarão de papéis após um tempo. Discussão sobre as sensações e desafios enfrentados. Percepção Sonora com Chocalhos: Alunos com máscaras buscarão colegas com chocalhos pelo som. Trocarão de papéis. Reflexão sobre a importância da percepção sensorial. Essa aula proporcionará aos alunos uma experiência única, promovendo empatia, compreensão e inclusão.	
RECURSOS: Máscaras de tnt e eva produzida pelos alunos. Tnt,eva, cola quente. Chocalhos. Espaço amplo e seguro para as atividades.	

AVALIAÇÃO:

Observação da participação dos alunos nas atividades.
 Análise da capacidade de cooperação e comunicação entre os alunos.
 Reflexão sobre os desafios e aprendizados da experiência.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA /09

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:02/04/24
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Inclusão em Movimento: Desvendando as Possibilidades através de Jogos e Brincadeiras Adaptados	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF01: Analisar e selecionar diferentes práticas corporais para a promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida, conrando as características individuais, sociais e culturais. EF89EF02: Experimentar e avaliar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais em atividades corporais, adaptando-as às diferentes capacidades físicas e aos interesses dos participantes. EF89EF03: Identificar e analisar os diferentes papéis sociais relacionados às práticas corporais e esportivas, compreendendo a importância da inclusão e do respeito às diferenças.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Promover a inclusão e a participação de todos os alunos nas atividades. Desenvolver a capacidade de adaptação e criatividade. Estimular a reflexão sobre a importância do esporte para a saúde e o bem-estar. Desenvolver habilidades sociais como cooperação, respeito e trabalho em equipe.	

DESENVOLVIMENTO:

Morto vivo com apito:

O professor com apito ao apitar uma vez, significa vivo , se apitar duas vezes significa morto. O aluno que fizer o comando errado dar licença da atividade, depois retorna. Após sair um vencedor. Todos alunos com olhos vendados com máscara.

Pique sensorial:

Com chocalhos infantil em mãos , dois alunos livres pela quadra fazendo barulho , o restante dos alunos da turma vendados terão que achar e pegar os alunos com chocalhos. O aluno vendado que conseguir pegar o aluno com chocalho troca de função com ele.

Queimada adaptada 1 deficiente físico :

Os alunos dividem em duas equipes uma de frente para outra , delimitar um campo menor, com bola de vôlei . Sentados no chão para realizar o arremesso, os alunos precisam estar com o glúteo bumbum no chão.Deslocamento para não ser queimado, é feito apenas com as mãos, braços e a sola dos pés e levantado o glúteo. As demais regras normais da queimada.

Queimada adaptada deficiente visual 2:

Com duas equipes divididas pelo alunos em seus campo uma de frente para outra, delimitando o espaço de campo de jogo maior sendo parecido com queimada convencional. Com todas as duas equipes com olhos vendados. Com bola de guizo adaptada confeccionada pela turma.

A equipe que está com posse da bola arremessa , terá que acertar o aluno da equipe adversária . Ao ouvir o barulho da bola de guizo vindo em sua direção terá que sair muda de lugar para não ser queimado. Essa atividade necessita em cada de um orientador sem venda em cada equipe, para orientar sua equipe e pegar a bola quando parar e ficar sem som do guizo.

Círculo sensorial :

Os alunos realizam uma grande roda de costa para o centro com as pernas abertas e os pés encostando no aluno do lado , todos com olhos vendados. A bola de guizo não pode sair do interior da roda.

A bola de guizo vai ser jogada rasteira na direção do aluno da roda que está de costa e com olhos vendados , ao ouvir a bola vindo deverão abaixar o tronco sem dobrar os joelhos e impedir com as mãos entre pernas e pés a passagem da bola. Se a bola passar sem problemas todos continuam na atividade.

Roda de conversa sobre atividade e planejamento participativo.

RECURSOS:

Bolas de isopor oca, guizos, bolinha do chocalhos de brinquedos infantis, fita crepe larga, apito,

Bola de vôlei.

Bola de guizo adaptada.

Chocalhos de brinquedos infantis.

Apito.

AValiação:

A avaliação será contínua e formativa, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos durante as atividades.

Participação ativa nas atividades propostas.

Compreensão e respeito às regras do futsal com respeito à diversidade.

Feedback sobre a experiência de jogar futsal e trabalhar em equipe

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

PLANO DE AULA/10

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 09/04/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Goalball Adaptado e flexível com 10 alunos	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF01: Analisar e selecionar diferentes práticas corporais para a promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida, considerando as características individuais, sociais e culturais. EF89EF02: Experimentar e avaliar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais em atividades corporais, adaptando-as às diferentes capacidades físicas e aos interesses dos participantes. EF89EF03: Identificar e analisar os diferentes papéis sociais relacionados às práticas corporais e esportivas, compreendendo a importância da inclusão e do respeito às diferenças.	

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Desenvolver a autonomia e a proatividade dos alunos na construção de um jogo adaptado. Promover a inclusão e a participação de todos os alunos nas atividades. Desenvolver habilidades motoras, sociais e cognitivas. Estimular a criatividade e a resolução de problemas
DESENVOLVIMENTO: Retomada da aula anterior: Relembrar as atividades realizadas e as sugestões dos alunos para a construção do campo de goalball adaptado. Prática do goalball adaptado: Os alunos se dividirem em equipes e realizar jogos de goalball, incentivando a colaboração, a comunicação e o respeito às regras. Regras do goalball adaptado: Explicar as regras do goalball adaptado com 10 alunos pro equipe e as traves ficam na direção da linha de fundo da quadra de vôlei em cima da linha lateral do futsal colocar os cones, que ir até o meio para realizar o arremesso e volta até a linha de fundo da quadra de vôlei , adaptando-as às características do grupo e do espaço disponível. Roda de conversa: Promover uma roda de conversa para que os alunos compartilhem suas experiências e reflexões sobre a aula.
RECURSOS: Bola de guizo adaptada. Sendo bola de isopor oca e chocalho de brinquedo infantil e guizo dentro, passar fita crepe por fora para segurar.Máscaras para os olhos de tnt, eva.Apito.Bola de vôlei. Chapeuzinho chinês e ou cones.
AValiação: Participativa, observar a participação dos alunos na construção do campo de jogo e nas atividades. Processual, avaliar o desenvolvimento das habilidades motoras, sociais e cognitivas dos alunos ao longo das atividades.
REFERENCIAS: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA/11

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:16/04/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Quebrando Barreiras: Desvendando o Mundo do Goalball	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
<p>HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA (BNCC): EF89EF01: Analisar e selecionar diferentes práticas corporais para a promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida, considerando as características individuais, sociais e culturais. EF89EF02: Experimentar e avaliar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais em atividades corporais, adaptando-as às diferentes capacidades físicas e aos interesses dos participantes. EF89EF03: Identificar e analisar os diferentes papéis sociais relacionados às práticas corporais e esportivas, compreendendo a importância da inclusão e do respeito às diferenças.</p>	
<p>OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Compreender as regras e o objetivo do Goalball, vivenciar as adversidades do jogo. Construir o próprio equipamento de jogo (traves, campo, bolas) Participar de jogos de Goalball, respeitando as regras e os colegas. Desenvolver empatia e respeito a diversidade através do goalball. Construir os materiais necessários para a prática do goalball de forma colaborativa. Adaptar as regras do goalball para a realidade da turma. Desenvolver habilidades motoras e sociais através da prática do goalball. Promover a inclusão e o respeito às diferenças. Refletir sobre a importância da atividade física para a saúde e o bem-estar.</p>	
<p>DESENVOLVIMENTO: Discussão inicial sobre o Goalball: regras, objetivos, equipamentos necessários Divisão da turma em grupos para a elaboração e construção das traves de Goalball usando anilhas 5kg de academia e cabos de vassoura (9m de largura por 1,30m de altura) Construção do campo de jogo com fios de telefone , de antena parabólica e fita crepe para demarcar as linhas em alto relevo Bolas de isopor com chocalho infantil e guizo dentro, com materiais que produzam som, para o Goalball. Realização de jogos de Goalball, com cada grupo jogando entre si por três minutos cada jogo Os alunos usarão máscaras individuais confeccionadas por eles mesmos Discussão final e reflexões sobre as atividades realizadas.</p>	
<p>RECURSOS: anilhas 5kg de academia e cabos de vassoura Fios de telefone, antena parabólica ,barbante e fita crepe larga, Materiais diversos para a confecção das bolas de Goalball, bola de isopor oca, chocalhos infantis e guizo, fita crepe.</p>	

AVALIAÇÃO:

Participação ativa na construção dos equipamentos de jogo
 Compreensão e respeito às regras do Goalball
 Reflexões sobre a experiência de jogar Goalball e trabalhar em equipe.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024.

PLANO DE AULA/12

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:23/04/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: O Futsal como Ferramenta de Inclusão e Respeito à Diversidade	
ÁREA DE CONHECIMENTO:Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF01: Analisar e selecionar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, considerando as possibilidades de práticas corporais que promovam a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida. EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF03: Analisar e selecionar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF05: Analisar e selecionar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Introduzir os alunos ao futsal, promovendo a prática esportiva e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, com foco na inclusão e no respeito à diversidade. Conhecer a história e as regras básicas do futsal. Desenvolver a capacidade de jogar em equipe, respeitando as regras e os colegas, independentemente de suas diferenças. Promover a conscientização e a inclusão de todos os alunos, adaptando as atividades às suas necessidades e habilidades. Desenvolver valores como respeito, cooperação e fair play.	

DESENVOLVIMENTO:

Roda de conversa

Apresentação do tema: futsal como ferramenta de inclusão e respeito à diversidade.

Discussão sobre a importância da inclusão no esporte.

Breve histórico do futsal.

Regras básicas do jogo, adaptando-as para garantir a participação de todos.

Importância do trabalho em equipe, respeito às diferenças e fair play.

Corrida leve com diferentes ritmos e intensidades.

Alongamento dinâmico, incluindo exercícios de coordenação e equilíbrio.

Jogos de aquecimento com a bola, adaptando as regras para garantir a participação de todos.

Bobinho em círculo: Jogo adaptado para garantir a participação de todos, com diferentes níveis de dificuldade.

Jogo propriamente dito: Divisão da turma em equipes mistas, com alunos de diferentes habilidades e características, adaptando as regras para garantir a inclusão de todos.

Reflexão sobre a aula: o que aprenderam, dificuldades e facilidades, importância da inclusão e do respeito no esporte.

RECURSOS:

Bolas de futsal; Cones; Quadra prática do futsal, da comunidade; Cronômetro; Apito.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será contínua e formativa, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos durante as atividades.

Participação ativa nas atividades propostas.

Compreensão e respeito às regras do futsal com respeito a diversidade.

Feedback sobre a experiência de jogar futsal e trabalhar em equipe.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024.

PLANO DE AULA/13

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"

PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES

ANO: 9º ANO

CARGA HORÁRIA: 2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA

DATA: 30.04/2024

TEMA DA AULA/CONTEÚDO: Avaliação teórica : Relembrando nossa jornada em Educação Física

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC)

EF89EF01: Analisar e selecionar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, considerando as possibilidades de práticas corporais que promovam a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida.

EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade.

EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento.

EF89EF07: Analisar as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, reconhecendo a importância do esporte e das atividades físicas para a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

Promover a reflexão sobre a importância da democracia, da inclusão e do respeito à diversidade no contexto da Educação Física, incentivando a participação ativa dos alunos na construção de um ambiente escolar mais justo e equitativo.

DESENVOLVIMENTO:

Avaliação teórica.

Texto relembando nossa jornada.

Agora a vez de alunos responder:

- 1) Autoavaliação sobre compreensão , participação, atitudes e sugestões.
- 2) Produzir síntese escrita com base nas reflexões elabore texto que resuma sua compreensão sobre os conceitos sobre democracia, inclusão e capacitismo. Relacione seus conhecimentos com suas experiências nas aulas de educação física e nos diferentes ambientes. compartilhe seu aprendizado.

RECURSOS:

Sala de aula organizada, com mesas e cadeiras dispostas de forma a facilitar a interação entre os alunos.

Canetas, lápis, papel ou cadernos.

Quadro branco junto com folha com texto para apresentar as perguntas e organizar as ideias. Para produção das respostas.

Avaliação da Atividade:

A avaliação dessa atividade deve ser realizada de forma contínua e processual, considerando os seguintes aspectos:

AVALIAÇÃO:

Autoavaliação:

Compreensão: O aluno demonstra compreender os conceitos de democracia, inclusão e capacitismo? Consegue relacioná-los com as experiências vivenciadas nas aulas?

Produção de Texto:

Clareza e objetividade: O texto é claro e conciso, transmitindo as ideias de forma eficaz?

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

PLANO DE AULA/14

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:07/05/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Futebol de 5 Adaptado: Desenvolvendo Habilidades e Inclusão	
ÁREA DE CONHECIMENTO:Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF01: Analisar e selecionar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, considerando as possibilidades de práticas corporais que promovam a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida. EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF03: Analisar e selecionar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF04: Experimentar e praticar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Introduzir os alunos ao futebol de 5 adaptado, promovendo a prática esportiva e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, com foco na inclusão e na adaptação das regras para atender às necessidades de todos os alunos.	

DESENVOLVIMENTO:

1. Explicação e Adaptação das Regras :

Roda de conversa: Apresentação do futebol de 5 adaptado, suas regras e as adaptações que serão realizadas.

Confecção de materiais adaptados como guia de garrafa pet, linha de alto relevo, pedaço de cano de ferro para o chamador.

Demonstração da utilização da guia de garrafas pet passando o barbante no meio , após corta tirar o fundo e bico da garrafa: De mascarará um aluno indo e outro voltando e assim sucessivamente até que todos alunos tiverem passado algumas vezes, primeiro sem a bola em seguida com a bola.

Explicar como a bola pode bater na parede e continuar o jogo.

Explicação do papel do chamador e a importância da comunicação em equipe, com pedaço de cano de ferro.

2. Atividades Práticas:

Passe com mão a bola de guizo: Os alunos se organizam em círculo e segura a bola de guizo na mão balança e ouvi o barulho e em seguida passam a bola de guizo para a mão do colega ao lado, desenvolvendo a coordenação motora e a atenção, até que todos tenham realizado essa atividade.

Passe com os pés na bola de guizo: Os alunos se organizam em círculo e domina a bola de guizo com o pé e ouvi o barulho e em seguida passam a bola de guizo para outro colega do círculo, que terá que ouvi e dominar a bola de guizo e realizar o passe e assim sucessivamente , desenvolvendo a coordenação motora e a atenção, até que todos tenham realizado essa atividade.

Dominando a bola com os olhos vendados: Os alunos se revezam tentando controlar a bola com os pés, usando a máscara.

Jogo de futebol de 5 adaptado: Dividir a turma em equipes equilibradas e realizar o jogo, utilizando as adaptações propostas.

Roda de conversa: Feedback sobre a aula, dificuldades enfrentadas, o que gostaram e o que aprenderam.

RECURSOS:

Bolas de futebol de 5; Máscaras produzidas pelos alunos; Fio de telefone e antena parabólica; Fita crepe larga; Dois pedaços pequenos de cano de ferro; Apito; Barbante; Duas garrafas de 500ml vazias; Tesoura; Rolo de papel toalha interfolhado.

AVALIAÇÃO:

Participação , feedback a turma, questionário .

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

PLANO DE AULA/15

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 14/05/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Vôlei: Um Esporte para Todos	
ÁREA DE CONHECIMENTO:Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF03: Analisar e selecionar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Introduzir os alunos ao vôlei, promovendo a prática esportiva e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, com foco na inclusão e na adaptação das atividades para atender às necessidades de todos os alunos. Compreender a história e as regras do vôlei. Promover a cooperação, inclusão e o trabalho em equipe. Refletir sobre a prática esportiva e planejar a próxima aula.	
DESENVOLVIMENTO: Roda de conversa sobre a história do vôlei e suas regras básicas. Discussão sobre a importância do esporte na vida cotidiana e a inclusão de todos. Alongamentos focados em ombros, pulsos, tornozelos e pernas. Três círculos de alunos jogando , três cortes. <ul style="list-style-type: none"> ● Saque: Prática do saque por baixo e por cima, com diferentes tipos de pegada. ● Manchete: Exercícios de recepção da bola com os braços, enfatizando a postura correta. ● Toque: Exercícios de toque para cima, com diferentes números de toques. ● Rodizio : Prática do rodizio dos jogadores na quadra. Jogo de vôlei com Partida de vôlei com aplicação dos fundamentos aprendidos. <ul style="list-style-type: none"> ● Realizar um jogo de vôlei, adaptando as regras para garantir a participação de todos e facilitar a aprendizagem. ● Alongamento estático. ● Roda de conversa: Feedback sobre a aula, dificuldades enfrentadas, o que gostaram e o que aprenderam. ● Planejamento participativo: Discutir com os alunos as atividades para a próxima aula, como o vôlei sentado. Observação e orientação contínua do professor, garantindo a participação de todos.	
RECURSOS: Bolas de vôlei. Rede de vôlei e postes . Cones para demarcação.Apito.	

AVALIAÇÃO:

Observação contínua durante a prática dos fundamentos e o jogo.
Participação e engajamento nas rodas de conversa.
Feedback dos alunos sobre o aprendizado e a aula.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA/16

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUITOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:21/05/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Vôlei Sentado: Inclusão e Diversidade	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Introduzir os alunos ao vôlei sentado, promovendo a prática esportiva e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, com foco na inclusão e na adaptação das atividades para atender às necessidades de todos os alunos. Compreender a história e as regras do vôlei sentado adaptado. Promover a inclusão e o trabalho em equipe.	

DESENVOLVIMENTO:

Roda de Conversa Inicial

Breve histórico do vôlei sentado.

Apresentação das regras básicas do jogo adaptado.

Explicação dos fundamentos: saque, manchete, toque e rotação.

Destacar a importância da inclusão e do respeito às diferenças.

Montagem a rede e linhas demarcatória do campo de jogo com fita crepe todos juntos.

Alongamento dinâmico sentado, incluindo movimentos de braços, pernas e tronco.

Exercícios de respiração e relaxamento.

Com a participação de todos, marcar a quadra de vôlei sentado utilizando fita crepe.

A turma se dividida pelos alunos em equipes de forma equilibrada, considerando as habilidades de cada aluno.

Saque: Prática do saque por baixo e por cima, sentado. Um aluno de frente para outro.

Manchete: Exercícios de recepção da bola com os braços, sentado. Um aluno de frente para o outro.

Toque: Exercícios de toque para cima, sentado. Um aluno de frente para o outro.

Rotação: Prática da rotação dos jogadores na quadra, trocando de posições.

Realizar um jogo de vôlei sentado, adaptando as regras para garantir a participação de todos e facilitar a aprendizagem.

Roda de conversa: Feedback sobre a aula, dificuldades enfrentadas, o que gostaram e o que aprenderam.

Planejamento participativo: Discutir com os alunos as atividades para a próxima aula, com o basquetebol tradicional e sugestões dos alunos sobre atividades e conteúdos a serem abordados.

RECURSO:

Bolas de vôlei; Rede de vôlei; Mastro de madeira; Fita crepe; Quadra para a prática do vôlei sentado

AVALIAÇÃO:

A avaliação será realizada de forma contínua, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos durante as atividades.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

Fonte: Autor, 2024

<p align="center">PLANO DE AULA/17 UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"</p>	
PROFESSOR: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO: 9º ANO	CARGA HORÁRIA: 2 AULAS DE 50 MINUTOS, TOTAL DE 1HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 28/05/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: BASQUETEBOL TRADICIONAL Esportes de invasão: Basquetebol: Uma Jornada Colaborativa - Desvendando a Magia do Esporte e Dominando Habilidades Essenciais	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC)

EF89EF05 Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência, etc.) e a forma como as mídias os apresentam.

EF89EF06 Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

Compreender a história e a evolução do basquetebol como esporte.

Conhecer e aplicar as regras e fundamentos básicos do basquetebol.

Promover a integração e o trabalho em equipe por meio do jogo de basquetebol.

Planejamento coparticipativo

Reflexão exclusão e inclusão com basquetebol

DESENVOLVIMENTO:

Apresentação do tema da aula: História, Regras e Fundamentos do Basquetebol.

Breve contextualização histórica sobre a origem e evolução do basquetebol.

Explicação detalhada das regras e do sistema de jogo do basquetebol.

Demonstração dos fundamentos práticos: Drible, Recepção, Passe Peito e Picado, bandeja, arremesso a cesta.

Os alunos formam fileiras, uma de frente para a outra.

Cada aluno realiza o drible enquanto se desloca em direção ao colega da frente.

Após um determinado tempo, eles trocam de posição, alternando entre driblar e receber a bola.

Continuando nas fileiras, os alunos praticam os passes de peito e picado.

Eles se revezam, passando a bola para o colega da frente.

Agora, os alunos se posicionam mais próximos à cesta.

O professor explica a mecânica do arremesso (posição dos pés, alinhamento, acompanhamento da bola etc.).

Cada aluno faz arremessos próximos ao aro.

Os alunos aprendem a bandeja, que é um arremesso próximo à cesta após uma corrida rápida.

Os alunos praticam a bandeja em duplas, alternando entre arremessador e reboteiro.

O foco é a diversão e a aplicação das habilidades aprendidas.

Divisão da turma em grupos para realização de atividades práticas.

Exercícios de aquecimento e alongamento.

Realização de mini jogos para aplicação dos conceitos aprendidos.

Roda de conversa para reflexão sobre a aula e os aprendizados.

Planejamento conjunto da próxima aula, focada em basquete adaptado para cadeira de rodas.

A problemática como realizar basquetebol adaptado sem cadeiras de roda.

RECURSOS:

Quadra esportiva; Bolas de basquete; Cones de marcação; Material audiovisual para apoio à explicação teórica.

AValiação:

Observação contínua do desempenho dos alunos durante as atividades práticas.

Participação e engajamento dos alunos nas atividades teóricas e práticas.

Capacidade de aplicação dos fundamentos do basquetebol em situações de jogo.

As observações críticas e reflexivas sobre a vivência prática.

Auto avaliação

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

"Basquetebol: Fundamentos e Técnicas" de João Paulo Medina e Gustavo de Conti.Site da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) - <https://www.cbb.com.br/>

PLANO DE AULA/18

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUITOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:04/06/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Basquetebol Adaptado do caranguejo: Vivenciando a Inclusão	
ÁREA DE CONHECIMENTO:Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Trabalhar em equipe, respeitar as regras e os colegas, desenvolver respeito a diversidade com espírito esportivo, empatia e inclusão. Compreender as regras do basquetebol adaptado, elaborar estratégias de jogo, analisar as próprias ações e as dos colegas. Adaptar regras e materiais para prática inclusiva de basquetebol do caranguejo	

DESENVOLVIMENTO:

Em sala de aula roda de conversa realizar conceitual sobre basquetebol adaptado.

Discuti as diferenças entre o basquete convencional e o adaptado.

Destaque a importância da inclusão e empatia.

Atividades Práticas na quadra:

Iniciar todos em círculo grande com rotação de punhos para um lado e outro, rotação de ombros para frente e para trás, rotação de tronco para um lado e depois outro lado.

Em seguida continuando em círculo mas sentados no chão da quadra para ser movimentar só com as mãos e o sola dos pés com o glúteo sem estar no chão da quadra. Ao sinal do professor deverão todos juntos até o centro do círculo e ao outro sinal do professor voltar a posição inicial. Realizar essa atividade algumas vezes.

Duas alunas dividir a turma em duas equipes, preparação para queimada adaptada onde os alunos poderiam se movimentar só com as mãos e o sola dos pés com o glúteo sem estar no chão da quadra. Ao realizar o arremesso no oponente só sentado com glúteo no chão da quadra. Delimitar o campo de jogo menor da queimada adaptada. Campo de jogo com chapeuzinho chinês quatro metros da linha central da quadra.

Jogo dos Dez passes, dividir a turma em duas equipes. O objetivo é completar dez passes consecutivos sem erro e ou intervenção da equipe adversária. No campo de jogo meia quadra.

Todos os fundamentos citados abaixo os alunos em três fileiras uma de frente para outra realiza o movimento e vai para final da fila.

drible sentado no chão, os alunos praticarão o drible com a bola de basquete sentados no chão.

Passe de peito e picado sentados, os alunos aprenderão e praticarão os passes de peito e picado, permanecendo sentados no chão.

Arremesso sentados de frente cesta, os alunos farão arremessos à cesta sentados no chão (bumbum no chão).

O aro de ferro da cesta de basquetebol adaptado foi 1, 30 de altura amarrada com corda em um a coluna da quadra. Outro aro para cesta, sugestões dos alunos uma de lixeira da escola de plástico furada sem fundo.

Jogo de Basquetebol Adaptado Sentado:

As equipes jogarão basquete sentadas no chão. Vamos adaptar as regras, campo de jogo e materiais conforme necessário com nossa problemática

A cesta será adaptada (aro de basquete de ferro e lixeira furada sem fundo).

Campo de Jogo Reduzido:

Marque o campo com chapeuzinho chinês para reduzir o tamanho. Isso facilitará a movimentação e a participação de todos.

RECURSOS:

Bolas de basquetebol. Chapeuzinho chinês. Aro de cesta de basquete de ferro. Cesta de lixo com defeito doada pela escola, Cordas. Quadra para a prática da atividade.

AValiação:

A avaliação será realizada de forma contínua, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos durante as atividades.

Roda de conversa e feedback dos alunos

Observação o professor observará a participação dos alunos nas atividades, a colaboração em equipe e o respeito às regras.

Questionário ao final da aula, os alunos responderão a um breve questionário sobre o que aprenderam e suas impressões sobre a atividade.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

PLANO DE AULA /19

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:04/06/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Autoavaliação sobre basquete adaptado	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Refletir, criticamente, a respeito das relações entre a vivência das manifestações da Cultura Corporal e os processos de formação humana integral.	
DESENVOLVIMENTO: BASQUETEBOL ADAPTADO: Feedback e Reflexão <ol style="list-style-type: none"> 1. Como se sentiram ao praticar basquetebol adaptado? 2. Quais foram as principais dificuldades encontradas? 3. O que aprenderam sobre inclusão e empatia? 4. Como podemos promover mais atividades inclusivas na escola? 	
RECURSOS: Cópia recopiada.Caneta; lápis.	
AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada por meio de um questionário sobre o que aprenderam e suas impressões sobre a atividade.	
REFERENCIAS: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:	

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA/20

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUITOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 11/06/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Correndo Juntos: Atletismo para Todos. Atletismo corrida convencional e adaptada com máscara.	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF06) Identificar, analisar e compreender as possibilidades de vivenciar, na comunidade, a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, identificando e analisando os espaços e equipamentos públicos disponíveis e acessíveis para a vivência dessas manifestações, compreendendo as diferenças entre o esporte dentro e fora da escola, assim como a relação entre esporte, saúde coletiva, lazer e mundo do trabalho.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Introduzir os alunos ao atletismo, promovendo a prática esportiva e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, com foco na inclusão e na adaptação das atividades para atender às necessidades de todos os alunos.	
DESENVOLVIMENTO: Roda de conversa e apresentação do atletismo adaptado <ul style="list-style-type: none"> • Breve histórico do atletismo. • Apresentação das regras básicas das corridas. • Explicação sobre o atletismo adaptado e a importância da inclusão. • Demonstração da utilização da máscara e da guia para a corrida em dupla. • Corrida leve com diferentes ritmos e intensidades. • Alongamento dinâmico, incluindo exercícios de membros inferiores e superiores. • Pique sensorial: os alunos correm pegando chocalhos espalhados pelo espaço do campo. Preparação da pista e divisão das equipes: Os alunos confeccionarão as raias com barbante e as guias para as duplas. Dividir a turma em duplas, onde um aluno será o guia e o outro representará o deficiente visual. Corrida convencional: Corrida rasa no campo de grama, com saída da linha de fundo e chegada na linha do meio do campo. Enfatizar a importância da segura e atenção de corrida e da partida. Corrida adaptada em dupla: Corrida em dupla, com o guia segurando a guia de TNT e conduzindo o aluno com a máscara. Após a bateria, inverter as posições para que todos vivenciem os dois papéis. Roda de conversa: feedback sobre a aula, dificuldades enfrentadas, o que gostaram e o que aprenderam. Planejamento participativo próxima aula com sugestões.	
RECURSOS: Barbante; Apito; Cronômetro; Ficha para anotações e apurações dos tempos.Caneta; Máscaras de TNT e EVA; Guias de TNT; Chocalhos;Campo de futebol sendo um espaço amplo para a prática das corridas.	

AVALIAÇÃO:

A avaliação será realizada de forma contínua, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais dos alunos durante as atividades. Além disso, podem ser realizadas atividades avaliativas como:

O professor observará a participação dos alunos nas atividades, a colaboração em equipe e o respeito às diferenças.

Ao final da aula, os alunos responderão a um breve questionário sobre o que aprenderam e suas impressões sobre a atividade.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA/21

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:18/06/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Um Mundo de Possibilidades trabalhos dos grupos de esportes adaptados para o professor e a turma .	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF03: Analisar e selecionar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Compreender a importância dos esportes adaptados, reconhecendo suas regras, história e impacto social. Além disso, espera-se que desenvolvam habilidades de pesquisa, trabalho em equipe e apresentação, promovendo a inclusão e o respeito às diferenças. Ao final, os alunos deverão ser capazes de organizar e participar de um festival de esportes adaptados, aplicando os conhecimentos adquiridos e refletindo sobre suas percepções e aprendizados.	

DESENVOLVIMENTO:

Roda de conversa e apresentação :

Utilizar slides e vídeos para apresentar os conceitos de esporte adaptado e suas modalidades.

Promover uma discussão sobre a importância da inclusão e do esporte para todos.

Dividir a turma em grupos, atribuindo a cada grupo uma modalidade: goalball, futebol de 5, vôlei sentado e basquetebol adaptado (caranguejo).

Explicar a tarefa: cada grupo deverá pesquisar sobre sua modalidade, criar um trabalho (slides ou vídeo) e apresentar para a turma e posteriormente próxima aula para as outras turmas da escola.

Desenvolvimento dos trabalhos

Os grupos realizarão pesquisas sobre suas modalidades, coletando informações sobre as regras, história, equipamentos e adaptações.

Elaborarão seus trabalhos, utilizando recursos visuais e audiovisuais.

Apresentações

Cada grupo apresentará seu trabalho para a turma, respondendo a perguntas e recebendo feedback.

As apresentações serão avaliadas pelos colegas e pelo professor.

Festival Paralímpico : goalball, futebol de 5, vôlei sentado, basquete adaptado caranguejo, atletismo corrida adaptada.

Organizar todos juntos um festival paralímpico, onde os alunos poderão vivenciar as modalidades apresentadas.

Realizar atividades práticas e esportes adaptados com os alunos da turma sendo responsáveis em ensinar os outros alunos da turma da escola.

RECURSOS:

Data show; Computador; Internet; Equipamentos esportivos adaptados (se disponíveis); Espaço para as apresentações e atividades práticas(sala de aula).

AValiação:

A avaliação será realizada de forma contínua, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades dos alunos durante todas as etapas do projeto. Além disso, podem ser realizadas atividades avaliativas como:

O professor observará a participação dos alunos nas atividades, a colaboração em equipe e o desenvolvimento do trabalho.

Serão utilizados os seguintes critérios para avaliar as apresentações dos grupos, considerando a organização, o conteúdo, a criatividade e a comunicação.

Ao final do projeto, os alunos responderão a um questionário e síntese sobre o que aprenderam e suas impressões sobre o esporte adaptado.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

PLANO DE AULA/22

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA:EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:25/06/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Divulgando os Esportes Adaptados para as demais turmas da escola, visando a sensibilização e a promoção da inclusão.	
ÁREA DE CONHECIMENTO:Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF04: Experimentar e praticar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento. EF89EF07: Comunicar-se e utilizar diferentes linguagens (corporal, verbal, visual, escrita, digital etc.) para expressar e compreender ideias sobre saúde, bem-estar e qualidade de vida.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Divulgar os conhecimentos adquiridos sobre os esportes adaptados para as demais turmas da escola. Sensibilizar os colegas sobre a importância respeito a diversidade tendo empatia com inclusão aos esporte para todos. Desenvolver habilidades de comunicação e apresentação em público. Fortalecer o trabalho em equipe e o espírito de colaboração.	
DESENVOLVIMENTO: Preparação das apresentações: <ul style="list-style-type: none"> Os grupos revisam seus trabalhos, garantindo que todas as informações estejam claras e organizadas. Ensaia as apresentações, definindo quem falará sobre cada tópico. Divulgação para as demais turmas: <ul style="list-style-type: none"> Os grupos se apresentam para as outras turmas, utilizando os recursos visuais e audiovisuais preparados. Durante as apresentações, os alunos devem responder às perguntas dos colegas. Feedback e avaliação: <ul style="list-style-type: none"> Ao final de cada apresentação, os alunos da turma que assistiu fazem um breve feedback sobre o trabalho. O professor registrará as observações e realiza uma avaliação geral das apresentações. 	
RECURSOS: Sala de aula com data show; Notebook; Materiais de apoio para as apresentações (slides, vídeos);Equipamentos esportivos adaptados (se disponíveis).	

AVALIAÇÃO:

A avaliação será realizada de forma contínua, observando a participação, o empenho e o desenvolvimento das habilidades dos alunos durante todas as etapas do projeto. Além disso, podem ser realizadas atividades avaliativas como:

Observação: O professor observará a participação dos alunos nas atividades, a colaboração em equipe e o desenvolvimento do trabalho.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

Fonte: Autor, 2024

PLANO DE AULA/23

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:2 AULAS DE 50 MINUTOS, DE 1 HORA E 40 MINUTOS.
DISCIPLINA:EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA: 02/07/24
/TEMA DA AULA/CONTEUDO: Eleição democrática do título do trabalho e planejamento participativo para festival de esportes adaptados.	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF04: Experimentar e praticar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Desenvolver a capacidade de comunicação e colaboração em atividades coletivas, fomentar o espírito democrático e a inclusão social através da prática de esportes adaptados. Envolver os alunos no processo democrático de escolha do título do trabalho de mestrado. Promover a participação ativa dos alunos na organização e planejamento do festival de esportes adaptados. Ensinar os alunos a importância da inclusão e da diversidade nas práticas esportivas.	

DESENVOLVIMENTO:

1. Introdução

- Apresentação do tema da aula pelo professor.
- Explicação sobre a importância da escolha democrática do título do trabalho de mestrado.

2. Roda de Conversa

Discussão em grupo sobre possíveis títulos para o trabalho.

Apresentação do título sugerido por um aluno

“ Inclusão de todos em uma sociedade boa e democrática, sem divisão”.

Sendo três títulos sugeridos pelo professor nesse sentido.

“ Esportes adaptados com ferramenta de inclusão e democracia: A participação ativa de **todos na educação física**”.

“ Democracia e inclusão em movimento: O planejamento participativo e a prática de esportes adaptados nas aulas de educação física”.

“ Esportes adaptados e inclusão social: Promovendo a democracia e a participação nas aulas de educação física.

Debate sobre os títulos propostos.

3. Eleição Democrática :

Realização de votação para escolher o título do trabalho.

Anúncio do título escolhido: “ Democracia e inclusão em movimento: O planejamento participativo e a prática de esportes adaptados nas aulas de educação física”.

4. Planejamento do Festival :

Divisão da turma em grupos.

Distribuição das tarefas para cada grupo: elaboração, explicação, ensino e organização dos materiais para o festival.

Início do planejamento das atividades e organização dos recursos necessários.

RECURSOS:

Papel e caneta para anotações.

Cartazes e material gráfico para votação.

Mapas, bússolas e coordenadas para a atividade de caça ao tesouro.

Materiais esportivos para o festival (bolas, cones, apitos, etc.).

AVALIAÇÃO:

Participação e envolvimento dos alunos na roda de conversa e no processo de votação.

Engajamento dos grupos no planejamento e organização do festival de esportes adaptados.

Capacidade de comunicação e trabalho em equipe demonstrada pelos alunos durante a atividade.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

PLANO DE AULA/24

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"	
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	
ANO:9ºANO	CARGA HORÁRIA:5 aulas de 50 minutos
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA	DATA:09/07/2024
TEMA DA AULA/CONTEUDO: Festival de Inclusão e Movimento através dos esportes adaptados.(Goalball, futebol de 5, vôlei sentado, basquetebol adaptado do caranguejo, atletismo corrida adaptada).	
ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguagens	
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NESTA AULA(BNCC) EF89EF02: Experimentar e praticar diferentes modalidades esportivas e atividades corporais, adotando atitudes de cooperação e coletividade. EF89EF03: Analisar e selecionar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF04: Experimentar e praticar diferentes formas de organização do espaço, do tempo e dos materiais, considerando as características das atividades corporais. EF89EF06: Valorizar a diversidade de habilidades, ritmos e identidades nas práticas corporais, reconhecendo-as como elementos enriquecedores da cultura corporal de movimento. EF89EF07: Comunicar-se e utilizar diferentes linguagens (corporal, verbal, visual, escrita, digital etc.) para expressar e compreender ideias sobre saúde, bem-estar e qualidade de vida.	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Proporcionar aos alunos da escola a oportunidade de vivenciar os esportes adaptados de forma prática. Desenvolver habilidades motoras e sociais através da prática esportiva com autonomia e protagonismo. Sensibilizar toda a comunidade escolar sobre a importância da inclusão através dos esporte para todos. Promover a interação entre os alunos de diferentes turmas. Compreensão das diferenças com empatia e respeito a diversidade.	
Desenvolvimento: Este evento se propõe a desmistificar barreiras físicas e atitudinais, convidando a comunidade a vivenciar a intensidade, a estratégia e a beleza dos esportes adaptados. Através da participação ativa e da interação entre atletas com e sem deficiência, o festival fomenta a empatia, o respeito e a compreensão mútua. O som da bola no goalball, a agilidade dos jogadores de futebol de 5 guiados pela audição, a força e a precisão no vôlei sentado, a dinâmica peculiar do basquetebol adaptado do caranguejo e a determinação dos corredores no atletismo adaptado ecoam como poderosas mensagens de que o movimento e a paixão pelo esporte pertencem a todos. Mais do que um evento pontual, o festival almeja inspirar a criação de espaços contínuos para a prática de esportes adaptados em Marataízes, fortalecendo a inclusão em todos os âmbitos da vida social. Ao destacar o potencial dos atletas com deficiência e ao proporcionar momentos de convívio e aprendizado, o festival planta sementes de uma sociedade mais justa, equitativa e verdadeiramente inclusiva, onde a capacidade se manifesta em múltiplas formas e o movimento se torna sinônimo de liberdade e pertencimento.	

RECURSOS:

Materiais esportivos para o festival (bolas, cones, apitos, etc.).

AVALIAÇÃO:

Participação e envolvimento dos alunos na roda de conversa e no processo de votação.

Engajamento dos grupos no festival de esportes adaptados.

Capacidade de comunicação e trabalho em equipe demonstrada pelos alunos durante a atividade.

REFERENCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.:

Fonte: Autor, 2024

APÊNDICE C - AVALIAÇÕES APLICADAS

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"		
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO:9ºANO	DATA:16/04/24	ALUNO(A):
EDUCAÇÃO FÍSICA		
CONTEÚDO: GOALBALL: QUEBRANDO BARREIRAS: DESVENDANDO O MUNDO DO GOALBALL		

FEEDBACK E REFLEXÕES SOBRE AULA DEGOALBALL

1. Qual a importância da confecção das máscaras e das atividades com os olhos vendados para a compreensão do goalball e das dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência visual no dia a dia?
2. Como as adaptações realizadas no campo de jogo e na bola contribuíram para a prática do goalball pelos alunos?
3. Quais as principais diferenças entre o goalball adaptado e o jogo oficial?
4. Após a experiência com o goalball, qual a sua percepção sobre a importância da inclusão de pessoas com deficiência visual em atividades esportivas?

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"		
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO:9ºANO	DATA:	ALUNO(A):
EDUCAÇÃO FÍSICA		
CONTEÚDO: FUTEBOL DE 5		

FEEDBACK E REFLEXÕES SOBRE AULA DE FUTEBOL DE 5

1. Como a prática do Futebol de 5, mesmo sem a presença de alunos com deficiência visual, pode promover a inclusão e a valorização da diversidade dentro do contexto escolar?
2. Considerando as adaptações necessárias para tornar o Futebol de 5 acessível a pessoas com deficiência visual, que outras medidas poderiam ser implementadas para tornar outras atividades esportivas mais inclusivas?
3. De que forma a experiência de participar de um jogo adaptado de Futebol de 5 impactou sua percepção sobre as capacidades individuais e a importância do trabalho em equipe?

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"		
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO:9ºANO	DATA:28/05/24	ALUNO(A):
EDUCAÇÃO FÍSICA		
CONTEÚDO: VÔLEI SENTADO		

1.

FEEDBACK E REFLEXÕES SOBRE AULA DE VÔLEI SENTADO

1. Como o vôlei sentado contribui para a inclusão de pessoas sem habilidades e com deficiência? Conhece alguma experiência? Quais são os benefícios dessa prática esportiva em termos de empatia e respeito?
2. Quais adaptações específicas são necessárias para jogar vôlei sentado? Como podemos ser criativos na elaboração de campo de na montagem da rede para garantir uma experiência inclusiva?
3. Quais são as principais diferenças entre o vôlei sentado e o vôlei tradicional? Como essas diferenças impactam a dinâmica do jogo e a participação dos jogadores?
4. Quais desafios os jogadores enfrentam ao praticar vôlei sentado? E quais oportunidades essa modalidade oferece para promover a saúde , a coordenação motora e a integração social?

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"		
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO:9ºANO	DATA:04/06/24	ALUNO(A):
EDUCAÇÃO FÍSICA		
CONTEÚDO: BASQUETEBOL ADAPTADO		

FEEDBACK E REFLEXÕES SOBRE AULA DE BASQUETEBOL ADAPTADO

1. Como se sentiram ao praticar basquetebol adaptado?
2. Quais foram as principais dificuldades encontradas?
3. O que aprenderam sobre inclusão e empatia?

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"		
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO:9ºANO	DATA:11/06/24	ALUNO(A):
EDUCAÇÃO FÍSICA		

FEEDBACK E REFLEXÕES SOBRE ATLETISMO: Correndo Juntos: Atletismo para Todos.

Corrida adaptada: Atletismo corrida convencional e adaptada com máscara.

1. Após vivenciar a corrida com os olhos vendados e utilizar as guias, como você avalia a importância do guia para um atleta com deficiência visual? Quais as principais dificuldades encontradas e como elas foram superadas na atividade?
2. Quais as principais diferenças que você percebeu entre correr com e sem a máscara? Como essas diferenças influenciam a percepção espacial, a orientação e a confiança do atleta?
3. Quais habilidades e qualidades você acredita serem mais importantes para um guia de atleta com deficiência visual? Justifique sua resposta.
4. Como a prática do atletismo adaptado pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva?

UNIDADE ESCOLAR: E.M.E.B. "PROFª MARIA DA COSTA MACHADO"		
PROFESSOR:BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES		
ANO:9ºANO	DATA:09/07/24	ALUNO(A):
EDUCAÇÃO FÍSICA		

FEEDBACK E REFLEXÕES

Após vivenciarmos juntos as modalidades de goalball, futebol de 5, vôlei sentado, basquetebol adaptado (caranguejo) e atletismo adaptado, e compreendermos as adaptações necessárias para a prática esportiva de pessoas com deficiência, convido vocês a refletirem sobre a seguinte questão:


1. Como essas experiências transformaram sua visão sobre o esporte e sobre as pessoas com deficiência?
2. Considerando as dificuldades enfrentadas por essas pessoas no dia a dia e as adaptações que tornam os esportes acessíveis a todos, como vocês entendem a importância da inclusão no esporte e na sociedade em geral?
3. Escrevam um texto refletindo sobre as mudanças em seu comportamento, suas percepções sobre as adaptações nos esportes e como vocês se comportam agora em relação às pessoas com deficiência.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: ENSINO DE JOGOS E ESPORTES ADAPTADOS: INCLUSÃO DE ESTUDANTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 30			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Educação Física			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES			
6. CPF: 072.391.847-30		7. Endereço (Rua, n.º): SIMÃO SOARES BELVEDERE MARATAIZES ESPIRITO SANTO 29345000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 27992224850	10. Outro Telefone:	11. Email: brunogomesrneves@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 06 / 10 / 2023		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO		13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo
15. Telefone: (27) 4009-2636		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: OTÁVIO GUIMARÃES TAVARES DA SILVA		CPF: 847.176.457-15	
Cargo/Função: Diretor CEFD/UFES		 Documento assinado digitalmente OTAVIO GUIMARAES TAVARES DA SILVA Data: 09/10/2023 17:50:11-0300 Verifique em https://validar.itl.gov.br	
Data: 06/10/2023		Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este termo tem como finalidade convidar seu (ua) filho (a) _____

a participar da pesquisa intitulada: “ **Ensino de Jogos e Esportes Adaptados: Inclusão de Estudantes Portadores de Deficiências nas aulas de Educação Física**”, nos anos de 2023 e 2024. A ser desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª “Maria da Costa Machado”, no município de Marataízes/ES onde atuo como docente. Os participantes da pesquisa serão os estudantes matriculados nas turmas de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II, com faixa etária compreendida entre 14 e 17 anos, e pelo professor de Educação Física, Bruno Gomes Rodrigues Neves, aluno do curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Aprovado pelo Comitê de Ética de acordo com o CAE, que poderá ser acionado para o caso de denúncia e/ou intercorrência na pesquisa, que tem com objetivo ensinar e executar ações pedagógicas que possibilitarão o estudante conhecer, vivenciar e refletir sobre atividades de esportes convencionais e adaptados, além de permitir que o(a) estudante possa experimentar e enriquecer seus conhecimentos e valores sobre as atividades do ensino de jogos e esportes adaptados na promoção da inclusão e da participação ativa de alunos com deficiência no contexto escolar e conscientizar os alunos “sem correspondência”, ou seja, aqueles que não compartilham a mesma condição (neste caso, uma deficiência). Sua participação ocorrerá em um projeto desenvolvido nas aulas de educação física, que utilizarão os procedimentos os quais os estudantes irão responder questionários, participar de palestras, rodas de conversa e nas aulas utilizarão as metodologias previamente preparadas pelos professor.

Aulas de Educação Física ocorrem 1 vez na semana, sendo duas aulas com uma duração de 50 minutos cada, totalizando 1:40 min de aula por semana. O projeto está previsto para ser realizado em dois trimestres, 24 semanas. As aulas ocorrerão de forma prática e teórica, aplicando a metodologia pedagógica traçada no

projeto. Para proporcionar uma experiência educacional ampla, planejamos realizar algumas aulas em diferentes locais. Esta iniciativa conta com o apoio da comunidade escolar e de instituições parceiras, como as Secretarias de Educação e de Esportes da Prefeitura de Marataízes e a Universidade Federal do Espírito Santo.

Os riscos em participar do estudo são mínimos, entretanto o estudante poderá sentir-se constrangido/a e desconfortável ao ser filmado ou fotografado durante as aulas. Durante as atividades práticas na escola haverá risco de queda, contusões, torções, cortes, lesões leves, luxações dentre outros pequenos ferimentos (aos quais todos os estudantes estão sujeitos nas aulas de Educação Física) que serão prontamente atendidos pelo professor e equipe escolar, e sendo necessário, o estudante será encaminhado e acompanhado para o atendimento médico.

Para efeito de amenizar/reduzir os riscos durante e após a pesquisa, o pesquisador deve obter o consentimento informado de todos os participantes. Isso inclui explicar claramente os objetivos da pesquisa, os procedimentos que serão usados, os benefícios potenciais e os riscos envolvidos. Todas as informações coletadas sejam mantidas em sigilo e que a privacidade dos participantes seja respeitada. Isso pode ser feito através do uso de pseudônimos ou códigos para identificar os participantes, e garantindo que os dados sejam armazenados de forma segura. Todas as atividades sejam supervisionadas por profissionais qualificados e que equipamentos de segurança adequados sejam usados. Monitorar os participantes para quaisquer efeitos adversos. Se surgirem problemas, o pesquisador deve estar preparado para fornecer ou encaminhar para apoio e assistência adequados.

As aulas serão registradas em imagens e vídeos, assim como em um diário de bordo, garantindo o sigilo e privacidade daqueles que não autorizem o uso da imagem e voz. Parte desse material audiovisual ficará disponível para futuras consultas e estudos em um e-book intitulado "Inclusão Ativa: Estratégias para o Ensino de Jogos e Esportes Adaptados para Alunos com Deficiência". Todas as observações, registros e anotações serão mantidos em estrita confidencialidade pelos pesquisadores para garantir a privacidade dos participantes.

Segundo a resolução 466/12 é garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de dano decorrente da pesquisa, será garantido também o ressarcimento em caso de despesa para participação na pesquisa. Ressaltando aqui que esta pesquisa será custeada pelo pesquisador.

- () Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da imagem e/ou voz;
- () Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da imagem e/ou voz;
- () Autorizo a gravação mas não a divulgação da imagem e/ou voz.

Dentro dos benefícios da participação nesta pesquisa podemos citar a contribuição para a formação dos estudantes, possibilitando-lhes conhecer e experimentar um conteúdo raramente trabalhado nas aulas de Educação Física na escola. A inclusão de pessoas com deficiência na educação física escolar não se trata apenas de garantir direitos humanos, mas também de uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade de vida da comunidade como um todo.

A participação do(a) seu (ua) filho (a) é voluntária, isto é, a qualquer momento ele (a) pode recusar-se a participar da pesquisa e ter preservada sua imagem e voz. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados. Caso necessite de esclarecimentos sobre a pesquisa, o contato poderá ser feito com o pesquisador: Bruno Gomes Rodrigues Neves, (27) 992224850, e-mail: brunogomesneves@gmail.com ou bruno.g.neves@edu.ufes.br. Caso queira fazer alguma denúncia ou haja alguma intercorrência na pesquisa, você poderá acionar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras que fica no Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, sala 07, Campus Universitário de Goiabeiras - Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES, CEP: 29060-970. Tel: (27) 3145-9820. E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Desde já agradecemos!

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha

Orientando: Bruno Gomes Rodrigues Neves

Universidade Federal do Espírito Santo

Marataízes/ES, ____ de _____ de 20 ____.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo em liberar o estudante a participar do estudo, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Autorizo também o uso de sua imagem e voz sem ônus para a pesquisadora, com o

único objetivo de uso em sua dissertação.

Nome do responsável do participante : _____

Nome do participante: _____

Pesquisador: _____

Bruno Gomes Rodrigues Neves CREF 003344/ G ES

ANEXO C - TERMO DE ASSENTIMENTO

2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

TERMO DE ASSENTIMENTO

O(a) Sr.(a) está sendo convidado a participar da pesquisa: "**Ensino de Jogos e Esportes Adaptados: Inclusão de Estudantes Portadores de Deficiências nas aulas de Educação Física nos anos de 2023 e 2024**", a ser desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª "Maria da Costa Machado", localizada em Brejos dos Patos no município de Marataizes - ES onde atuo como docente. Os sujeitos da pesquisa serão os estudantes matriculados na turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, no ano de 2023 e 2024, totalizando os alunos matriculados nesta série no ano letivo, com faixa etária compreendida entre 14 e 17 anos, e pelo professor de Educação Física, Bruno Gomes Rodrigues Neves, aluno do curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Aprovado pelo Comitê de Ética de acordo com o CAE....., que poderá ser acionado para o caso de denúncia e/ou intercorrência na pesquisa, esta tem como objetivo investigar e analisar o papel do ensino de jogos e esportes adaptados na promoção da inclusão e da participação ativa de alunos com deficiência no contexto escolar.

Sua participação ocorrerá em um projeto desenvolvido nas aulas de educação física, que utilizarão os procedimentos os quais os estudantes irão responder questionários, participar de palestras, rodas de conversa e nas aulas utilizarão as metodologias previamente preparadas pelos professor.

Aulas de Educação Física ocorrem 1 vez na semana, sendo duas aulas com uma duração de 50 minutos cada, totalizando 1:40 min de aula por semana. Sendo um trabalho coparticipativo com os alunos e juntos solucionar as problemáticas que possa aparecer no decorrer das aulas, desenvolvendo a democracia, autonomia e o protagonismo.

O projeto está previsto para ser realizado em dois trimestres, 24 semanas. Sendo a primeira aula de educação física (50 min) para resposta de questionário, a segunda (50 min) aula uma roda de conversa. Terceira e quarta aula, palestra sobre o Ensino de Jogos e Esportes Adaptados, Inclusão de Estudantes Portadores de Deficiência nas Aulas de Educação Física (1:40 min). As demais aulas ocorrerão de forma prática e teórica, aplicando a metodologia pedagógica traçada no projeto.

Os riscos em participar do estudo são baixos, entretanto o participante pode se machucar ou sentir algum desconforto nas aulas de educação física, tendo a intervenção do professor neste momento para atendê-lo. As atividades na escola serão fotografadas, filmadas e registradas em um diário de bordo, garantido o sigilo e privacidade daqueles que não autorizarem o uso de imagem e voz. Segundo a resolução 466/12 é garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de dano decorrente da pesquisa, será garantido também o ressarcimento em caso de despesa para participação na pesquisa.

- () Sim, autorizo a gravação E/OU divulgação da imagem e/ou voz;
- () Não, não autorizo a gravação E/OU divulgação da imagem e/ou voz;
- () Autorizo a gravação mas não a divulgação da imagem e/ou voz.

Dentro dos benefícios da participação nessa pesquisa posso citar a aquisição de conhecimentos sobre a importância da inclusão de alunos com necessidades especiais, respeito e conhecimento sobre as diversas deficiências, melhor prática da cultura corporal de movimento, vivência de jogos e esportes adaptados, estimulando a criatividade, o raciocínio lógico, trabalho em equipe, superação e crescimento pessoal, respeito às regras, autonomia, protagonismo, além da promoção de ações que colaborem com a formação de sujeitos ativos, que possuam valores éticos e com condições de exercer atitudes responsáveis como sujeitos da construção de uma sociedade mais justa solidária com equidade.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a participar da pesquisa e ter preservada sua imagem e voz. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados. O termo será impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as suas páginas pelo pesquisador e pelo participante, o qual ficará com uma delas constando o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Caso necessite de esclarecimentos sobre a pesquisa, o contato poderá ser feito com o pesquisador: Bruno Gomes Rodrigues Neves, (27) 992224850, e-mail: brunogomesrneves@gmail.com ou bruno.g.neves@edu.ufes.br. Caso queira fazer alguma denúncia ou haja alguma intercorrência na pesquisa, você poderá acionar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras que fica

no Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, sala 07, Campus
Universitário de Goiabeiras - Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES, CEP: 29060-970.
Tel: (27) 3145-9820. E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Desde já agradecemos!

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha

Orientando: Bruno Gomes Rodrigues Neves

Universidade Federal do Espírito Santo

Marataízes/ES, ____ de _____ de 20 ____.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE ASSENTIMENTO** e estou de acordo em participar do estudo, participando das atividades propostas, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Autorizo também o uso de minha imagem e voz sem ônus para o pesquisador, com o único objetivo de uso em sua dissertação.

Nome do Participante: _____

Participante da Pesquisa: _____

(Assinatura)

Pesquisador: _____

Bruno Gomes Rodrigues Neves – CREF 003344 G/ES

ANEXO E - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NA EMEB. PROFª MARIA DA COSTA MACHADO

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Marataízes ES, 13 de Novembro de 2023

A Diretora Arlyandrea Vargas de Jesus Alves.

Bruno Gomes Rodrigues Neves, aluno regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do professor Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha, vem solicitar autorização de pesquisa de dissertação junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental II "Profª Maria da Costa Machado".

Título da pesquisa: "Ensino de Jogos e Esportes Adaptados: Inclusão de Estudantes Portadores de Deficiência nas aulas de Educação Física."

- **Objetivo:** Investigar e analisar o papel do ensino de jogos e esportes adaptados na promoção da inclusão e da participação ativa de alunos com deficiência no contexto escolar.
- **Materiais e métodos:** Questionário / roteiro de observação / filmagens / fotografias / aulas teóricas e práticas.
- **Período:** 2023 e 2024.

Informamos também que todos os cuidados serão tomados em observância ao disposto na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que define e regulamenta diretrizes para realização de pesquisa envolvendo seres humanos.

Sendo só para momento, reiteramos admiração, respeito e estima enquanto aguardamos deferimento oficial.

Atenciosamente,

BRUNO GOMES R. NEVES

PROF. LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA

CPF 07239184730

Orientadora Pesquisa

Documento assinado digitalmente
gov.br
BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES
Data: 13/11/2023 17:13:32-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA

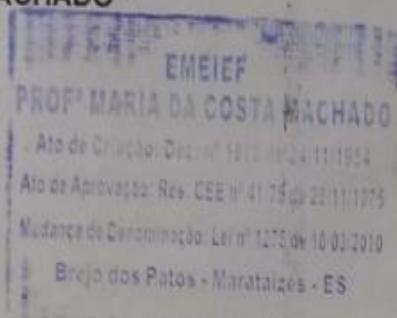


O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por LUIZ ALEXANDRE OXLEY DAROCHA - SIAPE 2204027 Departamento de Ginástica-DG/CEFD Em 13/11/2023 às 15:44

Para verificar a assinatura e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/835494?tipoArquivo=O>

ANEXO F - AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NA EMEB. PROFª MARIA DA COSTA MACHADO

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL II " MARIA DA COSTA MACHADO "



Marataízes/ES, 13 novembro de 2023.

À

Bruno Gomes Rodrigues Neves

Em resposta a solicitação de realização de pesquisa : ENSINO DE JOGOS E ESPORTES ADAPTADOS, INCLUSÃO DE ESTUDANTES PORTADORES COM DEFICIÊNCIA NA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, nos anos 2023 e 2024, AUTORIZAMOS a realização da pesquisa em nossa unidade de ensino, com nossos alunos do Ensino Fundamental II, durante os anos de 2023 e 2024 para, especificamente , a confecção da dissertação do mestrando Bruno Gomes Rodrigues Neves , sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha.

Atenciosamente,

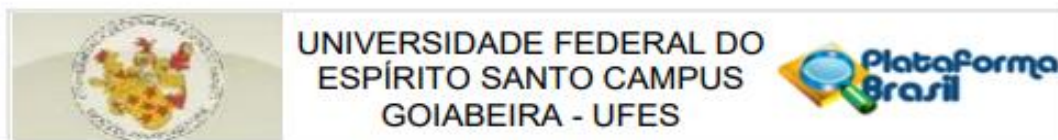
Diretora: Arlyandrea Vargas de Jesus Alves

Matricula –

Arlyandrea Vargas de Jesus
Diretora
Aut. N° 075/07

Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental " Maria da Costa Machado

ANEXO G - PARECER R CONSUBSTANCIADO DO CEP.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENSINO DE JOGOS E ESPORTES ADAPTADOS: INCLUSÃO DE ESTUDANTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pesquisador: BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75734523.2.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.561.794

Apresentação do Projeto:

Com o propósito de "entender como a prática de jogos e esportes adaptados pode ajudar a integrar de maneira mais eficaz os alunos com deficiência nas atividades físicas, proporcionando-lhes oportunidades iguais e promovendo sua participação ativa", o pesquisador ressalta que "a pesquisa irá explorar como essa abordagem específica pode contribuir para uma educação mais inclusiva e equitativa, considerando as necessidades e os desafios enfrentados por esses alunos".

Objetivo da Pesquisa:

Com o objetivo de "Investigar e analisar o papel do ensino de jogos e esportes adaptados na promoção da inclusão e da participação ativa de alunos com deficiência no contexto escolar", a dissertação buscará "aprofundar o conhecimento nesta área, analisando práticas pedagógicas, identificando desafios e propondo sugestões para aprimorar a qualidade do ensino dessas práticas".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Entre os benefícios, o autor destaca que haverá, da parte dos participantes, "contribuição para a formação dos estudantes, possibilitando-lhes conhecer e experimentar um conteúdo raramente trabalhado nas aulas de Educação Física na escola". O pesquisador ainda faz uma ressalva importante: "inclusão de pessoas com deficiência na educação física escolar não se trata apenas de garantir direitos humanos, mas também de uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade de

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27) 3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO CAMPUS
GOIABEIRA - UFES



Continuação do Parecer: 6.561.794

vida da comunidade como um todo"

Entre os riscos potenciais da pesquisa, destaca o pesquisador que a participação na pesquisa apresenta riscos mínimos, como, por exemplo, o constrangimento ou o desconforto ao ser filmado ou fotografado durante as aulas. O autor também acrescenta o risco de quedas, contusões, torções, cortes, lesões leves, luxações entre outros pequenos ferimentos a que todo e qualquer estudante está sujeito nas aulas de Educação Física. O professor, também pesquisador, afirma que estará atento e disposto a atender prontamente a quem passar por essas situações, encaminhando e acompanhando, junto a outros membros da equipe escolar, a um atendimento médico.

Para minimizar esses riscos, o pesquisador se compromete a, em primeiro lugar, "obter o consentimento informado de todos os participantes. Isso inclui explicar claramente os objetivos da pesquisa, os procedimentos que serão usados, os benefícios potenciais e os riscos envolvidos". A partir do consentimento, outros compromissos são assumidos: "Todas as informações coletadas sejam mantidas em sigilo e que a privacidade dos participantes seja respeitada. Isso pode ser feito através do uso de pseudônimos ou códigos para identificar os participantes, e garantindo que os dados sejam armazenados de forma segura." Com relação a eventuais riscos de os participantes se machucarem durante as atividades, o pesquisador afirma: "Todas as atividades sejam supervisionadas por profissionais qualificados e que equipamentos de segurança adequados sejam usados. Monitorar os participantes para quaisquer efeitos adversos. Se surgirem problemas, o pesquisador deve estar preparado para fornecer ou encaminhar para apoio e assistência adequados."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem um potencial de contribuição social muito grande e coloca em evidência o tema da inclusão social de pessoas com deficiência nas escolas. Assim como "diversos autores têm contribuído com estudos e reflexões acerca do tema", o pesquisador pretende, com este trabalho, se inserir no rol desses pesquisadores, apresentando pesquisa potente e bem fundamentada, tanto metodologicamente quanto epistemologicamente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- folha de rosto: é apresentada e assinada tanto pelo pesquisador quanto pelo diretor do CEFD, Prof. Otávio Guimarães Tavares da Silva.
- carta de anuência: é apresentada e assinada pela diretora da Escola Municipal de Ensino

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

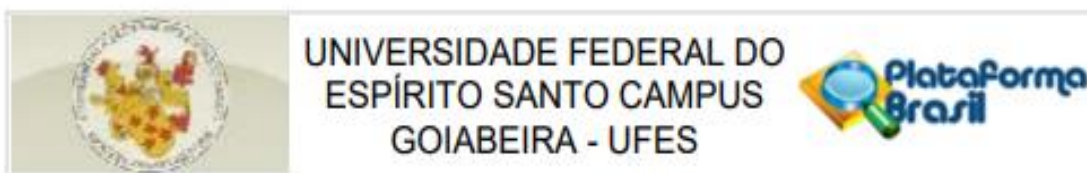
CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27) 3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.561.794

Fundamental Profa. Maria da Costa Machado, que se localiza no município de Marataízes (ES). A diretora que assina o documento é a Profa. Arlyandrea Vargas de Jesus Alves.

- o TCLE: está em linguagem acessível e de acordo com as orientações, dado que será aplicado apenas a maiores de 18 anos. Todas as demais informações importantes e relevantes estão presentes ([não] custo; riscos; benefícios; garantias de ressarcimento, se for o caso; garantias de buscar indenização em caso de dano, se for o caso; garantias de desistir em qualquer tempo da pesquisa; tempo de duração; contatos do pesquisador e do CEP).

- TALE: está em linguagem acessível e de acordo com as orientações, dado que será aplicado apenas a maiores de 18 anos. Todas as demais informações importantes e relevantes estão presentes ([não] custo; riscos; benefícios; garantias de ressarcimento, se for o caso; garantias de buscar indenização em caso de dano, se for o caso; garantias de desistir em qualquer tempo da pesquisa; tempo de duração; contatos do pesquisador e do CEP). Apenas uma pequena informação precisaria ser corrigida (ver seção "Recomendações")

- os cronogramas do documento brochura e PB estão idênticos e manifestam o compromisso de que a pesquisa vai se realizar apenas após aprovação deste CEP. Não há um arquivo em separado apenas com o cronograma da pesquisa.

Recomendações:

- Apresentar um cronograma em separado apenas com o cronograma da pesquisa e que seja idêntico ao que foi apresentado no documento Brochura.

- Ajustar o TALE, apenas no que se refere à idade esperada para quem frequenta o Ensino Fundamental: em vez de 14 a 17 anos, como está no documento, o EF2 costuma ser voltado para quem tem entre 11 e 14 anos.

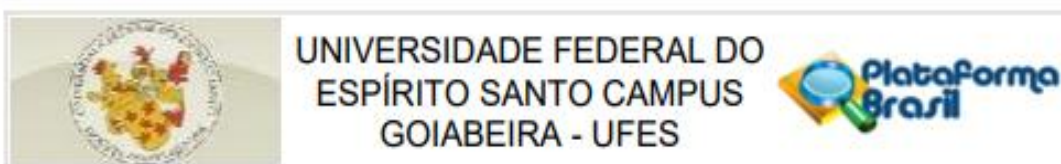
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa tem relevância e mérito técnico, e todos os documentos necessários foram devidamente apresentados para esta análise. Solicitamos atenção do pesquisador às recomendações indicadas no campo anterior.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN	
Bairro: Goiabeiras	CEP: 29.075-910
UF: ES	Município: VITORIA
Telefone: (27) 3145-9820	E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.561.794

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2226671.pdf	13/11/2023 18:24:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_assentimentobruno.pdf	13/11/2023 18:21:33	BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	Aceito
Outros	carta_anuencia.pdf	13/11/2023 18:20:09	BRUNO GOMES RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_bruno.pdf	13/11/2023 18:18:47	BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_brunogomes.pdf	13/11/2023 18:14:21	BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	Aceito
Outros	autorizacao_pesquisa_bruno.pdf	13/11/2023 18:07:56	BRUNO GOMES RODRIGUES	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	pedido_pesquisa.pdf	13/11/2023 17:59:34	BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Bruno_Gomes.pdf	12/11/2023 23:04:47	BRUNO GOMES RODRIGUES	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2226671.pdf	09/10/2023 22:53:56		Aceito
Outros	QUESTIONARIO_ALUNO.pdf	09/10/2023 22:53:13	BRUNO GOMES RODRIGUES	Postado
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_BRUNO.pdf	09/10/2023 22:47:27	BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.pdf	09/10/2023 22:42:21	BRUNO GOMES RODRIGUES NEVES	Postado
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Bruno_Gomes.pdf	09/10/2023 22:36:02	BRUNO GOMES RODRIGUES	Postado

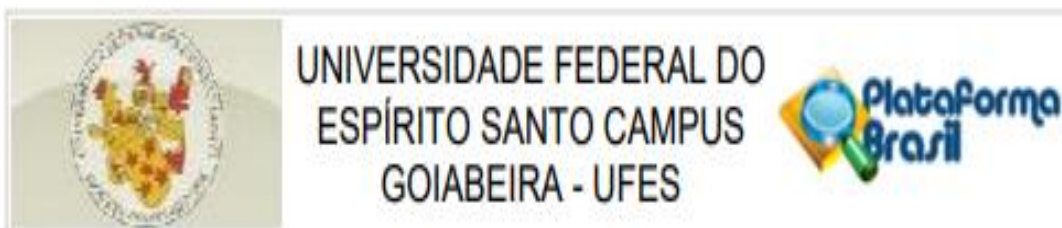
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN**Bairro:** Goiabeiras**CEP:** 29.075-910**UF:** ES**Município:** VITÓRIA**Telefone:** (27)3145-9820**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.561.794

VITÓRIA, 07 de Dezembro de 2023

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))